



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

JEFERSON DA SILVA SANTOS

**RAÍZES SUL-MATO-GROSSEENSES: A TRAJETÓRIA DA “DAMA DA VIOLA”
HELENA MEIRELLES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CULTURA MUSICAL CAPIRA**

Presidente Prudente - SP
2020



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
“JORNALISTA ROBERTO MARINHO”
DE PRESIDENTE PRUDENTE**

JEFERSON DA SILVA SANTOS

**RAÍZES SUL-MATO-GROSSEENSES: A TRAJETÓRIA DA “DAMA DA VIOLA”
HELENA MEIRELLES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CULTURA MUSICAL CAIPIRA**

Trabalho de Conclusão, apresentado à
Faculdade de Comunicação Social
“Jornalista Roberto Marinho”, da
Universidade do Oeste Paulista, como parte
dos requisitos para a sua conclusão.

Orientador:
Prof. Me. Homéro Ferreira

Presidente Prudente - SP
2020

JEFERSON DA SILVA SANTOS

**RAÍZES SUL-MATO-GROSSEENSES: A TRAJETÓRIA DA “DAMA DA VIOLA”
HELENA MEIRELLES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CULTURA MUSICAL CAIPIRA**

Trabalho de Conclusão, apresentado à Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”, da Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para a sua conclusão.

Presidente Prudente, 25 de Novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Me. Homéro Ferreira
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profª. Me. Giselle Tomé da Silva
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

Profª. Dra. Maria Luísa Hoffmann
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente-SP

DEDICATÓRIA

A Deus que me agraciou com o dom da vida, e me permitiu chegar até este ponto da vida acadêmica, aos professores, orientadores, funcionários e amigos discentes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), aos meus pais, familiares e amigos, que sempre irão me apoiar durante esta nova jornada.

AGRADECIMENTOS

Gratidão primeiramente a Deus por ter me dado forças para alçar voo permitindo que pudesse chegar onde cheguei.

Gratidão à minha família, em especial à minha mãe, que na fase de minha infância e adolescência se desdobrou em duas faces realizando os papéis de pai e mãe, ambos ao mesmo tempo, e pelas vezes que ela me arrastou para fora do quarto na intenção de que eu pudesse arejar a cabeça, bem como pelas vezes que eu me trancava no cômodo para jogar meu tempo fora quando estava cansado para ver séries de Bruxas antigas, a Saga do Senhor dos Anéis e a Cronologia da Mitologia Greco-Romana, mas que no fim dizia que estava estudando para não causar uma péssima impressão.

Gratidão ao meu orientador professor mestre Homéro Ferreira por me ensinar não só o amor à profissão, mas por calçar a minha trilha e mesmo diante de alguns deslizes por mais íngreme que a estrada pudesse ser, sempre me colocava dentro dos eixos novamente, além de doar um pedaço do seu “eu” de forma significativa na busca de adotarmos uma excelente condução para este trabalho e com extrema sabedoria. Você, professor, desperta em mim e tenho certeza que a todos que o rodeia, uma admiração de modo único e singelo, para mim uma clara fonte de inspiração.

Gratidão à professora mestre Lêda Márcia Litholdo que, logo no início do projeto concedeu um grande suporte indicando o melhor caminho para iniciar o trabalho em radiocomentário e formas de pesquisas na área. Gratidão ainda, pelo acolhimento que tive logo que nos conhecemos no primeiro termo, pois me ajudou com seu notório saber, a driblar o medo e a dificuldade de verbalizar devido alguns traumas sofrido na infância. Mesmo não ganhando um daqueles bombons ao final de cada criptograma, ganhei uma amiga que me fortaleceu durante os meus quatro anos de passagem pela faculdade.

Gratidão às professoras Thaisa Sallum Bacco e Maria Luisa Hoffman pelas aulas ministradas em Metodologia de Pesquisa em Jornalismo e por terem me aturado em alguns de meus devaneios e por me ajudarem limpar a vidraça do trabalho quando ainda estava meio embaçado e difícil de enxergar. Gratidão por tudo que me proporcionaram e que ainda me proporcionam visando a qualidade de se construir internamente um bom profissional. Nós somos um time que quando em campo um ganha, todos nós nos tornamos vencedores.

Gratidão às professoras Fabiana Alves e Giselle Tomé, que fizeram o tempo não passar, mas voar e manter vivo a curiosidade de saber mais e mais. Duas grandes professoras e profissionais que fomentaram novas formas de aprendizado e de escrita, além de momentos descontraídos.

Gratidão aos amigos que fizeram as subidas de rampas parecerem suportáveis e agradáveis diante de acontecimentos em que deixavam alguns de meus momentos com máxima nebulosidade, naquelas ocasiões difíceis o “meu INMET” apontava que vocês foram luzes em minha vida.

Gratidão ao meu estado, Mato Grosso do Sul, que possui tantas outras histórias de igual riqueza cultural, mas que não pude abarcar neste trabalho por limitação de objetivo.

Gratidão a todos os facoppianos, cada um vindo de um lugar diferente, a troca de experiência foi difundida em aprendizado.

Gratidão a todos que contribuíram direta ou indiretamente com este projeto.

Por fim, gratidão a Facopp - Unoeste que me ofereceu ferramentas para execução do trabalho de forma satisfatória.

A gratidão é a virtude das almas nobres. (Esopo).

*“Eu pedi para o Meu Deus, que quando eu morrer quero
um cantinho perto do Senhor para eu ficar tocando meu
violão. ”*
(Helena Meirelles)

RESUMO

RAÍZES SUL-MATO-GROSSENSSES: A TRAJETÓRIA DA “DAMA DA VIOLA” HELENA MEIRELLES E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CULTURA MUSICAL CAIPIRA

O presente trabalho de caráter de extensão e gênero documental, está voltado à produção sonora de programa a ser ofertado ao Museu Helena Meirelles, recentemente criado na cidade de Bataguassu, no leste de Mato Grosso do Sul, onde nasceu essa violeira de projeção internacional. A proposta foi sistematizar em áudio sua trajetória, com a produção de programa do gênero radiodocumentário, cuja abordagem propõe analisar, por meio de dados disponibilizados em diferentes plataformas de streaming de músicas, documentários disponíveis no Youtube, e por meio de entrevistas realizadas com a prática do jornalismo, para apurar qual foi a sua contribuição no cenário musical propriamente caipira. O método adotado foi o biográfico e a história oral que associada a outro método se torna técnica e assim contemplam problematização, justificativas e objetivos. As discussões jornalísticas estiveram voltadas para compreender melhor o produto radiodocumentário, visto durante o curso na Facopp, e que teve um maior aprofundamento, inclusive para entender como esse gênero jornalístico se diferencia de outro produto semelhante, que é o programa de reportagem. O programa Repórter Web, peça prática deste estudo, apresenta um vasto conteúdo, falas de quatro personagens incluindo relatos de Helena Meirelles e várias ilustrações sonoras e musicais que totalizaram 40 minutos de duração.

Palavras-Chave: Rádio. Radiodocumentário. Helena Meirelles. Bataguassu. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

SOUTH-MATO-GROSSENSE ROOTS: THE PATH OF “DAMA DA VIOLA” HELENA MEIRELLES AND ITS CONTRIBUTION IN CAIPIRA MUSICAL CULTURE

The present work of extension character and documentary genre, is focused on the sound production of program to be offered to the Helena Meirelles Museum, recently created in the city of Bataguassu, in the east of Mato Grosso do Sul, where this international lysing guitar tree was born. The proposal was to systematize in audio its trajectory, with the production of a program of the radio documentary genre, whose approach proposes to analyze, through data made available in different platforms of streaming music, documentaries available on Youtube, and through interviews conducted with the practice of journalism, to determine what was its contribution in the musical scene itself. The method adopted was the biographical and oral history that associated with another method becomes technical and thus contemplate problematization, justifications and objectives. The journalistic discussions were aimed at better understanding the radio documentary product, seen during the course at Facopp, and which had a deeper deepening, including to understand how this journalistic genre differs from another similar product, which is the reporting program. The Program Reporter Web, practical piece of this study, presents a vast content, speeches of four characters including reports by Helena Meirelles and various sound and musical illustrations that totaled 40 minutes of duration..

Keywords: Radio. Radiodocumentary. Helena Meirelles. Bataguassu. Mato Grosso do Sul.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	Objetivos.....	12
1.1.1	Objetivo geral.....	12
1.1.2	Objetivo específico.....	12
1.2	Metodologia.....	12
1.2.1	A <i>Autopoiese</i>: Linguagem literária como complemento da científica.....	15
2	MARCO TEÓRICO.....	18
2.1	Helena Meirelles	18
2.2	Gêneros Musicais Campesinos	26
2.2.1	Rasqueado	26
2.2.2	Polca Paraguaia	28
2.3	Radiojornalismo Como Gênero Informativo	29
2.4	Radiodocumentário	30
2.4.1	Origem	30
2.5	Características do Documentário	32
2.6	Narrativas	33
	Resultados	35
	Discussões	36
	REFÊRENCIAS	39
	APÊNDICES.....	41
	APÊNDICE A - PROJETO EDITORIAL	42
	APÊNDICE B – PAUTAS.....	50
	APÊNDICE C – DIÁRIOS DE CAMPO	62
	APÊNDICE D – SCRIPT.....	68
	APÊNDICE E – ESPELHO DO PROGRAMA	78
	APÊNDICE F – GRÁFICOS DE CUSTOS	82
	ANEXOS	85

ANEXO A ENTREVISTAS	86
ANEXO B CAUSOS HELENA MEIRELLES	125
ANEXO C LEI MUNICIPAL - CRIAÇÃO DO MUSEU	130
ANEXO D REVISTA MARIE CLAIRE	133

1 INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um radiodocumentário surgiu no decorrer do 5º termo de Jornalismo, na disciplina de Radiojornalismo III, assunto sistematizado e debatido de forma exaustiva com o então orientador em 2019, mas posto em prática no presente semestre. O documentário enquanto um gênero do jornalismo busca um olhar aprofundado sob determinado assunto, fato, acontecimento ou personalidade. De caráter totalmente autoral, ele minimiza a figura do repórter e na confecção final do produto dá espaço a quem faz ou fez parte de determinado acontecimento. Enquanto técnica traz fatos, resgata histórias e busca contextualizar com o presente, abraça, dentro da origem, o conceito da crença popular admitida a partir de experiências de outros indivíduos, podendo julgar que é a busca de uma realidade retratada em narrativa enquanto técnica de rádio, e levada ao ouvinte.

O radiodocumentário pode se utilizar de recursos e técnicas como, por exemplo, sons, estilos e formas ligados à narração, enquanto a persuasão é um recurso de linguagem metalinguístico, sendo assim a base provocativa e instigadora na busca de extrair da fonte determinado ponto de vista sobre o assunto posto em discussão.

Este estudo é a sustentação para a produção do radiodocumentário intitulado: “Raízes Sul-Mato-Grossenses: A trajetória da ‘Dama da viola’ Helena Meirelles e sua contribuição na cultura musical caipira”, um trabalho voltado para contar a trajetória da violeira no município de Bataguassu, em Mato Grosso do Sul Helena Meirelles, popularmente conhecida como “A grande dama da Viola” que significa uma mulher que tem grandes habilidades com instrumentos de corda. A instrumentista, apesar de ter começado a tocar ainda criança, somente teve seu talento reconhecido para além do leste do Mato Grosso do Sul e extremo oeste de São Paulo depois dos seus 70 anos de idade.

Nascida em 1924 em uma fazenda de nome Jararaca em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande ao primeiro e antigo distrito da cidade de Bataguassu (MS), Porto XV, leste do Mato Grosso do Sul.

Helena Pereira da Silva Meirelles foi registrada tardiamente em Campo Grande (MS). A artista foi uma importante compositora, cantora e violeira. Aprendeu

a tocar violão com seu tio Leôncio, desde então passou a participar de festas na fazenda de seu avô paterno e arredores¹.

De acordo com Toffoli, Helena nunca frequentou escola. Casou-se aos 17 anos de idade e teve três filhos, mas a separação veio logo. O marido, tomado por ciúme, por conta do sucesso local da esposa, tentou impedir a violeira de tocar, dançar, entre outras coisas. Aos 21 anos abandonou o primeiro marido e juntou-se com um paraguaio que dominava violão e violino. Para Helena foi o marido ideal e companheiro, pois tiveram mais de oito anos de convivência e com ele mais dois filhos, mas separou-se novamente.(TOFFOLI, 2006).

Sem suportar as críticas da família com a vida errante que levava, entregou os filhos para pais adotivos, a partir de então começou a tocar em bares e viver em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e a quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11. ²

Neste período, continuou a tocar, principalmente polcas, chamamés, fandangos e outros ritmos mato-grossenses, e, apaixonada pela viola caipira, passou a participar de festas e bailes em locais afastados do interior do Mato Grosso do Sul, na região do Pantanal.

O prestígio e alavancagem profissional veio aos 70 anos de idade, após o sobrinho de Meirelles, enviar as gravações de algumas fitas para a revista norte-americana “*Guitar Player*”, especializada em instrumentos populares de cordas³. No ano de 2004 foi lançado um documentário “Helena Meirelles a Dama da Viola”, com direção de Francisco de Paula e trilha-sonora da própria Helena.

No mesmo ano, Helena participou do CD “Os Bambas da Viola”, da gravadora Kuarup, ao lado de Chico Lobo, Roberto Corrêa, Heraldo do Monte, Almir Sater e Renato Andrade. Faleceu em Campo Grande (MS) em 2005, aos 81 anos,

¹ Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

² Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

³ Entrevista concedida por Helena Meirelles à jornalista Lucy Dias correspondente Revista Italiana Marie Claire, edição de junho de 1994.

vítima de complicações pulmonares. Sobre a trajetória e vida da artista, o Marco Teórico deste trabalho apresentará mais informações.

Em 10 de dezembro de 2019, um museu foi fundado em Bataguassu (MS) com o seu nome, por ser a sua terra natal. O local guarda as principais memórias e inúmeras obras da musa do sertanejo originalmente raiz. A curiosidade é que Helena Meirelles não tocava viola, mas sim violão. O apelido de "A Grande Dama da Viola" foi atribuído carinhosamente pelo sobrinho Mário, cujo título foi adotado em partes na produção de um documentário no ano de 2004, dirigido por Francisco de Paula.

A biografia de Helena evidencia, além de uma importante relevância cultural, modo único de tocar e a perspicácia em que implantava influências paraguaias para dentro de seu estilo. O presente trabalho de gênero documental busca recuperar uma história rica e vasta de contos por meio de um documentário radiofônico, demonstrando como Helena ajudou a construir a identidade e difundir em território internacional a música caipira Sul-mato-grossense.

Como justificativa social, o presente trabalho documentou a história de uma personagem importante para Mato Grosso do Sul, ressaltando sua importância na região e no Brasil, tema que ainda não foi tratado com profundidade, além de ser um resgate histórico para as cidades de Bataguassu (MS), Campo Grande (MS), Capital do estado e, outras da região.

A escassez de produção que contemple o gênero radiodocumentário na Universidade do Oeste Paulista e no Brasil, ainda é pouco explorada por ser um tipo de programa relativamente novo. No campo acadêmico este estudo em volta do gênero documental para o rádio viabiliza potencial modelo de referência e busca contribuir para expansão de futuras produções.

Do ponto de vista pessoal, o trabalho proporcionou ao executor a experiência prática da produção para um documentário de rádio com a aplicação das técnicas de apuração, reportagem, entrevistas.

Nos itens a seguir encontram-se os objetivos, metodologias e as mais variadas formas que foram empregadas para produzir este resgate histórico. Ao fim do processo de entrevistas foi criado um "Diário de Campo" para o qual buscou dizer em como foi a fase de coleta oral com cada entrevistado até a produção final do documentário de rádio.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Documentar a vida e obra de Helena Meirelles, coletando dados disponíveis em diferentes plataformas e informações sobre suas contribuições com pessoas que foram de sua convivência.

1.1.2 Objetivos específicos

- Aprofundar estudos sobre a trajetória de Helena Meirelles desde seu nascimento até sua morte, detalhando sua vida e a sua música, através de um radiodocumentário, além de analisar a influência cultural violeira nos gêneros campesinos.
- Levantar fatos históricos sobre suas contribuições para a música caipira; e
- Produzir uma edição do programa: “Repórter Web” com o tema: Raízes Sul-Mato-Grossenses: A Trajetória Da “Dama Da Viola” Helena Meirelles e Sua Contribuição Na Cultura Musical Caipira.

1.2 Metodologia

Para a realização deste trabalho, o autor esquematizou etapas e instruções que foram trabalhadas em cada fase para levar a um resultado final. Em vista de proporcionar melhor suporte às ferramentas adotadas, a pesquisa de significado das etimologias em cada estágio e adoção destas metodologias, possibilitaram a ligação intrínseca de todas as fases à esta obra de forma que possibilitou a construção da biografia de Helena Meirelles por meio de um radiodocumentário. Os procedimentos adotados minimizaram falhas, erros e equívocos durante toda a fase de produção. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 65) o significado da palavra método corresponde a um:

[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

A sistematização dos passos descritos, além das pesquisas que foram realizadas na cidade de Bataguassu (MS) no primeiro bimestre de 2020, possibilitou a coleta de dados que compõem a parte teórica e inicial deste trabalho de gênero documental e biográfico. Por se tratar de um estudo histórico ao qual está pautado na “história oral” a partir de escutas, relatos e entrevistas, pois quando associada ao método biográfico se torna técnica e está respaldada na coleta de informações a partir de pessoas que fizeram parte da vida de Helena Meirelles. Para a exatidão dos materiais coletados, o procedimento tem se mostrado eficaz, permitindo ao mesmo tempo a triangulação dos dados narrados pelos entrevistados, com outras fontes disponíveis como, por exemplo, fatos nos noticiários, livros e outros meios de informações. Meihy (2005) aponta que: “a história oral consiste em gravações premeditadas em narrativas pessoais feitas, diretamente de pessoa em pessoa em fitas, vídeos ou gravadores de áudios, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos”. (MEIHY, 2005, p. 17).

A entrevista permitiu a complementação do material já coletado, uma vez que os documentos disponíveis em web e outras localidades não são totalmente completos. Alberti (2013, p.24) sugere que “a história oral [...] recupera aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos poucos esclarecidos e experiências pessoais”.

No que se refere à abordagem qualitativa, para o estudo realizado enquanto extensão, se adequou mediante a necessidade de um estudo prévio acerca do objeto, já que não se pretende mensurar a informação em número e sim atestar sua exatidão, isso porque segundo Richardson (1999, p.102):

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.

Para a construção do material destinado ao programa, a pesquisa pautou-se no uso do estudo biográfico, que Campos (1998, p. 16-17), afirma ter como principal fonte a vida e obra de uma pessoa, o que permite abordagem internalista e externalista, ou seja, permite compreender tanto a evolução do pensamento do personagem quanto sua relação com a sociedade em geral. Este método permitiu

levantar um conjunto de informações sobre a violeira, e com isso a construção de sua biografia.

Assim, a partir dos mecanismos adotados, a técnica de entrevistas em profundidade forneceu suporte de execução para o método oral, pois ambos se complementaram, já que entrevista e a história oral visam extrair relatos de pessoas que fizeram parte de determinado acontecimento ou fenômeno. Tais entrevistas foram feitas com pessoas diretamente ligadas à sua família, e à sua carreira como tocadora de viola como, por exemplo, artistas famosos, familiares, amigos de infância, e também com pessoas responsáveis pelo museu criado na cidade de Bataguassu em sua homenagem.

Para tanto, existem três tipos de entrevistas que poderiam ser aplicadas: aberta, semi-aberta e a fechada.

O trabalho utilizou a entrevista em caráter semi-aberto, pois adequou-se a este estudo mediante à necessidade de ter em sua essência um roteiro pré-estabelecido de cunho qualitativo.

Dessa forma, permitiu que o tema fosse trabalhado em profundidade em campos previamente estabelecidos pelo entrevistador, sendo assim:

Cada questão é aprofundada a partir de cada resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (DUARTE, 2010, p.66).

Com o tema definido, a primeira etapa para a construção do trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que segundo Stumpf (2009, p. 51), é um procedimento adotado cuja intenção foi o de identificar informações em livros e documentos que revelaram fatos sobre o tema estudado. A pesquisa bibliográfica foi feita sobretudo na área de radiodocumentário, para reforçar as técnicas de produção do gênero, e também dar o devido embasamento teórico para toda a pesquisa.

Na obtenção dos dados sobre o objeto de estudo, foi utilizada a análise documental, que segundo Gil (2010, p. 30) se parece com a pesquisa bibliográfica, com exceção das fontes, já que a análise documental se vale de documentos criados por variados tipos de pessoa com finalidades diversas, tais como matérias de jornais impressos, artigos, conteúdo online, entre outros. A técnica de análise foi

aplicada às notícias veiculadas sobre a vida da artista, registros de suas apresentações, entrevistas concedidas, entre outros, a fim de enriquecer o trabalho biográfico.

Após a coleta dos dados, a etapa seguinte para a produção do material foi a análise qualitativa, e a triangulação da pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas em profundidade, visto que o principal objetivo foi o de fornecer uma razão racional e lógica de existência, e proporcionou ainda, a identificação de possíveis problemas e a incorporação de outras técnicas. Para tal, foram adotados os critérios de análise e interpretação sugerida por Lakatos e Marconi (2010, p. 152):

Na análise de dados, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às as indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas mediante a análise.

O último procedimento foi a análise e interpretação dos dados obtidos, que ao final o resultado possibilitou a produção da peça prática no formato de radiodocumentário.

No próximo item será apresentado a teoria da *Autopoiese*, que ao contrário do que muitos pensam, a linguagem subjetiva e emotiva pode apresentar perspectivas mais fecundas, assim aliado com o gênero que cultua o cientificismo, busca ressaltar as experiências sob a ótica do autor que estuda uma fenomenologia. A escrita literária ao encontro da científica apenas evidencia aspectos que vão além compreensão da ciência a respeito do objeto estudado, o que não influencia na tomada de opinião do leitor.

1.2.1 A *Autopoiese*: Linguagem literária como complemento da científica

Os seres humanos são dotados de *autopoética* ou autocriação, pois é uma dinâmica dotada de interação social com o ambiente em que o observador se relaciona diretamente com o fenômeno de construção social, ou seja, processos de singularidade que operam a fenomenologia estudada em questão.

Neste aspecto predomina o sistema nervoso que, por sua vez, distingue a interação com o meio na construção relacional, esta construção é estabelecida de modo inseparável, isto é, observador – ambiente – fenômeno, são aspectos

fundamentais que dão origem ao sentimentalismo do convivo: a emoção, linguagem do estudo e o raciocínio.

“Toda vez que um observador descreve as condutas de interações entre organismos, como se o significado que atribui a elas determinasse o seu curso, faz uma descrição em termos semânticos. Designamos como linguística uma conduta comunicativa ontogênica, ou seja, que se dá num acoplamento estrutural ontogênico entre organismos, e que um observador pode descrever em termos semânticos. ” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 231).

As condutas ontogênicas, ou seja, o padrão evolutivo e de inter-relação com o meio é uma semântica que tem como principal componente de abordagem e que sofre uma figuração tateada no sistema linguístico, isto é, a relação entre o observador e o meio onde o estudo ocorre, deriva de uma atuação síncrona ou diacrônica que como método dos estudos da linguagem focalizam a evolução histórica de um fato, de uma língua por meio de suas percepções emotivas.

“Quando observamos a conduta de outros animais (humanos ou não) num domínio linguístico, como observadores podemos tratar suas interações de maneira semântica, como se indicassem ou denotassem algo do meio. ” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 233).

É possível concluir que a relação do participante, neste caso, o observador, passa a ter o domínio linguístico, além de fazer parte da construção do meio e das interações possíveis. O modo reflexivo, o racional e a emoção se entrelaçam na busca não de um se sobrepor ao outro, mas na busca de se complementarem entre si, desta forma, a relação do objeto de estudo com o cientista passam a operar num domínio semântico, tendo em vista essa dinâmica de interação e relação do pesquisador diretamente com o fenômeno estudado.

Para a temática biográfica considera-se pertinente a adoção da Autopoética para o capítulo do Marco Teórico de Helena Meirelles e do diário de campo disponível no apêndice c, já que o uso da linguagem poética não decadência ou deprecia a autoridade de um texto científico, isto é, emoção não destoa a ciência, muito pelo contrário, ambas se complementam através da observância da fenomenologia.

Dado aos critérios pré-estabelecidos, não se justifica julgar uma escrita a ser imposta em detrimento de outra, o que temos é uma escrita adaptada para

determinado contexto e que ambas podem se fundir como únicas evidenciando as experiências interacionais com o objeto.

No próximo capítulo estão presentes detalhes sobre a vida e as obras de Helena Meirelles, e mais informações sobre o gênero adotado como produto final para o trabalho cujo o propósito é de extensão.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Helena Meirelles

Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada próxima à antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava a capital Campo Grande (MS) ao primeiro e antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul⁴.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). O marco separatista entre os estados, de MT e MS que de acordo com a historiadora Regina Freire ocorreu em 1977.⁵

O avô materno, paraguaio e dono da então fazenda Jararaca, recepcionava muitos visitantes, a estrada, por ser uma importante via de acesso entre o antigo distrito de Bataguassu (MS), Porto 15, e divisa com estado de São Paulo, fez com que muitos passantes dos quais violinistas e violeiros parassem no recinto e, durante as noites entre rodadas de tereré e conversas, ouvia-se o som dos instrumentos sob ritmos Sul-mato-grossenses, rasqueado e polcas. Eram admitidas apenas as presenças de homens.

Apenas como espectadora, ao longe apreciava a boa música. Aos sete anos, aprendeu a tocar, mais por ouvir até do que por observar escondida esses músicos amadores, bem como seu irmão e seu tio, notáveis instrumentistas. Proibida de aproximar-se da roda de viola, era constantemente advertida pelos pais: “mulher que aprender a tocar vai roçar nos homens e virar uma sem vergonha. ”, diziam os pais à menina⁶.

Ao perceberem a afeição da criança aos instrumentos, repreendiam-na com algumas ameaças de “cortar-lhe os dedos e dar-lhe surra de ‘lavar o lombo’ com

⁴ Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

⁵ Entrevista concedida pela Historiadora e Chefe do Núcleo Municipal de Cultura, Regina Freire, Bataguassu, 15 de maio de 2020.

⁶ Entrevista concedida por Helena Meirelles à jornalista Lucy Dias correspondente da Revista Italiana Marie Claire, edição de junho de 1994.

salmoura. ” Determinada, Helena retrucava: “tocarei mesmo que com os tocos. ” A menina seguia observando seu tio, Leôncio Meirelles e o irmão mais velho Álvaro Pereira tocarem. Os ouvidos sensíveis, tímpanos aguçados e os olhares atentos, gravam em sua cabeça e em suas retinas cada nota dedilhada; inclusive a afinação dos instrumentos.

Segundo Paula, quando a família se dirigia à roça para o trabalho na roça, Helena, nas travessuras de criança e na vontade em tocar o instrumento, retirava o violão que o irmão deixava escondido em cima do telhado da casa. Para tocar se escondia no mandiocal. Era sua ocupação preferida. (PAULA, 2004).

Os anos se passaram e em 1932, Leôncio pediu para sobrinha ir buscar o violão e, enquanto dedilhava, a criança tomada pela vontade incontável de acompanhá-lo pede ao parente para tocar junto a ele. “Vá buscar o violão e, se não conseguir, vai apanhar! ” Avisou. Surpreso, e, tomado de orgulho, não só viu a sobrinha se sobressair no ritmo da polca, como também a viu dominar a afinação com destreza no ritmo da Paraguaçu. Passou a partir de então, aos nove anos, a acompanhá-los em festas, bailes e comemorações nas redondezas, além de participar de bailes na sede da fazenda Jararaca e em fazendas vizinhas.

O tempo foi passando e com uma vida de pantaneira sofrida e cheia de preconceitos, de tal forma que Helena nunca frequentou a escola. Casou-se nova, aos 17 anos, teve três filhos e a primeira separação aos 21 anos, logo depois que o marido tentou impedi-la de se apresentar em público. Juntou-se a um paraguaio, bom músico, tocava desde viola a violino. Em oito anos de convivência tiveram dois filhos e uma nova separação. Neste período adota um estilo de vida avesso às regras de sua família. Torna-se uma mulher com estilo de vida errante com a mistura de música, bebida e boemia.

A família ao saber de seu comportamento, passou a julgá-la, não suportando as críticas a seu estilo rebelde, entregou os filhos a pais adotivos. Passou a tocar em bares e viver em casas de shows, assim no processo vieram mais seis filhos, chegando a 11 no total. Então avisou: "Mãe, eu não tive sorte com o primeiro, não tive sorte com o segundo... Agora vou ficar feito prostituta por aí. Se não der certo, não interessa. O que eu tinha mais de valor era a minha honra e eu já perdi mesmo. Então que se lasque." (Mantendo fala original).

Segundo Toffoli, Helena se juntou a um peão que esteve de passagem ao bordel de Porto XV. De acordo com Helena, passou a noite com ele, seu nome era Constantino Machado. Ficaram juntos por 35 anos, terceiro e último marido. (TOFFOLI, 2006).

Helena e Constantino passaram a trabalhar em retiros e fazendas, em áreas distantes da região de origem. De violeira, benzedeira, cozinheira, lavadeira à parteira, fez por 11 vezes e sozinha seus próprios partos. Após 40 anos abandonou os seus vícios, sem jamais deixar de tocar em festas locais.

Após 32 anos tida como desaparecida, a família chegou a cogitar que Helena tivera sido assassinada por um dos passantes do Bordel de Porto XV. A violeira ressurgiu no município de Piquerobi, interior de São Paulo (SP), próximo à fronteira com Mato Grosso do Sul (MS). ⁷

Já em Piquerobi, a irmã de Helena, Natália, havia reencontrado a violeira que saiu de Aquidauana (MS) pela antiga estrada boiaderia e tentava chegar à Capital de São Paulo, onde descobriu que parte de sua família havia se estabelecido há três décadas. “Não dei notícia pra ninguém. Sumi mesmo, desde 59, quando amiguei com o Constantino (na época, atual marido). Só apareci agora.”⁸

Em solo paulista, Helena se muda para a casa de um sobrinho de nome Mário Araújo, em Santo André, interior de São Paulo. Tocava sempre que o sobrinho pedia e foi ele que, ao perceber o enorme talento da tia, procurou produtores brasileiros que chegaram a se interessar pela violeira, mas devido à idade e por não ter um perfil padronizado pela mídia, acabavam sempre desistindo. Araújo, alugou um estúdio e gravou algumas fitas K7 da tia. Passou a enviar cartas, fitas e fotos para divulgar o talento da violeira e uma delas foi encaminhada para uma revista norte-americana contendo ainda fotos tanto de Helena quanto das palhetas feitas por ela com chifre de boi e um guizo de cascavel de sete gomos. “Foi graças a essa reaparição que minha descoberta foi possível: meu sobrinho Mário Araújo, que também é músico, resolveu investir na ‘ovelha negra’ da família, mandou uma fita

⁷ Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

⁸ Entrevista concedida por Helena Meirelles à jornalista Lucy Dias correspondente da Revista Italiana Marie Claire, edição de junho de 1994.

com três músicas e uma carta para o editor da *Guitar Player*. Dois meses depois, eu soube que fui eleita a artista do mês de novembro de 1993).”, (fala original).

Helena engajou uma tímida participação em um programa radiofônico de nome “multirão” transmitido pela rádio USP em 1980, onde foi apresentada por Inezita Barroso. Inezita que também era apaixonada por viola caipira abriu o programa anunciando Helena Meirelles juntamente com seu dom em instrumentos de corda. Tomada de plena satisfação com o que presenciou, Barroso não hesitou em convidá-la para o extinto programa “Viola minha Viola”, do canal televisão aberto e transmitido pela TV Cultura.

Helena foi convidada por Inezita Barroso e se apresentou de forma inesperada no show do Teatro SESC, em São Paulo na década de 1992 ao lado da dupla Pena Branca e Xavantino e da própria Inezita.

O reconhecimento profissional em âmbito nacional já acontecia antes de 1992, sempre muito elogiada por publicações brasileiras como: Folha de São Paulo e Estadão, porém, a alavancagem e sucesso profissional aconteceram tardiamente, em novembro de 1993 aos 69 já para completar 70 anos, pela revista Norte Americana “*Guitar Player*”, especializada em instrumentos populares de cordas a elegeu com o título *Spotlight Artist* (artista revelação), isto é, a violeira recebeu destaque durante a seleção mensal do mesmo nome dedicada a revelação de novos talentos. Sua palheta foi inclusa no pôster encartado em uma das edições posteriores da “*Guitar Player*” intitulado: “As 101 Palhetas dos Astros da Guitarra, foi exibida ao lado de outros 100 grandes mitos instrumentistas, entre eles idolatrados roqueiros, jazzistas e bluesmen, como: Eric Clapton (1945) cantor e compositor, considerado até hoje um dos maiores guitarristas Britânico, Jeff Beck, George Benson, Steve Ray Vaughan, Keith Richards e Jhon McLaughin, além dos ingleses Jimmy Page (1944) e dos norte-americanos B.B King (1925-2015), e do Mexicano Carlos Santana (1947), um conhecido multi-instrumentista e também compositor.

Em 1994 foi lançado o primeiro álbum produzido e com participação do sobrinho Mário Araújo que, inclusive, havia em 1991 convencido Helena a adotar o sobrenome “Meirelles”, o disco recebeu o selo da gravadora Eldorado e que marcou a carreira inicial da instrumentista sob título Helena Meirelles (a Grande dama da Viola), o repertório contou com 18 composições no total, como: Guaxo, Amélia Boiadeira, Me Pega Por Favor, Chalana, cujos intérpretes originalmente eram Mário

Zan e Arlindo Pinto, Fiquei Sozinha, Quatro Horas da Madrugada, Araponga (música de domínio público), Flor de Jasmim, Cerro Corá, Molequinho Malcriado, Merceditas e Fim de Baile. Para lembrar a infância e tudo o que viveu na fazenda antes de toda a carreira, Helena, com a oralidade típica de Mato Grosso do Sul, sob a pauta dirigida pelo próprio sobrinho e produtor, em que narra em outras faixas bônus seus depoimentos à capela sem a presença de instrumentos de fundo através dos *singles*: De Boiadas e Boiadeiros, Fazenda Jararaca, De Boiadeiros à Bordéis, Parteira de Si Própria e Saudades das Comitivas⁹. Em Teu Lencinho, Helena fez uma releitura da música escrita pela dupla de Sul-mato-grossenses e intérpretes Délio e da esposa Delinha.

Helena Meirelles recebeu um convite especial partindo da própria Secretaria de Cultura de Mato Grosso do Sul para abrir o Festival de Música Mercosul no Palácio Popular da Cultura, recentemente renomeado para Centro De Convenções Arq. Rubens Gil de Camilo “Palácio Popular da Cultura”, na capital, Campo Grande, no ano de 1995.

Já aos 72 anos de idade, em 1996, Helena lançou o segundo álbum de carreira, intitulado Flor de Guavira que possui 15 faixas, entre elas, Cambaqua, Saudades do Meu Velho Pai, Chão Batido, Xote Bem-Te-Vi, Chuita, Limpa Banco, O Passo Do Tico-Tico, Lembrança Do Mato Grosso, Linda Manhã, Flor Da Guavira (Carro chefe e nome do álbum), Vida De Cachorro, Carreta Campesina, escrita por Ercilia Marly Maia e interpretado por Helena Meirelles, Virgínia, Durcelina e Tropeiro, fechando o conjunto de composições.

Em 1997, já com idade próxima dos 74 anos, Helena lançou o álbum intitulado “Raiz de Pantaneira”, com um total de 14 faixas, entre elas Guiomar composta por Haroldo Lobo e Wilson Baptista com interpretação de Helena e participação de Sérgio Reis. A música Fandango em Porto XV, inspirou a instrumentista devido aos grandes bailes que eram promovidos na cidade em que era convidada a tocar. O carro chefe deste álbum ficou por conta da melodia intitulada “A Volta da Guira Campana”, composta inteiramente por Helena Meirelles, com tempo decorrido de aproximados 02 minutos e 59 segundos.

⁹ Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

No ano de 1998, Meirelles foi convidada a apresentar-se na Expo Mercosul em Canelas, Rio Grande do Sul, e em diversas unidades do Sesc pelo Brasil.

Já na década de 1999, os organizadores do Show do Dia das Mulheres endereçaram um convite para que Helena se apresentasse novamente, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, abrindo o festival. Nesta ocasião a violeira ficou hospedada em São Paulo no Hotel Othon custeado pela gravadora Eldorado, para uma breve temporada de apresentações. As vendas dos três últimos lançamentos de seus discos alcançaram marca histórica de 80 mil cópias vendidas.

Em 2002, Helena volta à Capital Sul-mato-grossense para a gravação de um CD ao vivo que ocorreu durante a sua apresentação, cujo destaque foi para o nome deste álbum intitulado “Helena Meirelles volta à Estrada Pantaneira” produzido pela nova gravadora, a Sapucay, além de faixas inéditas, a violeira interpretou músicas já conhecidas de seus discos anteriores, o maior destaque foi para a faixa “Flor Pantaneira”, de sua autoria, e participação de Zezinho Nantes, na gaita. Ainda neste ano, Helena e sua banda já com nova reformulação de integrantes se apresentaram no SESC do Rio de Janeiro, no Festival de Músicas Latino Americano.

A obra iniciada em 1992, paralisada em 1994, deram ainda no ano de 2002 um formato e implantação de um teatro, recanto voltado para atividades culturais e recreativas denominado de Concha Acústica Helena Meirelles é Localizada no Parque das Nações Indígenas, ao lado do Museu de Arte Contemporânea. O espaço só foi oficialmente inaugurado em 13 de maio de 2005, com apresentação de Helena Meirelles. O espaço foi projetado para comportar dentro de seu espaço interno um auditório com capacidade total para 1.050 pessoas e Teatro Arena com capacidade máxima de 450 lugares.¹⁰

Helena Meirelles viajou ao Rio de Janeiro para duplo compromisso, a jornada começou em 2003, quando lançou seu quarto e último CD intitulado “Ao vivo de volta ao Pantanal), com destaque para Samba do Zé, faixa composta por ela em homenagem ao seu médico, na época a violeira já apresentava problemas respiratórios.

No dia 13 de agosto de 2004, quando completava o aniversário de 81 anos de idade, foi lançado em Campo Grande (MS) um documentário intitulado “Helena

¹⁰Informações fornecidas através de entrevistas com Mário Araújo, em: 18 de maio de 2020.

Meirelles: a Dama da Viola”, com direção de Francisco de Paula e trilha-sonora da própria Helena. No mesmo ano, foi lançado o CD “Os Bambas da Viola”, da gravadora Kuarup, um álbum em que conta com releituras de grandes nomes da música, entre eles, Chico Lobo e Rogério Delayon, Tavinho Moura, Milton Nascimento, Roberto Corrêa, Quinteto de Cordas, Renato Andrade, João José da Silva, Heraldo do Monte, Luís do Monte, Milton Araújo, Francisco Machado, Almir Sater, Fernando Melo, Eduardo Souza, Roberto Dimattus e Chico Lobo, além de composições de Helena que também integrou este disco.¹¹

Em 2005, Helena foi internada aos 81 anos na Santa Casa de Campo Grande e lá permaneceu por dez dias com pneumonia crônica nos dois pulmões. Recebeu alta e morreu em casa dois dias depois, aos 81 anos, vítima de uma parada cardiorrespiratória, o corpo foi velado no cemitério Parque das Palmeiras, na Avenida Tamandaré. A morte da violeira repercutiu como a perda de um patrimônio histórico e cultural. Alguns nomes da música sertaneja, entre outras personalidades participaram do sepultamento e, num momento de grande comoção, tocaram juntos num concerto improvisado em sua homenagem. Entre os presentes estiveram o cantor Almir Sater também nascido em Campo Grande, e a figura política Zeca do PT, eleito governador do estado de Mato Grosso do Sul em 2002, entre outros.¹²

A cineasta e diretora de cinema Dainara Toffoli lançou em 2006, o documentário “Dona Helena” em homenagem à instrumentista, com 55 minutos de duração.

A violeira foi homenageada em 2013, pelo Instituto Brasileiro de Vila Caipira na categoria referência, arrematando o prêmio Rozini por sua excelência em instrumentos de cordas.

Quatro anos mais tarde, em 2017 Helena Meirelles foi homenageada no evento *WME Awards by VEVO*. A primeira edição do *Women’s Music Event Awards by VEVO* aconteceu em 28 de novembro de 2017, em São Paulo, com transmissão ao vivo pelos canais da VEVO Brasil. Na primeira edição do prêmio, dedicado às mulheres, a artista levou o título de relevância cultural no cenário da música

¹¹ Informações sobre quantidade de faixas e álbuns lançados estão disponíveis nas plataformas de Streaming: Spotify, Amazon Music e Deezer.

¹² Informações fornecidas através de encarte de CD “Helena Meirelles a grande dama da viola” produzido pelo sobrinho e responsável pela carreira de Helena Meirelles, Mario Araújo, no ano de 1994.

nacional. Além de homenagear uma artista em vida, um tributo póstumo foi conferido à violeira por ter nascido em um período em que somente homens eram incentivados a tocar instrumentos musicais, Helena se tornou um fenômeno em algumas partes do mundo, no Brasil e no exterior por seu talento na viola caipira.

Em 21 de novembro de 2019 por meio de Lei Ordinária nº 2.647/2019, foi fundado o “Museu Municipal Helena Meirelles”, parte do prédio histórico construído em 1967 e onde funciona a Escola Municipal Marechal Rondon, no dia 10 de dezembro de 2019 ocorreu a inauguração em Bataguassu, Leste de Mato Grosso do Sul, município onde Helena nasceu e que fez parte de sua vida. Em homenagem à violeira, o prédio leva seu nome contendo as principais memórias da musa do sertanejo raiz.

A produção de Helena Meirelles, intérprete, compositora, entre outros ofícios de vida já elencados, funde um processo de influências pantaneiras com a cultura paraguaia, de origem simplista e sotaque sertanejo. Foi assim que avançou as fronteiras do Brasil, com três faces de mundos diferentes: a artística, cultural e a quebra de paradigmas. O rompimento de tabus e preconceitos começou na infância, dentro de casa, em que era imposto pelo pai a ideia de que somente homens poderiam tocar violão e que o instrumento não era coisa de mulher. A violeira sempre esteve à frente de seu tempo, não se intimidou ao levar os “nãos” de produtores por não se encaixar aos padrões ideais estabelecidos pela mídia na década de 1990.

A ligação paraguaia é remetida na música Cerro de Corá obra em tupi guarani, cantada em estrofes e com voz rouca pela violeira. Esta obra em consulta à letra disponível nas mais variadas plataformas de streaming, relata a episódios de guerra sofrido pelo país vizinho, Paraguai. E diante da esfera patristica em sua origem, sinaliza identidades culturais intrinsecamente ligadas ao Brasil, mais especificamente ao Mato Grosso do Sul.

O nome Helena Meirelles quebrou barreiras culturais e aproximou outras partes do Brasil ao município de Bataguassu. “Ultimamente, temos recebido pessoas de várias partes do Brasil, atraídas pelo nome de Helena Meirelles, as quais saem maravilhadas do museu. Isso tem nos impressionado. O bom de tudo é que as pessoas saem daqui com uma boa síntese da história de Bataguassu, e também se encantam com o visionário Jan Antonin Bata [fundador da cidade de Bataguassu].

Helena Meirelles, ontem projetou a sua música, hoje ela projeta Bataguassu”, conclui a professora e historiadora Regina Freire.¹³

Além de fenômeno mercadológico, o nome Helena Meirelles representa o hibridismo e a união de diversidades culturais, reconhecidas de maneira tardia e perde o final de sua vida, mas de um talento inconfundível e enriquecedor para a brasilidade pantaneira, que inclusive, hoje sofre com de desgaste cultural “puxado” pela guinada das muitas transformações musicais e pela falta de novas produções que contemplem a viola caipira, reforçando o quadro que deu origem ao sertanejo caipira que conhecemos hoje.

2.2 Gêneros Musicais Campesinos

2.2.1 Rasqueado

A história do Rasqueado começa na primeira metade do século XX, quando o Paraguai, alvo da Guerra travada pela Tríplice Aliança composta por Argentina, Brasil e Uruguai no intuito de barrar a política expansionista do ditador Paraguaio, Francisco Solano Lopez, com o principal objetivo de incorporar e se apropriar das terras de países vizinhos. Com a Tríplice aliança formada, cada país se encarregou de defender seu próprio interesse e, juntos derrotar o Ditador Francisco pondo fim através da guerra armada. Com o Paraguai em guerra com demais países, muitos fugiram para municípios paraguaios limítrofes com o Brasil.

O gênero musical caipira mais predominante dentro do círculo cultural Sul-mato-grossense é o rasqueado que se constituiu no estado brasileiro através de limites fronteiros com países vizinhos como, por exemplo, Bolívia e Paraguai. Em festas populares e bailes antigos o ritmo conquistou muitos adeptos e se incorporou aos costumes de Mato Grosso do Sul (MS) ligeiramente alterado aos padrões pantaneiros.

Segundo Guapo, além da imigração para as províncias de países vizinhos causados pela guerra e pela união das culturas brasileiras e paraguaias, credices e novos modos de vida o que deram origem ao rasqueado, o ritmo que ficou

¹³ Entrevista concedida pela Historiadora e Chefe do Núcleo Municipal de Cultura, Regina Freire, Bataguassu, 15 de maio de 2020.

conhecido em território Mato-grossense no decorrer da década de 40, quando ainda nem se falava na separação dos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, divisão que só aconteceu em 1977. Assim sofreu transformações culturais no modo de tocar o que significa, em outras palavras:

[...]. Arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas, e sem as pontear”. Em Mato Grosso, a expressão musical [...]. Traz no seu processo histórico toda uma saga, que começou após o fim da Segunda Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), quando os prisioneiros ficaram confinados a margem direita do rio Cuiabá [...]. Aqui permanecendo e resultando em várias influências em costumes, linguajar, e principalmente danças folclóricas: a polca paraguaia e o siriri, dando origem ao rasqueado mato-grossense. (GUAPO, 1985, p.35).

Ainda no século XX, a variação cultural perpassou os sentidos fonográficos e originou-se uma nova maneira de percepção da música sertaneja caipira no Brasil, o que desfigurou alguns estereótipos impostos pelo gênero country norte-americano que sentiu um certo impacto e precisou se reinventar, também para se adaptar às novas formas de produção musical elencado pelo uso das tecnologias que surgiam naquele período, mas que só momentos mais tarde estavam sendo incorporados e exigidos pela “nova” mídia. O tradicional sertanejo rústico, possuía algumas características ligeiramente ligadas à sua raiz: a simplicidade no tocar, as reuniões tardias em rodas e a antiga moda que contava uma história por trás, mas que hoje a linha tradicional foi totalmente modernizada por uma nova onda e que se reconfigurou como novo sertanejo, que é o que temos hoje. Nepomuceno explica que essa nova onda que reconfigurou o antigo sertanejo tem a ver com influências advindas da América do Norte o que condensou a antiga música caipira e expandiu a nova configuração sertaneja:

Com seu traje típico e seus animados arrasta-pés, originalmente puxados no banjo. A partir daí o vaqueiro de cá e o de lá passariam a tocar seus cavalos por estradas paralelas e se encontrariam no meio do caminho, quatro décadas à frente. Muitos artistas adotariam a rota daquele que tocava berrante e cantava modas na violinha de dez cordas. Outros seguiriam as pegadas do estrangeiro de aparência rica, camisa de arabescos e botas lustrosas, que viera de pradarias distantes para mudar um pouco mais o som dos nossos campos. (NEPOMUCENO, 1999, p. 141).

O novo panorama cultural sofrido pela viola caipira, revela a infusão de novas influências vindas de fora e adotada como novos padrões e estilos, além de ser propagado e difundida em um novo paradoxo da cultura sertaneja no Brasil,

basicamente a antiga viola caipira foi reconfigurada para uma nova vitrine apreciadora do novo sertanejo, o universitário.

2.2.2 Polca Paraguaia

A chegada da polca paraguaia no Brasil ainda se encontra envolta de mistérios, contudo estudiosos culturais e historiadores datam o surgimento aproximado do gênero apenas no final do século XIX acompanhando o rápido crescimento econômico e o de expansão mundial. Assim como o Rasqueado, a Polca surgiu também no Paraguai, mas ao cruzar a fronteira limítrofe acabou ganhando força e plenitude territorial apenas no estado de Mato Grosso, pois em 1940 ainda nem se falava na separação e criação de Mato Grosso do Sul. Quando o gênero desembarcou no Brasil sofreu mutações e recebeu uma roupagem mais estilizada à moda brasileira entoou-se num ritmo mais acelerado, conforme observado por Higa:

A polca paraguaia é um gênero campesino detectado no Paraguai no final do século XIX e parece ser resultante da fusão da música tradicional da Espanha o castelhano (utilização alternada de compassos 3/4 e 6/8 e a utilização da técnica 'rasgueo' no acompanhamento da guitarra) com as danças de salão europeias praticadas nos bailes da época [...]. (HIGA, 2010, p. 316-318).

Diante do exposto é inegável que a viola caipira na contemporaneidade tem perdido e diminuído seu espaço para a nova reconfiguração sertaneja declarada universitária.

O que de fato vem acontecendo é que a janela genuinamente artística denominada de “sertanejo raiz” que era encontrada em Campo Grande (MS), berço transcultural, advindo de influências sofridas por países vizinhos e até dentro do próprio estado brasileiro foi se modificando e passou a ocupar um espaço ínfimo nos revelando um cenário fisiologicamente empobrecido, já que a cultura violeira caiu no iminente esquecimento, também levados pelo assoreamento de grupos paraguaios que hoje já não se instalam mais em solo Sul-mato-grossense com tamanha facilidade como na década de 40 ou 80. Grupos ainda que residem na Capital, relutam frente ao esfacelamento do estilo tradicional que é a identidade do Paraguai para a cultura simbólica do estado de Mato Grosso do Sul.

2.3 Radiojornalismo como gênero informativo

O caráter noticioso do jornalismo esteve intrinsecamente ligado ao rádio, isso desde o início dos experimentos, a partir da primeira transmissão de teste feito no Rio de Janeiro por Eptácio Pessoa.

Desde então, o rádio se tornou uma redemocratização tanto política, quanto uma forma de reorganização dos próprios meios de comunicação de massa, conforme sugere Ortriwano (1985, p. 68):

A partir dessa data [07/09/1922], o rádio participou de todos os movimentos da vida brasileira. Ajudou a derrubar a República Velha, participou da Revolução de 32, fez extensos noticiosos sobre a Segunda Guerra Mundial. Desempenhou importante papel no Golpe Militar de 64, participou ativamente da redemocratização durante a Nova República e, pouco depois, fez ecoar país afora o processo de impeachment de um presidente da República.

O gênero jornalístico e o rádio sempre estiveram juntos, e isso possibilita que as realidades dos acontecimentos concretos sejam divulgadas em rapidez espetacular no momento em que os fatos ocorrem. Entre alguns aspectos, o rádio proporciona anonimato às fontes de informação. É capaz ainda, de difundir a programação no intuito de atrair o ouvinte.

Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser. Diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa “que está ali”, as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores. (MCLEISH, 2001, p. 16).

De acordo com Ferreira (2014, p. 41-42), dentre muitos aspectos o gênero informativo radiofônico se divide em 11 subtipos, mas cabe destaque especial para sete divisões que são jornalísticas: flash (notícias simples, é considerado informação relâmpago e não obriga a responder todas as perguntas do lead); edição extraordinária (interrompe a programação para noticiar fato importante e de grande relevância ou que gere comoção social e permanece enquanto não se esgotar as novidades); o boletim é um informativo muito usado tanto no rádio quanto em tv, como por exemplo, “G1 em um minuto”, serve para manter o ouvinte atualizado a cada 30 minutos ou de hora em hora); o rádio jornal ou jornal falado (cobre todos os

campos de informação com informações das últimas 24 horas); informativo especial é um programa segmentado e voltado para assuntos geralmente esportivos, assim como o debate seja ele sobre esportes, economia ou política, em que apresenta diferentes visões de autoridades da área.

Como já mencionado, por se tratar de trabalho cujo formato adotado é o de extensão, o radiodocumentário é uma reportagem mais ampla, tratada em profundidade, mas que se diferencia basicamente do programa de reportagem, que trata a informação com objetividade, por permitir o tratamento subjetivo, ou seja: o ponto de vista pelo olhar do autor. O radiodocumentário dá ao repórter a chance de investigar mais a fundo em um determinado assunto.

2.4 Radiodocumentário

2.4.1 Origem

Originário a partir do final da década de 20, Detoni (2007, p. 2), explica que o fenômeno de transposição ao rádio ocorreu por influência direta dos documentários audiovisuais que até aquele momento eram realizados no cinema. Dentre as facilidades, entre elas: a mobilidade, sensorialidade e interatividade apresentadas pelo rádio, os produtores perceberam a possibilidade que esse formato tinha de tornar mais um gênero para rádio fusão e torná-lo ainda mais vivo e interessante.

O documentário radiofônico funciona exatamente como o de TV. Entretanto, busca mostrar a verdade sobre um determinado tópico, sobre certo incidente ou local e também sobre relacionamentos interpessoais, além disso permite retratar biografias de pessoas de grande notoriedade que foram muito relevantes para determinada cidade, estado ou país, gênero que foi abordado neste trabalho.

Em documentários tanto de rádio quanto os TV e agora os da Web, o documentarista tem um papel em segundo plano para evidenciar pessoas que ligadas aos fatos relatem e relembrem sobre suas perspectivas sobre algum acontecimento do passado. Os documentários de cunho histórico, podem ser associados também ao método oral, pois além de investigativos e reveladores, possuem dentro de sua estrutura pesquisas jornalísticas, inclusão de diferentes visões sobre um mesmo assunto e adoção de entrevistas com testemunhas.

De acordo com as definições da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Detoni (2007, p. 1) diz que o radiodocumentário funciona da mesma forma que o documentário de TV, pois ambos buscam mostrar a verdade sobre um determinado tema, enfatizando o relato de um grande fato, evento ou determinado personagem, mas minimizando a presença do repórter. Os recursos sonoros empregados propõem instigar a curiosidade do ouvinte.

[..]. Usamos os sons da realidade como um poderoso instrumento de comunicação. O documentário tem um elemento humano que dá ao ouvinte a chance de interpretar a realidade sozinho em vez de ser informado sobre ela. Um bom documentário muda nossa percepção da realidade. (DETONI, 2007, p. 68).

Para o autor Ferrareto (2007, p. 57), o radiodocumentário, ainda pouco conhecido no Brasil, possui a capacidade de abordar um tema em profundidade, além de constituir a história de algo ou alguém e pode ainda, “analisar um fato e se apropriar de recursos de sonoplastia e envolver montagens, além da principal de todas as ideias, que é a elaboração de um roteiro prévio”.

É dever de todo documentarista possuir um roteiro pré-estabelecido, pois é ponto norteador e deve ser seguido o passo a passo na elaboração de um radiodocumentário, levando em conta as etapas de pré-produção, produção e pós-produção nos quais serão utilizados todos os recursos necessários para que o trabalho seja concluído da melhor maneira possível. Seguir cada detalhe dos procedimentos descritos no roteiro elaborado, as probabilidades de algo sair do controle serão mínimas ou quase nulas.

Portanto, como todo produto realizado com a finalidade de contar fatos ou história tem suas próprias características, o radiodocumentário também possui uma que é exclusivamente sua. Para Ferreira (2014, p.25), o indivíduo pode criar um cenário em sua mente através da narrativa produzida pelo repórter e também pelos efeitos sonoros que são utilizados. O radiodocumentário se destaca justamente pela condição de profundidade e atemporalidade, tornando assim, qualquer fato sempre contemporâneo, assunto que será abordado de forma mais detalhada no próximo item.

2.5 Características do Documentário

Uma etapa muito importante para a produção de documentário tanto de rádio quanto o de TV exige o máximo de levantamento de dados possíveis, entre eles: pesquisa aprofundada, apuração com diversas fontes, análises documentais e relatos de pessoas ligadas àquele acontecimento.

O documentário radiofônico é constituído principalmente pelo aprofundamento de determinado assunto em pauta, pois um dos princípios do gênero é o esgotamento do tema através de pesquisas, seja de arquivos físicos ou em arquivos sonoros disponibilizados na internet. Outra particularidade do documentário, diferente de demais gêneros jornalísticos, é a combinação da informação e contextualização de um tema aliados a recursos de sonoplastia. O gênero documental possui de modo interligado uma análise aprofundada sobre o tema.

[...]. Tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos in loco, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual. (BARBOSA, 2003, p. 102).

Segundo Penafria (1999, p. 38), a distinção do documentário para uma narrativa ficcional recorre a uma busca pelo real e retrata para o mundo externo a realidade, uma ótica mais crítica sobre o ponto de vista do documentarista, mas ainda de acordo com a autora, o documentário sofre a influência de signos de linguagem, uma vez que o significado de algo pode sofrer uma ressignificação de narrativa com o emprego de metáforas e outras figuras de linguagem e que podem dar um novo sentido àquilo que já era conhecido, o que pode ocorrer é uma recontextualização, ou seja, exploração por outros ângulos de um mesmo fato sem alterar a forma real da narrativa.

Já a ficção é a invenção de algo que não aconteceu e que se pretende incrementar dentro de uma narrativa, como por exemplo, os filmes de Hollywood. McLeish (2001, p. 192), destaca que o documentário difere do programa especial, basicamente devido o primeiro, além de exigir um roteiro, utiliza basicamente de elementos que não façam partes da realidade, dessa forma deve prevalecer uma

estrutura que seja capaz de isolar a opinião dentro de uma narrativa diferente do programa de reportagem que não se limita e permite o uso de elementos em paralelo com a realidade de um fato que já aconteceu, mas que não pôde ser documentado, a chamada reconstituição de um acontecimento.

Detoni (2007, p. 4) sugere que o gênero documental é como uma grande reportagem que adota requisitos básicos e norteia a produção, como por exemplo, o uso de sonora, com contrapontos de opiniões e uma abertura prévia definida pela locução do narrador antes da reportagem entrar no ar. A essência do documentário é um olhar sensível lançado sobre o fato em estudo, o estudo de recursos como sonoras de som ambiente, o silêncio, a emoção de um entrevistado ao dar seu relato, garante não só a função informativa, como também adota um caráter subjetivo e emotivo ao produto.

2.6 Narrativa

Documentários históricos são gêneros interpretativos e reveladores o que segundo Detoni (2007, p. 4-5) “expondo fatos novos sobre determinado acontecimento. Usam gravações históricas, pesquisa jornalística, entrevista com testemunhas, inclusão de vozes excluídas pela história oficial”. O repórter nesse caso ou narrador, interpreta o assunto e faz conexões com links ajudando a dar uma ordem lógica, informativa e cronológica.

O modo performático traz características subjetivas das experiências de vida e convívio através do depoimento dos personagens que tiveram relação direta com o objeto estudado. O documentário performático convida, como fazem todos os grandes documentários, a ver o mundo com novos olhos e a repensar a nossa relação com ele. De acordo com Nicholls (2005, p. 170), “os acontecimentos reais são amplificados pelos imaginários. A combinação livre do real e do imaginado é uma característica comum do documentário performático. ”

Uma outra particularidade recai sobre o gênero documental; a atemporalidade, que de acordo com Teixeira (2004, p. 23), “esta mudança de concepção da temporalidade independe das consciências particulares e não se manifesta num reclamo pontual [...], como se ela constituísse em algo afastado e passivo em sua disponibilidade”. Portanto, atemporalidade é garantia de que o

documentário não perde valor diante do avanço temporal, ou seja, ele independe do tempo, do ano, dos fatos, pois será sempre contemporâneo e o assunto disponível estará sempre atual independentemente do ano em que o produto venha a ser encontrado.

3 Resultados

A partir dos resultados obtidos, e que se mostram em campo mais maduro para discussão com delineamento inicial, através da pesquisa bibliográfica e documental observou-se que algumas informações estavam incongruentes no que tange ao último CD lançado por Helena Meirelles, alguns dados analisados durante a etapa inicial da pesquisa evocaram que o último CD foi o de 2002, quando na verdade se tratava do ano de 2003, a faixa lançada pela violeira homenageava o médico, intitulada “O Samba do Zé”. Além disso, a entrevista em profundidade utilizada com os entrevistados, principalmente com Mário Araújo e o Filho Francisco Machado se mostrou promissora, pois com ela foi possível derrubar algumas hipóteses no que se refere, por exemplo, a morte da violeira ter sido em Presidente Epitácio, quando na verdade ocorreu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Após a triangulação dos dados obtidos foi constatado um grau de consenso que possibilitou um ganho considerável de conhecimento sobre o fenômeno observado.

Por se tratar de uma observação qualitativa, cujo objetivo é lançar um olhar sobre a exatidão das informações desconsiderando dados numéricos, foi possível corroborar a obra deixada por Helena Meirelles.

O aprofundamento na vida da violeira e o levantamento de informações sobre sua contribuição na cultura violeira essencialmente caipira, denota-se as influências paraguaias resgatada por Helena nas discografias deixadas.

O radiodocumentário possui um relevo fundamental não só o de narrativa ou contador de histórias, mas sim o papel informativo, cuja a característica aqui reiterada é o de aprofundamento de informações, é possível ainda de acordo com a sensorialidade proporcionada pelo rádio é fazer com que o ouvinte viaje no tempo com a possibilidade do uso de sonoras.

A essência do documentário para o rádio é um olhar sensível lançado sobre o fato em estudo e deixar que o ouvinte crie suas próprias expectativas. Apesar das dificuldades em organizar um material que conta com um grande volume de informação, o Radiodocumentário se mostra pertinente para este tipo de trabalho, os biográficos, primeiro pelo fato que exige a profundidade nas pesquisas documentais tanto em bibliografias quanto na vida do fenômeno em que se gerará o estudo.

Além disso, o gênero documental possui narrativas podendo utilizar outros gêneros do rádio, como o performático e o musical.

O papel do jornalismo na sociedade é o de interpretar, traduzir e apresentar contrapontos, não cabe apenas informar. Com o avanço midiático e o alto fluxo de informações o jornalismo confere precisão em detrimento de um bem maior, o intelectual. Através dessa tangente é possível colocar o leitor no campo da reflexão e interpretação, o que também foi possível criar com o radiodocumentário.

A relação com a peça prática será apresentada no item discussão, onde apresentada as experiências e a repercussão obtida como resultado final.

4 Discussões

A produção de “Raízes Sul-mato-grossenses: A trajetória da ‘dama da viola’ Helena Meirelles e sua contribuição na cultura musical caipira”, compreende as nacionalidades entre Brasil e Paraguai e simboliza uma união de diversidade cultural.

Dessa forma, a obra de Helena constitui a tradição temporal e reconstituições de ancestrais, ou seja, músicas já gravadas por músicos anteriores que apesar do passado ilustra o modo de refletir o presente. A ligação Paraguaia ocorre através da polca, cujo ritmo mescla palavras do guarani e espanhol tipificados na faixa Cerro de Corá que com voz rouca salienta a guerra da Tríplice Aliança, cujo intuito foi o de barrar a política expansionista e de apropriação indébita de terras de países vizinhos para aumentar o poder ditatorial, o que sinaliza os avanços das identidades culturais e regionais.

Helena Meirelles, figura retratada dentro da atual produção foi uma violeira que quebrou paradigmas, tabus e se tornou uma mulher de notabilidade tocando gêneros campestres, como: Polca Paraguaia e Rasqueado.

Os gêneros tradicionalmente caipiras denominados sertanejo rústico, possuía características peculiares como: rodas de viola, composições que ganharam o mercado estadual e conseqüentemente o nacional como: Chalana, Mercedita, entre outros e foram abalados por uma onda contemporânea se instaurando dentro desta cultura e se reconfigurando como o novo sertanejo, o universitário que é o que ficou conhecido na atualidade. São influências recebidas da América do Norte que

condensou o antigo estilo caipira que é quase inexistente e possibilitou a expansão do novo sertanejo.

Este TCC poderá auxiliar futuros pesquisadores a entender as mutações sofridas por esse gênero que em face ao atual provocou um fenômeno meramente mercadológico e ficará armazenado nos periódicos do site da Rádio Facopp, podendo ser usado por futuros interessados. Já a peça prática ficará disponível nos arquivos digitais da Rádio Facopp.

Helena Meirelles por fazer parte de uma cultura caipira e fenômenos consolidados em Mato Grosso do Sul, este projeto oferece à comunidade interna e externa à faculdade de comunicação a conhecer a história vasta e rica que elenca o referido estado brasileiro que passou por transformações, além de completar 43 anos de independência e emancipação geopolítica, geofísica e social no dia 11 de outubro de 2020.

Os resultados alcançados com o delineamento de todo o teórico levantado possibilitaram no êxito da realização de um documentário como prática que ilustra a vida da “dama da viola caipira” Helena Meirelles, assim como também a sua trajetória na música e sua importância, principalmente, para o estado de Mato Grosso do Sul, que por sua vez, a veiculação da peça prática aconteceu primeiro na Rádio Facopp, na tarde de sexta-feira 13, de novembro, alcançando 86 acessos até a manhã de quarta-feira (25). Em post no Facebook do professor Homéro Ferreira o produto obteve 62 curtidas, 18 comentários e 13 compartilhamentos.

Ainda sobre a divulgação da peça prática, em Santa Rita do Pardo (MS), na Rádio Comunitária Vale do Rio Pardo que opera na frequência 87,9, cidade com cerca de 8 mil habitantes de acordo com o censo de 2015, a expectativa de audiência aconteceu para dois mil ouvintes na última Sexta-feira (20). O forte apelo popular fez com que no sábado (21) a rádio voltasse a veicular o produto na grade de programação.

Devido a repercussão que o radiodocumentário de Helena Meirelles tem tomado nos últimos dias, o veículo de comunicação de Presidente Prudente, O Imparcial, fará uma publicação com o presente Trabalho de conclusão para a revista intitulada “Revista de Domingo”. Esta revista possui uma tiragem em aproximadamente 10 mil exemplares e o conteúdo será exibido em duas páginas.

Em Bataguassu, terra natal de Helena, o produto foi oferecido para a Rádio Nossa FM de frequência 100.1, o qual ficará armazenado para reprodução de fim de ano como uma homenagem a uma importante figura de notabilidade da música caipira Sul-mato-grossense.

A conclusão deste trabalho é uma conquista pessoal em que através dele foi possível alcançar os objetivos delineados no início do trabalho e que além de tudo documenta a história, como já informado, de uma das personalidades mais importante e influente para a cultura de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARBOSA, Filho André. **Gêneros radiofônicos**: Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Edições Paulinas, 2003

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Introdução à Historiografia da Psicologia Moderna. *In*: BROZEK, Joseph; MASSIMI, Marina. **Historiografia da Psicologia**. São Paulo: Loyola. p. 15-19.

DETONI, Márcia. **Manual de Radiodocumentário**. Universidade Mackenzie: São Paulo, 2007.

DONA Helena. Direção: Dainara Toffoli. Produção: Europa Filmes, 2006. 1 DVD (55 min).

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-66.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 3. ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.

FERREIRA, Homéro. **No ar**. Presidente Prudente: CRV, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUAPO, Milton Pereira de Pinho. **Remedeia co que tem: formação da musicalidade Matogrossense**. Cuiabá: UFMT, 1985.

HELENA Meirelles. **A Dama Da Viola**. Dirigido por Francisco de Paula. Produção de Buga Ramos, Thaís Medeiros, Wilson Borges Pereira. Brasil, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LiVG3m4BWz4>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

HELENA Meirelles. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa452025/helena-meirelles>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

HIGA, Evandro Rodrigues. **Polca Paraguaia, Guarânia e Chamamé: Estudos sobre três gêneros musicais em Campo Grande/MS**. Campo Grande/MS: UFMS, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Editorial psy II: Campinas, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da História Oral**: São Paulo, Loyola, 2005

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira da Roça ao Rodeio**. São Paulo. 1999. 34. ed.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1985.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Cosmos, 1999.

RICHARDSON, Roberto, Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. *In*: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010. p. 51-61.

TEIXEIRA, Elinaldo Francisco **Documentário no Brasil: Tradição e Transformação**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2004

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento de métodos**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A
PROJETO EDITORIAL

PROJETO EDITORIAL

1 INTRODUÇÃO

O programa é o Repórter Web com o tema de Helena Meirelles: “Raízes Sul-Mato-Grossenses: A trajetória da ‘Dama da Viola’ Helena Meirelles e sua contribuição na cultura musical caipira”, é um produto rádio jornalístico de caráter documental desenvolvido para a Faculdade de Comunicação Social Jornalista Roberto Marinho (Facopp), mantida pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), através da Rádio Facopp. A prática em campo teve como principal objetivo a reflexão das práticas jornalísticas vistas no decorrer do curso, além da disponibilização para apreciação da comunidade acadêmica uma narrativa documental em que conta a trajetória de vida e obra de uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo e que para chegar ao auge do sucesso enfrentou o preconceito e quebrou paradigmas em um cenário antes dominado por homens.

Esse produto laboratorial teve um tempo decorrido de 40 minutos. O radiodocumentário foi realizado sob supervisão e orientação do professor mestre Homéro Ferreira. Ao final da gravação e edições, foi encaminhado para tratamento final antes da disponibilização na plataforma da Rádio Facopp.

O público-alvo visa toda comunidade acadêmica e a quem mais se interessar por este trabalho, além disso, para o público externo, este programa contempla toda a cultura violeira caipira, gênero proveniente e difundido em Mato Grosso do Sul. Em decorrência do armazenamento do produto à base de dados da rádio na internet, outros públicos podem ser alcançados em face da atratividade, facilidade e aproximação que a era computacional proporciona.

O programa “Repórter Web” é um dos produtos originais fruto da criação da Rádio Facopp em 2009 através de um trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e que vem sendo produzido com a abordagem de diferentes temas e o de Helena Meirelles se encaixa perfeitamente na proposta de produzir um documento eletrônico.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Nesta edição do radiodocumentário intitulado “Repórter Web” o autor contou a trajetória, vida e obra desta importante violeira popularmente conhecida como “A Grande Dama da Viola”.

2.2 Objetivos Específicos

- Vivenciar na prática o processo de produção de um radiodocumentário;
- Vivenciar as etapas do jornalismo que começa desde a pauta (produtor, levanta o assunto e coloca em pauta), repórter, apresentador, passando pela redação até o editor chefe que coordena toda a etapa final da produção do programa.

3 JUSTIFICATIVA

No aspecto social, o radiodocumentário contou a história de Helena Meirelles, uma violeira importante para o cenário musical em especial para Mato Grosso do Sul, estado com representatividade na música cultural caipira.

No campo acadêmico, o programa voltado a temática e pode servir como base para pesquisas e possíveis produções futuras de radiodocumentários.

Como justificativa pessoal, o programa trouxe um olhar mais crítico-reflexivo, pois o padrão cultural da música pelo qual Mato Grosso do Sul é reconhecido por sua sonoridade, tem perdido força diante de novos gêneros musicais, especialmente o sertanejo universitário. Evidenciar essa cultura caipira que aos poucos vai ficando esquecida, é uma maneira de se manter viva essa tão importante raiz musical.

4 LINHA EDITORIAL

O programa objetivou produzir conteúdo jornalístico, tendo caráter predominantemente informativo, mas podendo ser interpretativo, de acordo com as falas dos entrevistados e o ponto de vista do autor.

As pautas seguiram a estrutura: retranscrição, proposta, roteiro e dados, para serem executadas pelo repórter. Para as entrevistas, o autor atentou-se à qualidade sonora, de forma que a voz do entrevistado seja nítida e clara, e evitando ruídos que atrapalhem essa nitidez e clareza, garantindo qualidade de áudio ao ouvinte.

Após produzidas, as sonoras foram descarregadas nos computadores da Rádio Facopp, junto aos técnicos, para agilizar a edição, garantindo o fácil acesso ao material. O conteúdo obtido foi de fácil compreensão ao ouvinte, e utilizou linguagens simples, além de evitar ambiguidade. Foi mantida uma sequência dos fatos que faça a narrativa ser de fácil entendimento, à critério do autor, foi possível trabalhar aformacronológica. As fontes utilizadas na entrevista tiveram boa capacidade de fazer um discurso compreensível, e evitou-se linguagem rebuscada, dando ênfase a linguagem sertaneja oriunda do pantanal Sul-mato-grossense.

Durante a edição, o script foi ajustado ao conteúdo e ao tempo planejado, conhecido como espelho. Foi feito ainda os recortes das sonoras, junto aos técnicos presentes no laboratório, para efetiva compreensão e qualidade do material. Quanto ao uso do software Sony Vegas, SoundForge. A mensagem informativa foi constituída com ajuda da locução e ilustração musical, foi possível ainda utilizar efeitos sonoros do pantanal, além de ruídos para ambientalização, bem como o silêncio espontâneo para suspense ou reflexão.

A locução, exigiu voz clara, que facilitou a audição e a compreensão, além de pronúncia das palavras, tendo sempre um ritmo de leitura para facilitar a fluidez da comunicação oral; e que promoveu a sensorialidade necessária para melhor compreensão da narrativa. Na trilha e nos efeitos sonoros, foram usados o efeito de sobre som, para ilustrar a mensagem. Após a ficha técnica foi usado o sobre som e durante os relatos dos entrevistados ocorreu o “*background*”, ou seja, música de fundo enquanto os entrevistados contavam a história a partir de um ponto de vista pessoal, ao final do programa ocorreu o desce som. A vinheta de encerramento formalizou a finalização do programa.

No que diz respeito às questões éticas, houve uma preocupação maior em agir sempre educadamente e com respeito às pessoas. Saber conduzir uma conversa, cumprir horários e evitar intimidades com os entrevistados, o tratamento por senhor ou senhora, foi imprescindível.

Além disso, foi tomada a devida precaução para não influenciar os entrevistados a falarem algo ou distorcer informações, de acordo com os princípios éticos do jornalismo.

5 ESTRUTURA

Foram utilizados no início, para abertura, um som pantaneiro, seguido do relato de Helena Meirelles e só então a vinheta de abertura.

A vinheta de abertura do programa teve o seguinte conteúdo: “na rádio Facopp, a partir de agora você ouve Repórter Web. Um programa do gênero documentário que aborda o fato sob o ponto de vista da produção”. A vinheta de encerramento: “você ouviu mais uma edição do Repórter Web. Um programa do gênero documentário que aborda o fato sob o ponto de vista da produção”. Antes da vinheta de encerramento será apresentada a ficha técnica com os nomes e funções dos envolvidos no processo de produção e agradecimentos de pessoas que contribuíram com as entrevistas.

Por se tratar de um gênero documental, não houve a necessidade de divisão em blocos, foi dado o prosseguimento direto do conteúdo de forma ininterrupta.

Ao primeiro off a apresentação de Helena Meirelles feita pelo apresentador, relatando sua história e sua importância para o mundo da música com a presença de depoimentos de pessoas que conviveram com a artista.

O programa encerrou com alguns relatos dos entrevistados, livre da interlocução do apresentador.

Ficha técnica: Nesta edição, por se tratar de um único integrante, o padrão foi redesenhado pelo autor do trabalho e produtor do programa, seguindo o seguinte texto: “a produção e apresentação deste programa foi minha, Jeferson Silva. Com a orientação e supervisão do professor Homéro Ferreira, e edição eletrônica de Jesley Almeida. Este programa foi fruto de um trabalho de conclusão de curso do jornalismo da Facopp, Unoeste, resultado de um projeto de pesquisa sobre a história

e influência cultural de Helena Meirelles. Este programa foi gravado no dia 06 de outubro de 2020. ”

Registro de data: Este programa foi gravado no dia 06 de outubro de 2020.

6 ILUSTRAÇÃO SONORA

6.1 Vinheta de Abertura

A vinheta de abertura terá 17 segundos, contados a partir de seu início.

- Música e trilha: Na rádio Facopp a partir de agora você ouve Repórter Web. Um programa do gênero documentário que aborda o fato sob o ponto de vista da produção.

6.2 Vinheta de Passagem

Conforme mencionado, não houve a necessidade de aplicação de blocos e vinheta de passagem.

6.3 Vinheta de Encerramento

- Música e trilha: Na rádio Facopp você ouviu mais uma edição do Repórter Web; um programa do gênero documentário que aborda o fato sob o ponto de vista da produção.

7 DIVULGAÇÃO

O produto final será disponibilizado ao público na Rádio Facopp, podendo também ser divulgado também pelo pesquisador, em suas redes sociais pessoais, no YouTube ou em plataformas de streaming de áudio, como Spotify, Deezer, entre outras.

8 RECURSOS FINANCEIROS

Foram anexados ao trabalho final todos os gastos financeiros decorrentes de toda a fase de realização das reportagens, locomoção para orientações, bem como todo processo da produção do programa “Repórter Web”. Essas demonstrações contábeis, assim como as demais peças demonstrativas da prestação de contas, teve um teto de gasto previsto e estabelecido em aproximadamente R\$ 120 (cem reais), conforme a necessidade e atividade esse valor poderá ser ultrapassado. As atualizações e demonstrações fiscais foram realizadas através de planilhas de Excel, ao qual processou-se com regularidade e atualização.

8.1 DESPESAS

As despesas decorrentes da apuração, pré-entrevistas, entrevistas e montagem do produto final, atingiram o valor final já estipulado previamente, desde a fase inicial como coleta de dados, bem como a fase final e entrega do trabalho teórico.

8.2 DOCUMENTAÇÃO

As despesas realizadas foram devidamente comprovadas, por meio da emissão de recibos ou notas de pagamentos online ou físico, com apresentação devida da nota fiscal, fatura ou recibo correspondente para cada despesa realizada, bem como, todas as receitas estarão devidamente identificadas através de relatórios de débitos, assim esses débitos seguiram direto para o relatório de Excel e anexado ao trabalho.

9 RECURSOS HUMANOS

Este programa feito por apenas um estudante do 8º termo do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social de Presidente Prudente (Facopp), do ano de 2020, sob a orientação do professor Homero Ferreira e assistência de Jesley Almeida, técnico da Rádio Facopp.

Durante o processo de produção, coube ao único produtor assumir funções pertinentes ao jornalismo de rádio, e quanto às etapas de produção elas se configuraram cumulativas: pauteiro, repórter, editor de textos e das sonoras, locução e edição final.

10 RECURSOS TÉCNICOS

Para a produção do programa, foram utilizados os equipamentos disponíveis na Rádio Facopp, além do telefone celular do próprio aluno e para entrevistas online devido o panorama pandêmico, as sonoras contaram com telefones celulares dos próprios entrevistados por áudios enviados através da plataforma de mensagens instantâneas, WhatsApp. No laboratório, o técnico e o apresentador dispuseram dos seguintes equipamentos: computador com programas necessários para produção e edição Sony SoundForge e Sony Vegas, armazenagem e transmissão para pela Rádio Facopp, mesas de 8 e de 16 canais, amplificador de som, três caixas de som, HD externo para armazenamento de arquivos, impressora e três microfones com pedestais fixos.

APÊNDICE B
PAUTAS

Pauta: Helena Meirelles – Entrevista com Regina Freire**Data: 15/05/2020****Horário: 11:17****Repórter: Jeferson Silva****Entrevistado: Historiadora Regina Freire****Proposta/encaminhamento:**

Levantar dados históricos com a secretária da cultura municipal, Regina Freire sobre Helena Meirelles e a implantação e recepção do Museu em Bataguassu (MS), além da propagação cultural da música caipira pelo Brasil de origem Sul-mato-grossense. Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande (MS) ao primeiro e, antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). Não suportando as críticas da família, entregou os filhos aos pais adotivos, a partir de então começou a conviver em bares e tocar em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11.

Encaminhamento:

De origem simplista vinda do pantanal Sul-mato-grossense, Helena foi uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo, quebrou barreiras sociais e adentrou o mundo da música precocemente, ainda criança tocava de maneira não profissional, mas foi por volta dos 1994 com produção de Mário Araújo, lança seu primeiro álbum intitulado “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA”.

Dados: Regina é Coordenadora Municipal de Cultura do município de Bataguassu (MS); no ensino público municipal, lecionou Língua Portuguesa desde o ano de 2000 até 2012, com formação nas áreas de Letras pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) – Presidente Prudente (SP) em 1988, pedagoga pela UNIESP em 2008, Pós-Graduação em Gestão Cultural pela Universidade de Brasília (UNB) em 2016, além disso é formada em Inclusão pela Universidade Católica de Brasília (UCB) no ano de 2010, possui Orientação Educacional pela UNIESP em 2008 e graduanda em História (UNECESUMAR).

*** Devido a pandemia do Novo Coronavírus, o decreto da saúde nº064/2020 de 23 de março vigorou em Bataguassu determinando fechamento de serviços não essenciais, no intuito de resguardar a saúde do entrevistado e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados pela plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

A pesquisa no museu foi realizada de forma presencial para coleta de fotos e textos que ocorreu em Setembro quando o serviço cultural foi reaberto.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Fale sobre como conheceu a História de Helena Meirelles.
- 2) O que Helena representa para você em nossa cidade?
- 3) Como ele ajudou a difundir a cultura regional em Bataguassu e levar essa cultura para fora?
- 4) Acredita que Helena quebrou barreiras do preconceito? Porque?
- 5) Como foi receber uma construção que abraça a vida de Helena Meirelles dentro de Bataguassu?
- 6) Fale sobre a separação do estado e o Registro de Helena

Pauta: Helena Meirelles – Entrevista com Mário Araújo**Data: 18/05/2020****Horário: 18:03****Repórter: Jeferson Silva****Entrevistado: Jornalista e Produtor musical de Helena Meirelles – Mário Araújo****Proposta e encaminhamento:**

Conversar com Mário Araújo, sobrinho e responsável pela carreira da tia, a principal finalidade é coletar mais dados que não estão disponíveis na internet ou em documentários já referenciados, a partir do relato de Mário pretende-se, sobretudo, corrigir possíveis distorções nas informações coletadas dos mais variados meios e documentos encontrados na internet.

Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande (MS) ao primeiro e, antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). Não suportando as críticas da família, entregou os filhos aos pais adotivos, a partir de então começou a conviver em bares e tocar em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11.

**** Devido a pandemia do Novo Coronavírus, o decreto da saúde nº064/2020 de 23 de março vigorou em Bataguassu determinando fechamento de serviços não essenciais, no intuito de resguardar a saúde do entrevistado e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados pela plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

Encaminhamento:

De origem simplista vinda do pantanal Sul-mato-grossense, Helena foi uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo, quebrou barreiras sociais e adentrou o mundo da música precocemente, ainda criança tocava de maneira não profissional, mas foi por volta dos 1994 com produção de Mário Araújo, lança seu primeiro álbum intitulado “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA”.

Dados: Mário Araújo possui 69 anos, nascido em Piquerobi interior de São Paulo, é jornalista e foi produtor musical de Helena Meirelles até o ano de 1994, formado pela Universidade Metodista em São Bernardo do Campo (SP), trabalhou na imprensa e em área internacional, é fluente em idiomas e estrangeiros: inglês, espanhol, entre outros. Trabalhou em Jornal de língua inglesa em São Paulo o Latino American Dalil Post, além disso Mário morou na Interra pos duas vezes, foi colaborador da Sessão Brasileira do Serviço Mundial da BBC, possui Mestardo em Comunicação em semiótica pela PUC de São Paulo concluiu o mestrado sob a monografia: “Alguns Aspectos Simbólicos da Música de Helena Pereira da Silva”, trabalho avaliado por Maria Lucia Santaella Braga que é coordenadora de Mestardo e Doutoramento da Universidade Católica de São Paulo, além disso, Mário é professor de língua estrangeira, inglês e espanhol, foi professor de Literatura Britânica e Norte Americana. É diretor geral de três escolas de idiomas e franqueado pela rede de idiomas CCAA em Guarujá, Cubatão e Praia Grande.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Mário Qual era sua relação com Helena antes e durante a música?
- 2) O prêmio Spotlight veio primeiro ou foi o CD pela Eldorado?
- 3) Fale sobre a participação da banda em programas internacionais?

- 4) Conte sobre a descendência de Helena (pais, avós e de onde vieram, ex: Avô Paraguai, avó minas, bisavó índia).
- 5) Mato Grosso do Sul tem uma enorme carga cultural que não podemos mensurar, pode nos dizer as influências vindas de fora e se estabelecidos aqui em solo Sul-mato-grossense?
- 6) É possível dizer que o sertanejo tenha sido influenciado por Helena? Como se deu essa propagação cultural no mundo da música sertaneja?
- 7) Acredita que Helena foi precursora e abriu portas para a cultura violeira de Mato Grosso do Sul?
- 8) Sobre o museu criado em Bataguassu (MS), o que ele representa para você como músico e para a memória de Helena?
- 9) No tempo de convivência com Helena houve algum fato curioso?

Pauta: Helena Meirelles – Entrevista com José Ladislau**Data: 29/05/2020****Horário: 14:44****Repórter: Jeferson Silva****Entrevistado: Amigo de infância José Ladislau****Proposta e encaminhamento:**

Conversar com Jose Ladislau, fã e amigo de infância de Helena Meirelles, a principal finalidade é coletar mais dados que não estão disponíveis na internet ou em documentários já referenciados, a partir do relato de Mário pretende-se, sobretudo, corrigir possíveis distorções nas informações coletadas dos mais variados meios e documentos encontrados na internet.

Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande (MS) ao primeiro e, antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). Não suportando as críticas da família, entregou os filhos aos pais adotivos, a partir de então começou a conviver em bares e tocar em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11.

**** Devido a pandemia do Novo Coronavírus, o decreto da saúde nº064/2020 de 23 de março vigorou em Bataguassu determinando fechamento de serviços não essenciais, no intuito de resguardar a saúde do entrevistado e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados pela plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

Em outro momento foi feita uma visitação presencial para lapidar o conteúdo anteriormente já coletado.

Encaminhamento:

De origem simplista vinda do pantanal Sul-mato-grossense, Helena foi uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo, quebrou barreiras sociais e adentrou o mundo da música precocemente, ainda criança tocava de maneira não profissional, mas foi por volta dos 1994 com produção de Mário Araújo, lança seu primeiro álbum intitulado “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA”.

Dados: José Ladislau é de origem simples e humilde, amigo de infância de Helena Meirelles e teve muita convivência com a violeira e família, Ladislau foi atuante na fundação do município de Bataguassu e em homenagem algumas ruas e prédios municipais levam seu nome.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Como o senhor conheceu a Dona Helena ?
- 2) Como era o convívio de criança entre vocês dois?
- 3) Como era o convívio entre Helena e a família?
- 4) Quanto às músicas dela, o que o senhor sente quando ouve?

Pauta: Helena Meirelles – Entrevista com Francisco Machado**Data: 05/08/2020****Horário: 16:47****Repórter: Jeferson Silva****Entrevistado: Francisco Costa Machado****Proposta e encaminhamento:**

Conversar com Francisco Machado, filho e ex integrante da banda de Helena Meirelles, a principal finalidade é coletar mais dados que não estão disponíveis na internet ou em documentários já referenciados, a partir do relato de Mário pretende-se, sobretudo, corrigir possíveis distorções nas informações coletadas dos mais variados meios e documentos encontrados na internet.

Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande (MS) ao primeiro e, antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). Não suportando as críticas da família, entregou os filhos aos pais adotivos, a partir de então começou a conviver em bares e tocar em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11.

**** Devido a pandemia do Novo Coronavírus, o decreto da saúde nº064/2020 de 23 de março vigorou em Bataguassu determinando fechamento de serviços não essenciais, no intuito de resguardar a saúde do entrevistado e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados pela plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

Encaminhamento:

De origem simplista vinda do pantanal Sul-mato-grossense, Helena foi uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo, quebrou barreiras sociais e adentrou o mundo da música precocemente, ainda criança tocava de maneira não profissional, mas foi por volta dos 1994 com produção de Mário Araújo, lança seu primeiro álbum intitulado “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA”.

Dados: Francisco Machado é filho de Helena Meirelles, participou ativamente da banda entre os de 1994 até 2002, época em que ocorreu a última apresentação da banda em Campo Grande (MS) e que originou também o último CD da instrumentista intitulado “Helena Meirelles ao Vivo”. Hoje Francisco é residente de Campo Grande e sitiante.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Em que ano o senhor começou a tocar com Dona Helena?
- 2) Como era a convivência entre vocês? Como era a participação de vocês em programas internacionais e nacionais?
- 3) Como era a convivência da Dona Helena com a banda toda?
- 4) O senhor acredita que a Helena influenciou o sertanejo caipira?
- 5) Com quais artistas a dona Helena chegou a tocar?
- 6) Quem eram os integrantes da banda?
- 7) A Helena Meirelles abriu portas para a cultura violeira em Mato Grosso do Sul?

Pauta: Helena Meirelles – Entrevista com Brenda Rodrigues (Violeira do Pantanal)

Data: 10/09/2020

Horário: 19:50

Repórter: Jeferson Silva

Entrevistado: Brenda Rodrigues

Proposta e encaminhamento:

Conversar com Brenda Rodrigues sobre sua experiência com a viola e sobre a influência recebida de Helena Meirelles, neste caso, a principal finalidade é coletar relatos da nova violeira a partir de sua perspectiva no cenário musical caipira.

Helena Pereira da Silva nasceu em 13 de agosto de 1924, em uma fazenda de nome Jararaca, fundada em uma antiga estrada boiadeira, localizada às margens do Rio Pardo que ligava Campo Grande (MS) ao primeiro e, antigo distrito de Bataguassu, Porto XV, no Mato Grosso do Sul.

Helena cresceu em meio à gritos dos peões com tropas boiadeira, poeira e comitivas procedentes no Pantanal, época em que não se pensava em dividir os estados de Mato Grosso (MT) em Mato Grosso do Sul (MS). Não suportando as críticas da família, entregou os filhos aos pais adotivos, a partir de então começou a conviver em bares e tocar em bordéis de Porto XV, distrito de Bataguassu (MS), onde com a sua viola animava a farra e quem lá vivia. Com o passar dos anos, Helena se envolveu com amantes, tornou-se parte do quadro das moças de bordel e no processo teve mais seis filhos, o que totalizou 11.

**** Devido a pandemia do Novo Coronavírus, o decreto da saúde nº064/2020 de 23 de março vigorou em Bataguassu determinando fechamento de serviços não essenciais, no intuito de resguardar a saúde do entrevistado e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados pela plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

.

Encaminhamento:

De origem simplista vinda do pantanal Sul-mato-grossense, Helena foi uma instrumentista que esteve à frente de seu tempo, quebrou barreiras sociais e adentrou o mundo da música precocemente, ainda criança tocava de maneira não profissional, mas foi por volta dos 1994 com produção de Mário Araújo, lança seu primeiro álbum intitulado “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA”.

Dados: Brenda é uma instrumentista nascida em Corumbá (MS), aprendeu a tocar violão aos três anos de idade tomada pelo gosto musical da viola caipira. Durante algumas pesquisas na internet se deparou com o mundo de Helena Meirelles onde a toma como inspiração e relembra seu tão cultuado modo de tocar onde quer que faça shows.

Roteiro de Perguntas:

- 1) Como eu descobri a música da Helena Meirelles?
- 2) Fale sobre seu sentimento ao tocar o legado de Helena Meirelles
- 3) Sobre os documentários há algo que queria compartilhar?
- 4) De que maneira a música da Helena me toca? Há alguma em específico?

APÊNDICE C
DIÁRIO DE CAMPO

Diário de Campo – Regina Freire

Visita Presencial.

Data: 15/05/2020

A primeira entrevista ocorreu com Regina Freire que é chefe do departamento do núcleo cultural em Bataguassu, cabelos lisos, estatura média. Durante o passeio pelo museu, foi contada desde a história da fundação de Bataguassu-MS, até a abertura da estrada boiadeira, famosa estrada que anos após viraria um corredor comercial de gados bovinos.

Ao falarmos sobre Helena, sempre respondendo às perguntas exatamente como são feitas, mas a diferença é que os incrementos sempre enriqueciam e atiçavam cada vez mais o desejo de mais perguntas, infelizmente a correria cotidiana não nos me permitiu um encontro onde pudéssemos falar para além de Helena.

No museu, algumas peças da maior artista violeira que já passou pelo estado, de berrante encaixotado em acrílico à famosa viola, além da última camiseta que Helena apareceu em público tocando pela última vez.

Nas paredes vários quadros ganham destaques em diferentes tamanhos, uns maiores, outros médios e alguns porta-retratos, juntando em mão única um curto resumo de sua história.

Regina também relatou sobre uma mulher de nome Brenda que se inspirou na música de Helena Meirelles e hoje produz vídeos que alimentam suas redes sociais.

Diário de Campo – Mário Araújo

À distância

Data: 27/05/2020

A segunda entrevista ocorreu com Mário Araújo na tarde do dia 27/05/2020, Mario relatou todo seu convívio com Helena até o último CD por ele produzido, álbum Helena Meirelles “A Grande Dama da Viola”, o ex artista e parceiro de banda da tia, narra em entrevista todos os fatos e acontecimentos, o auge segundo ele, foi o do Sesc Pompéia - SP, onde ingressos em instantes se esgotaram em Três dias de Shows. Pessoas de muito distante foram trazidas pela musicalidade e originalidade de Helena, a mestra do violão pantaneiro.

Segundo Mario o que fica é a saudade e as variadas recordações que a violeira deixou e marcou não só a vida Mario, mas a cultura de Mato Grosso do Sul e a todos que aqui conviveram com ela.

Diário de Campo – José Ladislau

Visita presencial

Data: 29/05/2020

A terceira entrevista foi José Ladislau co-fundador do município de Bataguassu-MS na década de 1953, além participou da emancipação do município em 1955.

Sobre a trajetória de Helena Meirelles, relata sob o ponto de vista subjetivo a saudade que sente de Helena e suas músicas. Na época em que a violeira "desapareceu", ele viajou até São Paulo na tentativa de reencontrar a amiga, o que não aconteceu.

No dia seguinte retornou de São Paulo para a terra natal, Bataguassu MS, onde aqui repousará da viagem, até que ele soube de notícias de Helena, a amiga estava fazendo sucesso, com um rádio ligado, acompanhava suas composições, hoje, lembrando todo esse passado e com os olhos cheios d'água, o que fica é a saudade de vivenciar mais dessa grande amizade e a vontade ouvir a grande violeira, Helena, tocar mais uma vez o seu inseparável violão.

Diário de Campo – Francisco Machado

À distância

Data: 05/08/2020

A quarta entrevista foi com o Francisco Machado, filho e ex-integrante da banda de Helena Meirelles. Sob uma perspectiva subjetiva e emotiva Francisco relata a saudade que sente da mãe e dos tempos em que tocava junto com a violeira que mais tarde, em 1993, ganhou reconhecimento com destaque internacional. Francisco encerra dizendo que aprendeu muito com ela principalmente na música, além disso a vivência o levou a aprender e a abraçar a vida com aquilo que ela nos oferece.

Diário de Campo – Brenda Rodrigues

À distância

Data: 10/09/2020

A quinta e última entrevista foi com Brenda Rodrigues, uma menina que aos três anos descobriu sua grande paixão, a viola. Brenda, que residia em Corumbá (MS), cresceu ouvindo rádio e o acompanhava durante as manhãs sertanejas, sempre remetia o pensamento à fauna de Mato Grosso do Sul. A violeira da nova geração relata que conheceu uma música de Helena, por acaso "A Volta de Guira Campana", ao pesquisar descobriu a intérprete da música, a grande violeira Helena Meirelles.

Daí para frente não parou mais, e decorou os modos de tocar de Helena Meirelles. Por esse motivo, pode ser que ela seja a nova Helena Meirelles do momento atual.

"Quando eu toco alguma música da Dona Helena eu me sinto resgatando a minha cultura de onde eu vim que é Corumbá a capital do Pantanal no Mato Grosso do Sul e quando pedem que eu toque, sinto que fiz minha parte em mostrar a obra da Helena", explica.

É possível identificar, ainda, a emoção de Brenda em ser a nova semente que está continuando o legado da eterna violeira.

APÊNDICE D
SCRIPT DO PROGRAMA

ROTEIRO/SCRIPT DO PROGRAMA REPÓRTER WEB**TRILHA SONORA PANTANAL****TEMPO: IN: 00'01" – OUT: 00'15"****SONORA: HELENA MEIRELLES****ARQUIVO: DE BOIADAS E BOIADEIROS****TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 00'27****DEIXA INICIAL: OLHA, EU NASCI...****DEIXA FINAL: ESTALO DO ARREADOR****VINHETA DE ABERTURA****TRILHA SONORA: DONA DALVA****TEMPO: IN: 00'01 – 00'15**

OFF 1: OLÁ OUVINTES DA RÁDIO FACOPP! ESTÁ COMEÇANDO MAIS UM PROGRAMA REPÓRTER WEB.

E HOJE IREMOS FALAR UM POUCO SOBRE A CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE, TRAZENDO A VIDA E A HISTÓRIA DA GRANDE DAMA DA VIOLA CAIPIRA.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE HELENA MEIRELLES? VAMOS AGORA CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE ESSA FIGURA TÃO IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DA MÚSICA CAIPIRA, E PARA O ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL.

HELENA MEIRELLES NASCEU NA REGIÃO DO PORTO XV DE NOVENBRO, NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL, EM UMA INSÓLITA SEXTA-FEIRA 13 DE AGOSTO DE 1923, O QUE PARA MUITOS O 13 SIGNIFICA AZAR, MAS PARA HELENA FOI O CONTRÁRIO. O GOSTO PELA MÚSICA CAIPIRA VEIO AOS 7 ANOS, VENDO O AVÔ TOCAR PARA OS PARAGUAIOS QUE PARAVAM POR ALI EM VIAGEM PARA O ESTADO DE SÃO PAULO.

SONORA: HELENA MEIRELLES**ARQUIVO: FAZENDA JARARACA****TEMPO: IN: 00'39" - OUT: 01'08"****DEIXA INICIAL: EU, DESDE CRIANÇA...****DEIXA FINAL: TOCAVAM, ESSES PARAGUAIOS**

OFF 2: PROIBIDA DE TOCAR E APENAS COMO EXPECTADORA, AO LONGE, APRECIAVA O SOM QUE SE ESVAIRAVA PELO AMBIENTE, OLHOS ATENTOS E OUVIDOS AGUÇADOS, HELENA NÃO PERDIA UMA NOTA, DECOROU TUDO NA FRÁGIL CABEÇA.

OS PAIS, VENDO AFEIÇÃO DA MENINA PELO INSTRUMENTO, A ADVERTIA "MULHER QUE APRENDER A TOCAR, VAI VIRAR UMA SEM-VERGONHA. VAMOS CORTAR SEUS DEDOS. "

“CORTEM! TOCAREI MESMO QUE COM OS TOCOS”. RETRUCAVA A PEQUENA MENINA.

TEIMOSA E DETERMINADA A “ARRANHAR” AS NOTAS QUE ACABARA DE GUARADAR NA CABEÇA, HELENA PEGAVA ESCONDIDO O VIOLÃO QUE O IRMÃO DEIXAVA GUARDADO EM CIMA DO TELHADO DA CASA, POSSE DO INSTRUMENTO SE DIRIGIA À UMA PLANTAÇÃO DE MANDIOCA E AO TÉRMINO REGREDIA DE VOLTA PARA CASA.

TRILHA SONORA GUAXO

TEMPO: IN: 00’01” – OUT: 00’29”

OFF 3: O TEMPO PASSOU E EM UM DIA, JÁ AOS NOVE ANOS, O TIO LEONCIO PEDIU PARA QUE A MENINA FOSSE BUSCAR O VIOLÃO, HELENA NESSE INSTANTE ACHA UMA OPORTUNIDADE PARA PEDIR PERMISSÃO AO TIO PARA TOCAR. NOVA AMEAÇA: “PEGUE O VIOLÃO E SE NÃO CONSEGUIR, APANHA”. SUPRESO, NÃO SÓ VIU A SOBRINHA DOMINAR O INSTRUMENTO COM DESTREZA, COMO TAMBÉM A CHAMOU PARA FAZER PARTE DAS RODAS DE VIOLÃO.

SONORA: HELENA MEIRELLES

ARQUIVO: FAZENDA JARARACA

TEMPO: IN: 01’22” - OUT: 02’05”

DEIXA INICIAL: OS PRIMEIROS BAILES...

DEIXA FINAL: DANÇANDO E TOCANDO

OFF 4: MÁRIO ARAÚJO, O SOBRINHO, ATESTA QUE A TIA, HELENA, FOI UMA PESSOA DE GRANDE IMPORTÂNCIA DESDE MUITO NOVA, ALÉM DE SER RESISTENCIA DENTRO DE UM AMBIENTE DOMINADO POR HOMENS.

SONORA: MÁRIO ARAÚJO

ARQUIVO: PTT 20200722 – WA0027

TEMPO: IN: 00’01 - OUT: 00’28

DEIXA INICIAL: A HELENA ELA...

DEIXA FINAL: ELA FOI PRECURSORA

OFF 5: COMO ERA DE COSTUME NAQUELA ÉPOCA, HELENA VIVEU UMA VIDA SIMPLES, PANTANEIRA E CHEIA DE PRECONCEITOS, TANTO QUE NUNCA FREQUENTOU A ESCOLA. SE CASOU AOS 17 ANOS, E QUANDO O MARIDO QUIS IMPEDÍ-LA DE CONTINUAR TOCANDO, SE SEPAROU ALGUM TEMPO DEPOIS, COM 21 ANOS E TRÊS FILHOS.

SONORA: MÁRIO ARAÚJO

ARQUIVO: PTT 20200722WA0043

TEMPO: IN: 08'59 - OUT: 09'29
DEIXA INICIAL: ELA ERA UMA PESSOA...
DEIXA FINAL: POR HOMEM NÃO

OFF 6: LOGO APÓS SE JUNTOU A UM PARAGUAIO, QUE CONVIVEU POR OITO ANOS E TEVE MAIS DOIS FILHOS. A SEGUNDA SEPARAÇÃO FEZ HELENA ADOTAR UM ESTILO DE VIDA TOTALMENTE CONTRÁRIO À SUA FAMÍLIA: UMA MISTURA DE MÚSICA, BEBIDA E BOEMIA.

SONORA: HELENA MEIRELLES
ARQUIVO: DE BOIADEIROS E BORDEIS
TEMPO: IN: 00'01" – OUT: 01'03"
DEIXA INICIAL: OLHA, EU GOSTAVA...
DEIXA FINAL: ÀS VEZES APANHAVA

SONORA: MÁRIO DE ARAÚJO
ARQUIVO: PTT 20200722WA0043
TEMPO: IN: 01'02 - OUT: 02'08
DEIXA INICIAL: HELENA TAMBÉM MOROU
DEIXA FINAL: BORDEIS, ESSAS COISAS

TRILHA SONORA: FAMÍLIA ARRASTAPÉ
TEMPO: IN: 00'01 – OUT: 00'22"

OFF 7: COM SEU NOVO COMPORTAMENTO E ESTILO DE VIDA, SUA FAMÍLIA PASSOU A JULGÁ-LA. NÃO SUPORTANDO AS CRÍTICAS A SEU ESTILO REBELDE, ENTREGOU OS FILHOS A PAIS ADOTIVOS. PASSOU A TOCAR EM BARES E VIVER EM CASAS DE SHOWS, ASSIM NO PROCESSO VIERAM MAIS SEIS FILHOS, CHEGANDO A 11 NO TOTAL. DESCONSOLADA, HELENA ENTÃO AVISOU: "MÃE, EU NÃO TIVE SORTE COM O PRIMEIRO, NÃO TIVE SORTE COM O SEGUNDO... AGORA VOU FICAR FEITO PROSTITUTA POR AÍ. SE NÃO DER CERTO, NÃO INTERESSA. O QUE EU TINHA MAIS DE VALOR ERA A MINHA HONRA E EU JÁ PERDI MESMO. ENTÃO QUE SE LASQUE". ALGUM TEMPO DEPOIS HELENA SE JUNTOU A UM PEÃO QUE ESTEVE DE PASSAGEM AO BORDEL DE PORTO XV. DE ACORDO COM HELENA, PASSOU A NOITE COM ELE, SEU NOME ERA CONSTANTINO MACHADO. FICARAM JUNTOS POR 35 ANOS, SENDO SEU TERCEIRO E ÚLTIMO MARIDO. DEPOIS DISSO, A FAMÍLIA NÃO TEVE MAIS NOTÍCIAS DE HELENA.

SONORA: MÁRIO ARAÚJO
ARQUIVO: PTT 20200722WA0043
TEMPO: IN: 04'57 - OUT: 06'48"
DEIXA INICIAL: EU FUI REVER
DEIXA FINAL: NÃO CONHECIAM TAMBÉM

TRILHA SONORA: AMÉLIA BOIADEIRA
TEMPO: IN: 00'01" OUT: 00'29"

OFF 8: NO FINAL DOS ANOS 1980, HELENA PASSA A MORAR COM MÁRIO, SEU SOBRINHO, NA CIDADE DE SANTO ANDRÉ, NA REGIÃO DO ABC PAULISTA. SEMPRE QUE MÁRIO PEDIA, HELENA TOCAVA, E AÍ QUE, PERCEBENDO O TALENTO DA TIA, PROCUROU ALGUNS PRODUTORES MUSICAIS, QUE SE INTERESSARAM, PORÉM DESISTIAM PELO PERFIL E IDADE DE HELENA. MAS MÁRIO SEGUIA DETERMINADO, E RESOLVEU ALUGAR POR CONTA PRÓPRIA UM ESTÚDIO, E GRAVAR AS MÚSICAS DE HELENA EM ALGUMAS FITAS K7.

SONORA: MÁRIO ARAÚJO
ARQUIVO: PTT-20200722-WA0039
TEMPO: IN: 00'44 - OUT: 03'24"
DEIXA INICIAL: EM 1991, NÓS...
DEIXA FINAL: OS GRANDES JORNAIS

OFF 9: O RECONHECIMENTO PROFISSIONAL EM ÂMBITO NACIONAL JÁ ACONTECIA ANTES DE 1992, SEMPRE MUITO ELOGIADA POR PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS COMO: FOLHA DE SÃO PAULO E ESTADÃO, PORÉM A ALAVANCAGEM E SUCESSO PROFISSIONAL ACONTECERAM TARDIAMENTE, EM NOVEMBRO DE 1993, JÁ PARA COMPLETAR 70 ANOS, PELA REVISTA NORTE AMERICANA "GUITAR PLAYER", ESPECIALIZADA EM INSTRUMENTOS POPULARES DE CORDAS A ELEGU COM O TÍTULO SPOTLIGHT ARTIST (ARTISTA REVELAÇÃO). ISTO É, A VIOLEIRA RECEBEU DESTAQUE DURANTE A SELEÇÃO MENSAL DO MESMO NOME DEDICADA À REVELAÇÃO DE NOVOS TALENTOS. SUA PALHETA FOI INCLUSA NO PÔSTER ENCARTADO EM UMA DAS EDIÇÕES POSTERIORES DA "GUITAR PLAYER" INTITULADO "AS 101 PALHETAS DOS ASTROS DA GUITARRA", QUE FOI EXIBIDA AO LADO DE OUTROS 100 GRANDES MITOS INSTRUMENTISTAS, ENTRE ELES, IDOLATRADOS ROQUEIROS, JAZZISTAS E BLUESMEN, COMO: ERIC CLAPTON, JEFF BECK, GEORGE BENSON, STEVE RAY VAUGHAN, KEITH RICHARDS E JHON MCLAUGHIN, ALÉM DO INGLÊS JIMMY PAGE, DO NORTE-AMERICANO B.B KING, E DO MEXICANO CARLOS SANTANA.

SONORA: MÁRIO ARAÚJO
ARQUIVO: PTT-20200722-WA0039
TEMPO: IN: 04'51 - OUT: 05'23"
DEIXA INICIAL: A GUITAR PLAYER...
DEIXA FINAL: GUITAR PLAYER AMERICANA

OFF 10: A PARTIR DE 1994, A BANDA DE HELENA PASSOU A CONTAR TAMBÉM COM SEU FILHO, FRANCISCO MACHADO.

SONORA: FRANCISCO MACHADO
ARQUIVO: AUD20200907-WA0063
TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 01'00
DEIXA INICIAL: A DONA HELENA...
DEIXA FINAL: NA AFINAÇÃO DELA

TRILHA SONORA: CHALANA
TEMPO: IN: 00'21 - OUT: 01'18"

OFF 11: TAMBÉM EM 1994, HELENA LANÇOU SEU PRIMEIRO CD, HOMÔNIMO, PRODUZIDO POR MÁRIO E LANÇADO À MESMA ÉPOCA QUE O SHOW QUE COMEMOROU OS SEUS 70 ANOS, CHAMADO "HELENA MEIRELLES, A GRANDE DAMA DA VIOLA 70 ANOS", FEITO NO MÊS DE AGOSTO DAQUELE ANO. NO ANO DE 1995, A SECRETARIA ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL, CONVIDOU HELENA PARA O FESTIVAL DE MÚSICA MERCOSUL NO PALACIO POPULAR DA CULTURA EM CAMPO GRANDE. EM 2 DE SETEMBRO DE 1996, HELENA LANÇOU O SEU SEGUNDO CD, INTITULADO "FLOR DE GUAVIRA", CUJA FAIXA XOTE BEM-TE-VI INTEGRA ESTE ALBUM.

TRILHA SONORA: XOTE BEM-TE-VI
TEMPO: IN: 00'15 - OUT: 00'46"

OFF 12: EM 1997, HELENA LANÇOU O ÁLBUM INTITULADO "RAIZ DE PANTANEIRA", COM UM TOTAL DE 14 FAIXAS. O CARRO CHEFE DESTES ÁLBUM FICOU POR CONTA DA MELODIA INTITULADA "A VOLTA DA GUIRA CAMPANA", COMPOSTA INTEIRAMENTE POR HELENA MEIRELLES, COM TEMPO DECORRIDO DE APROXIMADOS 02 MINUTOS E 59 SEGUNDOS. OUÇA UM TRECHO.

TRILHA SONORA: A VOLTA DA GUIRA CAMPANA
TEMPO: IN: 00'01" - OUT: 00'29"

OFF 13: NO ANO DE 1998, MEIRELLES FOI CONVIDADA A APRESENTAR-SE NA EXPO MERCOSUL EM CANELAS, RIO GRANDE DO SUL, E EM DIVERSAS UNIDADES DO SESC PELO BRASIL. EM 1999, HELENA FOI CONVIDADA PARA PARTICIPAR DE UM SHOW EM HOMENAGEM AO DIA DAS MULHERES, AO QUAL FEZ A ABERTURA. EM 2002, HELENA GRAVOU SEU PRIMEIRO CD AO VIVO, CONHECIDO COMO "HELENA MEIRELLES VOLTA À ESTRADA PANTANEIRA", GRAVADO NA CAPITAL SUL-MATO-GROSSENSE. O FILHO FRANCISCO MACHADO EX INTEGRANTE DE BANDA RELATA SUA RELAÇÃO COM A MÃE.

SONORA: FRANCISCO MACHADO

ARQUIVO: AUD-20200907-WA0059

TEMPO: IN: 0'23 - OUT: 01'27"

DEIXA INICIAL: A MINHA MÃE DEIXOU...

DEIXA FINAL: EDUCAÇÃO, RESPEITO E CIVILIZAÇÃO

SONORA: MÁRIO ARAÚJO

ARQUIVO: PTT-20200722-WA0033

TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 01'15

DEIXA INICIAL: EU SEMPRE FIZ...

DEIXA FINAL: TORNOU FAMOSA ANTES

OFF 14: NO ANO DE 2003, HELENA LANÇOU SEU QUARTO E ÚLTIMO CD, "AO VIVO DE VOLTA AO PANTANAL", APÓS DE TER VIAJADO AO RIO DE JANEIRO PARA DUPLO COMPROMISSO. O DISCO TRAZ DESTAQUE À FAIXA "SAMBA DO ZÉ", EM HOMENAGEM A SEU MÉDICO, POIS NESSA ÉPOCA, ELA JÁ TINHA PROBLEMAS RESPIRATÓRIOS. EM 2004, ALGUMAS MÚSICAS COMPOSTAS POR HELENA FORAM INCLUÍDAS NO CD DE COMPILAÇÃO "OS BAMBAS DA VIOLA". EM 13 DE AGOSTO DO MESMO ANO, EM HOMENAGEM AOS SEUS 81 ANOS, FOI LANÇADO EM CAMPO GRANDE O DOCUMENTÁRIO DE NOME "HELENA MEIRELLES: A GRANDE DAMA DA VIOLA", QUE SERVIU DE INSPIRAÇÃO PARA A TAMBÉM VIOLEIRA, BRENDA RODRIGUES AO PESQUISAR SOBRE O LEGADO DEIXADO POR HELENA.

SONORA: BRENDA RODRIGUES

ARQUIVO: AUD – 20200911-WA0066

TEMPO: IN: 00'01" - OUT: 01'12"

DEIXA INICIAL: HÁ NUM DOCUMENTÁRIO...

DEIXA FINAL: AS MÚSICAS DELA

OFF 15: EM 13 DE MAIO DE 2005, HELENA FEZ A SUA ÚLTIMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, NA INAUGURAÇÃO DA CONCHA ACÚSTICA HELENA MEIRELLES, UM ESPAÇO QUE CONTA COM TEATRO, ATIVIDADES RECREATIVAS E CULTURAIS. A OBRA TINHA SIDO INICIADA EM 1992, PARADA EM 1994 E RETOMADA EM 2002. NO MÊS DE SETEMBRO DO MESMO ANO, HELENA FOI INTERNADA COM PNEUMONIA CRÔNICA NOS DOIS PULMÕES, ONDE PERMANECEU POR DEZ DIAS. RECEBEU ALTA E, APÓS DOIS DIAS EM CASA, FALECEU NA MADRUGADA DO DIA 29 DE SETEMBRO DE 2005, DEIXANDO UM LEGADO DE PESO NA CULTURA DO MATO GROSSO DO SUL.

SONORA: FRANCISCO MACHADO

ARQUIVO: AUD-20200907-WA0058

TEMPO: IN: 01'12 - OUT: 01'52

DEIXA INICIAL: ELA DEIXOU UMA...

DEIXA FINAL: QUE SOU FILHO

SONORA: BRENDA RODRIGUES
ARQUIVO: AUD-20200911-WA0068
TEMPO: IN: 0'04 - OUT: 00'32"
DEIXA INICIAL: A MÚSICA DA HELENA...
DEIXA FINAL: DESSE BIOMA MARAVILHOSO

SONORA: BRENDA RODRIGUES
ARQUIVO: AUD- 20200911-WA0067
TEMPO: 00'01 - OUT: 00'34"
DEIXA INICIAL: POR ISSO QUE...
DEIXA FINAL: GRANDE OBRA MESMO

OFF 16: FORAM TANTAS AS OBRAS DEIXADA POR HELENA QUE A MORTE DELA NÃO PASSOU A SER TRATADA COMO UMA MORTE COMUM E, SIM COMO PERDA DE PATRIMONIO HISTÓRICO E CULTURAL TANTO NO CENÁRIO NACIONAL QUANTO EM MATO GROSSO DO SUL.

TRILHA SONORA: MOLEQUINHO MALCRIADO
TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 00'25"

OFF 17: NO ANO DE 2006, A CINEASTA DAINARA TOFFOLI LANÇOU O DOCUMENTÁRIO "DONA HELENA", EM SUA HOMENAGEM. EM 2013, O INSTITUTO BRASILEIRO DE VIOLA CAIPIRA FEZ UMA HOMENAGEM À HELENA NA CATEGORIA REFERÊNCIA, QUE RECEBEU O PRÊMIO ROZINI PELA EXCELÊNCIA EM INSTRUMENTOS DE CORDAS. EM 2017, HELENA FOI HOMENAGEADA PELO PRÊMIO WWE AWARDS, NO WOMEN'S MUSIC EVENT AWARDS BY VEVO, EM SÃO PAULO, JUNTO COM A CANTORA RITA LEE. NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2019, FOI INAUGURADO NO MUNICÍPIO DE BATAGUASSU, ONDE HELENA NASCEU E VIVEU GRANDE PARTE DE SUA VIDA, O "MUSEU MUNICIPAL HELENA MEIRELLES", NO PRÉDIO HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL MARECHAL RONDON. A COORDENADORA MUNICIPAL DE CULTURA DE BATAGUASSU, REGINA FREIRE, NOS CONTA UM POUCO MAIS SOBRE O MUSEU.

SONORA: REGINA FREIRE
ARQUIVO: AUD-20200909-WA0183
TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 02'06
DEIXA INICIAL: O MUSEU HELENA...
DEIXA FINAL: ELA PROJETA BATAGUASSU

OFF 18: SOBRE O PRECONCEITO DA ÉPOCA, REGINA AFIRMA QUE HELENA USOU DE TODA SUA FORÇA E DEDICAÇÃO PARA LUTAR CONTRA ELE E VENCÊ-LO.

SONORA: REGINA FREIRE
ARQUIVO: AUD-20200909-WA-0182
TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 02'11
DEIXA INICIAL: QUEBROU MUITOS TABUS...
DEIXA FINAL: UMA MULHER EMPODERADA

OFF 19: A AMIZADE ENTRE HELENA MEIRELLES E JOSÉ LADISLAU SUPEROU BARREIRAS, INCLUSIVE A DISTÂNCIA, JOSÉ VIAJAVA DA FAZENDA ONDE TRABALHAVA ATÉ PORTO XV PARA OUVIR A AMIGA TOCAR.

SONORA: JOSÉ LADISLAU
ARQUIVO: PTT 20200819-WA0051
TEMPO: IN: 00'03- OUT: 01'48
DEIXA INICIAL: EU CONHECI A HELENA
DEIXA FINAL: COMITIVA DE BOIADA

SONORA: REGINA FREIRE
ARQUIVO: AUD-20200909-WA0181
TEMPO: IN: 01'33 - OUT: 02'02"
DEIXA INICIAL: HÁ MUITAS HISTÓRIAS...
DEIXA FINAL: EXCEPCIONAL TALENTO

OFF 20: E COM ESSE DEPOIMENTO MARCANTE, CHEGAMOS AO FIM DESTE PROGRAMA REPÓRTER WEB, EM HOMENAGEM À UMA DAS PESSOAS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE, QUE LUTOU CONTRA TUDO E TODOS PELO QUE AMAVA, E DEIXOU SUA MARCA NA HISTÓRIA. ESPERO QUE TENHAM GOSTADO, E ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO! A PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DESTE PROGRAMA FOI MINHA, JEFERSON SILVA. COM A ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO DO PROFESSOR HOMERO FERREIRA, E EDIÇÃO ELETRÔNICA DE JESLEY ALMEIDA. ESTE PROGRAMA FOI FRUTO DE UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO JORNALISMO DA FACOPP, UNOESTE, RESULTADO DE UM PROJETO DE PESQUISA SOBRE A HISTÓRIA E INFLUÊNCIA CULTURAL DE HELENA MEIRELLES. ESTE PROGRAMA FOI GRAVADO NO DIA 06 DE OUTUBRO DE 2020.

BACKGROUND: LEMBRANÇA DO MATO GROSSO
IN: 00'01

SONORA: JOSÉ LADISLAU
ARQUIVO: PTT – 20200819 – WA0060
TEMPO: IN: 00'01 - OUT: 00'58
DEIXA INICIAL: HOJE EU VEJO...

DEIXA FINAL: DESMONTADO DE TANTA ALEGRIA

SONORA: BRENDA RODRIGUES
ARQUIVO: AUD – 20200911-WA0065
TEMPO: IN: 00'38 - OUT: 01'25"
DEIXA INICIAL: UM DIA RESOLVI...
DEIXA FINAL: SUA HISTÓRIA DE VIDA

SONORA: REGINA FREIRE
ARQUIVO: AUD-20200909-WA0181
TEMPO: IN: 00'05 - OUT: 00'39"
DEIXA INICIAL: HELENA MEIRELLES REPRESENTA...
DEIXA FINAL: SENHOR ROSALINO IRALLA

SONORA: HELENA MEIRELLES
ARQUIVO: DE BOIADAS E BOIADEIROS
TEMPO: IN: 0'01" – OUT: 0'47"
DEIXA INICIAL: OLHA, EU NASCI...
DEIXA FINAL: E ME CRIEI

SOBE TRILHA
OUT: 03'56"

VINHETA DE ENCERRAMENTO.

APÊNDICE E
ESPELHO DO PROGRAMA

**Rádio Facopp – emissora web da Faculdade de Comunicação Social de
Presidente Prudente**

Espelho – Repórter WEB

Edição nº 001 – 06 de outubro de 2020

Editor/apresentador: Jeferson Silva

RETRANCAS	ASSUNTOS	TEMPO
TRILHA 1 / SONORA		0'15"
SONORA 1 / HELENA		0'27"
VINHETA / ABERTURA		0'17"
OFF1		0'23"
SONORA 2 / HELENA		0'29"
OFF2		0'21"
TRILHA 2 / SONORA		0'29"
OFF3		0'11"
SONORA 3 / HELENA		0'43"
OFF 4		0'05"
SONORA 4 / MÁRIO		0'28"
OFF 5		0'07"
SONORA 5 / MÁRIO		0'30"
OFF 6		0'06"
SONORA 6 / HELENA		1'03"
SONORA 7 / MÁRIO		1'06"
TRILHA 3 / SONORA		0'22"
OFF 7		0'22"
SONORA 8 / MÁRIO		1'51"
TRILHA 4 / SONORA		0'29"
OFF 8		0'12"
SONORA 9 / MÁRIO		2'40"
OFF 9		0'26"
SONORA 10 / MÁRIO		0'32"
OFF 10		0'03"
SONORA 11 / FRANCISCO		1'00"

TRILHA 5 / SONORA		0'57"
OFF 11		0'15"
TRILHA 6 / SONORA		0'31"
OFF 12		0'08"
TRILHA 7 / SONORA:		0'29"
OFF 13		0'13"
SONORA 12 / FRANCISCO		1'04"
SONORA 13 / MÁRIO		1'15"
OFF 14		0'17"
SONORA 14 / BRENDA		1'12"
OFF 15		0'14"
SONORA 15 / FRANCISCO		0'40"
SONORA 16 / BRENDA RODRIGUES		0'28"
SONORA 17 / BRENDA		0'34"
OFF 16		0'06"
TRILHA 8 / SONORA		0'25"
OFF 17		0'19"
SONORA 18 / REGINA		2'06"
OFF 18		0'03"
SONORA19 / REGINA		2'11"
OFF 19		0'04"
SONORA 20 / JOSÉ		1'45"
SONORA 21 / REGINA		0'29"
OFF 20	Encerramento e Ficha Técnica	0'21"
SONORA 22 / JOSÉ		0'58"
SONORA 23 / BRENDA		0'47"
SONORA 24 / REGINA		0'34"

SONORA 25 / HELENA		0'47"
SOBE / TRILHA		0'56"
VINHETA / ENCERRAMENTO		0'15"
	TEMPO TOTAL	40'00"

APÊNDICE F
GRÁFICO DE CUSTOS

[illegible]

Gráficos de Categorias de Rendimentos e Despesas



ANEXOS

ANEXO A
ENTREVISTAS

Entrevista realizada no dia 15/05/2020

Horário: 11h17

Entrevistada: Regina Freire

Regina é Coordenadora Municipal de Cultura do município de Bataguassu (MS); no ensino público municipal, lecionou Língua Portuguesa desde o ano de 2000 até 2012, com formação nas áreas de Letras pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) – Presidente Prudente (SP) em 1988, pedagoga pela UNIESP em 2008, Pós-Graduação em Gestão Cultural pela Universidade de Brasília (UNB) em 2016, além disso é formada em Inclusão pela Universidade Católica de Brasília (UCB) no ano de 2010, possui Orientação Educacional pela UNIESP em 2008 e graduanda em História (UNECESUMAR).

** Devido a pandemia, decretos estão vigorando em Bataguassu, no intuito de resguardar a saúde da entrevistada e a do entrevistador, esta entrevista foi feita através de áudios enviados através da plataforma móvel de mensagens instantâneas, Whatsapp.

1)Fale como conheceu a História de Helena Meirelles.

Na realidade, conheci o nome de Helena Meirelles desde criança, antes de conhecê-la pessoalmente. Falava-se muito em uma “violeta” comentada por todos, a qual animava as comitivas, os pousos de boiadas pela velha estrada boiadeira, seus tropeiros, peões, ribeirinhos às margens do Rio Paraná, no antigo Porto XV de Novembro, na divisa com o estado de São Paulo. Cresci ouvindo essa informação, mas só fui conhecê-la pessoalmente na década de 1990, foi em uma entrevista coletiva concedida à imprensa regional na cidade vizinha de Pres. Epitácio. Ela levou a sua “viola” e após entrevista e fez uma festa. Em Bataguassu, também em um show na Expobata, exposição agropecuária, no Rancho Quarto de Milha, também na década de 1990, a qual tive a oportunidade de prestigiar juntamente com meus irmãos e amigos. Helena Meirelles era muito espontânea e extrovertida. Assim, fui adquirindo os seus CDs, como por exemplo, o primeiro foi "Flor de Guavira", e tomando gosto por suas composições. Também apreciei apresentações dela na TV e documentários.

Na realidade Helena Meirelles tocava com maestria o seu instrumento preferido, o violão, mas foi carinhosamente denominada pela mídia como a “Helena Meirelles, Dama da Viola”, também em referência ao documentário do mesmo nome.

2) O que Helena representa para você em nossa cidade?

Helena Meirelles representa uma figura de notabilidade na música sul-mato-grossense. Ninguém antes dela projetou o nome de Bataguassu para fora [do Brasil], e por tal razão ela é o orgulho de todos. É o nome mais forte de nossa cultura. Coincidentemente, um dos seus filhos ainda mora em Anaurilândia-MS, o Joãozinho, na área rural. Aqui em Bataguassu também morou um de seus ex-maridos, o senhor Rosalino Iralla (in memorian), era um paraguaio.

3) Como ele ajudou a difundir a cultura regional em Bataguassu e levar essa cultura para fora?

A difusão de sua música se deu desde moça, justamente sobraçando o velho violão e animando os pousos de boiadas pela velha estrada boiadeira, e nas casas de shows, os ranchos no antigo Distrito Porto XV de Novembro desde jovem. Na realidade, ela dominou esse instrumento desde criança. Era prodigiosa no dedilhar. Tinha um diferencial. Não foi à toa que grandes especialistas e pessoas que têm o "ouvido absoluto" ficavam maravilhadas com os seus acordes. E ficam até hoje, ao ouvir os seus CDs. Há muitas histórias sobre Helena Meirelles. Contam que o seu talento era passado de boca em boca pelos marinheiros, tropeiros viajantes, boiadeiros que passavam nos locais onde ela trabalhava, além de caminhoneiros e transeuntes. Sem exagero algum, ela sempre foi um mito. A difusão de sua música se deu oralmente, pela fama advinda do excepcional talento.

4) Acredita que Helena quebrou barreiras do preconceito? Porque?

Sim. Quebrou muitos tabus e preconceitos, a começar pelo seu próprio pai que dizia que violão não era para mulher. Então ela treinou no mato, escondida, servindo-se do violão do tio, que era também era músico. Na realidade, ela aprendeu "de ver",

desde os 09 anos de idade. Vejam que extraordinário. A palavra exata é "prodígio". Helena era um prodígio. Tocava a sua alma de mulher vaqueira, acostumada com o mato, com os bichos. Amava o seu talento mais que a si mesma, pois incorreu a tudo para proclamar o seu talento e fazer o que gostava. Não se preocupou com qualquer tipo de crítica. Nesse aspecto ela é modelo de empoderamento feminino. É certo que sua trajetória tem um capítulo que alguns não apreciam, como por exemplo, ter se tornado uma mulher habituada às casas noturnas, como ela mesma conta sem censura alguma. Mas isso é algo particular. Houve um contexto para que ela chegasse a isso. Helena Meirelles não se via fazendo outra coisa, e precisou se sujeitar ao mundo noturno de bares, botecos, restaurantes e casas noturnas para dar vazão à arte que explodia dentro dela. Não é difícil compreendê-la. Creio que o capítulo de sua vida que alguns preferem censurar em detrimento do seu legado, não mata o seu extraordinário legado de violeira. Ela foi corajosa. Foi uma mulher forte. Dentro de Helena Meireles existia uma alma que certamente sofria pelos obstáculos enfrentados. Impressionantemente ela nunca se curvou ou quis desistir. Se ela tivesse sido fraca, hoje não conheceríamos Helena Meirelles, respeitada, inclusive em muitos países. É óbvio que ela foi uma mulher empoderada.

5) Como foi receber uma construção que abraça a vida de Helena Meirelles dentro de Bataguassu?

O Museu "Helena Meirelles" é o maior presente que a Cultura de Bataguassu recebeu. Como já expus acima, é a maior personalidade de nosso município. Foi ela que projetou a nossa terra para o Brasil e, talvez, o mundo, portanto ter um museu com o seu nome, além de reconhecimento ao seu legado, é um orgulho para todos. Ressalto que além de ser um espaço que a homenageia com objetos pessoais dela, dispõe de um vasto acervo de objetos e documentos doados por antigos moradores. É um espaço de História de Memória.

O Museu "Helena Meirelles" é um espaço vivo, cujos visitantes contam com diversas atividades planejadas para o ano letivo. Infelizmente estamos no curso da Pandemia do Novo Coronavírus, mas estavam previstas, e serão planejadas novamente, atividades como exposições temporárias, palestras, exibição de filmes históricos,

documentários, concursos de desenhos, festival de violas e outros eventos que enaltecem a nossa insigne personagem e a História de Bataguassu.

Ultimamente, temos recebido pessoas de várias partes do Brasil, atraídas pelo nome de Helena Meirelles, as quais saem maravilhadas do museu. Isso tem nos impressionado. O bom de tudo é que as pessoas saem daqui com uma boa síntese da história de Bataguassu, e também se encantam com o visionário Jan Antonin Bata e família Lima, a história de Manoel da Costa Lima.

Helena Meirelles, ontem projetou a sua música, hoje ela projeta Bataguassu.

6) Fale sobre a separação dos estados e o registro de Helena Meirelles

No ano que Helena nasceu em 1924, ambos os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ainda eram ligados e com sede em Cuiabá, houve uma série de mudanças políticas e foi sentido que a capital cuiabana estava se sobrecarregando devido a extensão do estado, aí teve a necessidade de separar.

Passados alguns anos os filhos de Helena contam que a mãe foi registrada tardiamente já depois da separação entre os estados.

Entrevista realizada no dia 28/05/2020

Horário: 18h07

Entrevistada: Mário de Araújo

Mário Araújo possui 69 anos, nascido em Piquerobi interior de São Paulo, é jornalista e foi produtor musical de Helena Meirelles até o ano de 1994, formado pela Universidade Metodista em São Bernardo do Campo (SP), trabalhou na imprensa e em área internacional, é fluente em idiomas e estrangeiros: inglês, espanhol, entre outros. Trabalhou em Jornal de língua inglesa em São Paulo o Latino American Dalil Post, além disso Mário morou na Interra pos duas vezes, foi colaborador da Sessão Brasileira do Serviço Mundial da BBC, possui Mestardo em Comunicação em semiótica pela PUC de São Paulo concluiu o mestrado sob a monografia: “Alguns Aspectos Simbólicos da Música de Helena Pereira da Silva”, trabalho avaliado por Maria Lucia Santaella Braga que é coordenadora de Mestardo e Doutorado da Universidade Católica de São Paulo, além disso, Mário é professor de língua estrangeira, inglês e espanhol, foi professor de Literatura Britânica e Norte Americana. É diretor geral de três escolas de idiomas e franqueado pela rede de idiomas CCAA em Guarujá, Cubatão e Praia Grande.

1 – Qual era a sua relação com a Helena antes e durante a música?

(Áudio PTT 20200722WA0043)

A minha relação com a Helena foi assim, eu me lembro da Helena quando eu era ainda muito pequeno na cidade de Piquerobi onde nós vivíamos. Piquerobi é ali na alta Sorocabana perto de Presidente Bernardes depois de Santo Anastácio já chegando em Presidente Venceslau a caminho de Presidente Epitácio aí tem o Rio Paraná e entramos no Mato Grosso do Sul. Só que Piquerobi não está na Rodovia, você tem que sair fora da Raposo Tavares e indo para o Porto Epitácio, do lado direito, é uma saída à direita e aí tem lá o nome da cidade. Está uns três ou quatro quilômetros da Rodovia, então ela está escondida, você não a vê. É uma cidade muito pequena e deve ter hoje talvez uns 5 mil habitantes, acho que não mudou muito de figura daquele tempo, mas nós moramos ali na região em uma fazenda de

nome Fortaleza que estava uns quarenta quilômetros da cidade e a Helena também morou lá na fazenda fortaleza com o segundo marido dela, o Rosalino, paraguaio. Eu não sei se o Rosalino era paraguaio mesmo ou se ele era filho de paraguaio, sei que ele tinha cara de paraguaio e ele falava arrastado, ele falava com um sotaque espanhol muito forte. Era músico também, mas estou falando do Rosalino porque na verdade eu queria falar da Helena do tempo que ela viveu lá na fazenda, na roça com a gente ela, Rosalino e meus pais, eram compadres, eles dois me batizaram, a Helena e o Rosalino e eu me lembro que a Helena era uma mulher boa, ela vinha visitar a gente e sempre trazia doces para gente e tal, mas a já à medida que eu já comecei acompanhando algumas coisas porque eu vi, assim, em família que a Helena ela não era bem-vinda, acho que ela já tinha separado do Rosalino e ela já estava mesmo envolvida com bordeis, essas coisa, né?

Sempre ouvi falar que ela tocava muito, esse tipo de coisa. Eu não sei se porque ela era minha madrinha, e eu passei a entender mais tarde que eu tinha nascido pelas mãos dela da minha avó, minha avó era parteira, aliás minha avó que pegava (a gente fala pegava aí no interior, não sei se você entende que no interior se usa esse verbo) para fazer o parto de alguém (pegou a criança, fez o parto da mulher e pegou tal criança) e talvez por isso, né, mas quando meu pai ficou doente, meu pai pegou tuberculose em 1956 quando eu tinha cinco anos de idade foi um ano trágico pra mim e pra minha família, então nós já tínhamos mudado da fazenda pra cidade e nós moramos... Eu mudei, acho que com três anos da fazenda para a cidade, três ou dois anos.

Como meu pai veio para cidade e nós ficamos como se diz no linguajar também interiorano “com uma mão na frente e outra atrás”, sem recursos porque minha mãe ficou sozinha, ela não trabalhava, com três filhos pequenos e vivendo às custas de parentes, nós fomos morar com minha avó em Álvares Machado aí fomos morar na paulista, meu avô paterno tinha uma fazendinha lá perto de Votuporanga em Américo de Campos, nós moramos na fazenda com ele, aí voltamos para Alta Sorocabana, e aí nós viemos para São Paulo, passamos por Ourinhos também na casa de uma tia e aí viemos parar em Santo André que meus irmãos mais velhos já tinham vindo para cá e aí atrás veio a família da minha mãe, minha avó, meu avô e os tios mais jovens irmãos da minha mãe, Mato-Grossenses que também estavam morando na Alta Sorocabana, pra onde eles tinham migrado do Mato Grosso do Sul

em 1939, minha mãe tinha nove anos de idade e ia fazer dez anos quando eles saíram do Mato Grosso do Sul, ali da boiadeira para lá de Bataguassu, eles não são de Bataguassu, nem a Helena, Bataguassu nem existia, Bataguassu foi fundada em 1940, eles eram cerca de 100 km para lá, Jararaca, a fazenda, era onde hoje é Casa Verde que hoje pertence à Nova Andradina (MS), mas acho que naquele tempo pertencia à Rio Brilhante (MS), porque minha sempre falou que ela tinha nascido em Rio Brilhante e realmente hoje houve uma mudança que eu acho que primeiro era Rio Brilhante, depois virou Campo Grande, ou era ao contrário, era Campo Grande e depois virou Rio Brilhante, eu preciso rever isso porque não me lembro exatamente, eu já estudei isso, mas não me lembro.

Mas de qualquer maneira, a partir daí nós não vimos mais a Helena e eu fui rever a Helena, da última vez foi em Álvares Machado (SP) que você conhece que fica ao lado de Presidente Prudente (SP), um dia ela veio visitar minha avó, eu devia ter cinco, seis anos, ela veio visitar minha avó só que ela veio com um grupo de mulheres suspeitas, assim provavelmente mulheres de algum bordel que ela estava atuando. Meus avós não queriam ela em casa era para ela ficar longe, aliás, pra se falar em Helena se falava assim: “a boca pequena” e em voz baixa, por quê?, porque o estilo de vida dela era como se diz horror para a família, né? Então eu lembro que ela trouxe doces para mim, pro meu irmão, então acho que ela nem entrou na casa da minha avó e foi embora com as “colegas”. Foi a última vez que vi a Helena na minha infância.

Eu tornei a rever a Helena em 1986 ou 1987, quando a minha mãe a trouxe do interior que a reencontrou 32 anos depois, nesse período ela foi tida como morta, para nós ela tinha morrido mesmo, houve até uma vez que ouvi falar que ela poderia ter morado em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, e ela estava lá na região, mas não na cidade, me parece que ela morava em retiro de fazendas lá nos ermos do pantanal mesmo, assim como o marido boiadeiro e tal. Eu cheguei a parar em Aquidauana numa viagem que eu fiz no trem da morte até Corumbá e eu desci na estação e perguntei se alguém conhecia uma senhora assim, assim que tocava e o pessoal, todo mundo disse que não aí eu liguei uma vez na rádio pensando que ela poderia tocar nas rádios de Aquidauana e eles disseram que não conheciam também.

Mas eu vim rever a Helena quando minha mãe a trouxe nesses anos que falei a você até Santo André (SP). E olha a minha relação com ela era sempre muito amorosa, eu gostava muito dela, muito mesmo, assim eu sempre tive uma admiração muito grande pela Helena e mesmo antes de reencontrá-la após esses 32 anos eu sempre convivi com a ideia assim, de que a fama dela de grande tocadeira é assim que se dizia e nós tínhamos a história toda de que lá na fazenda fortaleza onde eu nasci. A Helena morou um tempo lá na Alta Sorocabana, veio do Mato Grosso do Sul ela circulou lá pelas cidades da Alta Sorocabana também e tal e ela, em Piquerobi (SP), lá na fazenda Fortaleza, meu pai era bandolinista, o Jonas, ela e o Rosalino Irala e os outros músicos acompanharam meu pai, eles tocavam nos bailes das fazendas, meu pai era um grande bandolinista, tocava violão também só que ele não tocava o estilo de Mato Grosso do Sul, ele tocava outras coisas e as coisas que se dançavam e que não era rasqueado e nem a polca e a Helena tocava tudo, né? Acompanhava ele junto com o Rosalino. Eu nunca vi isso por que eu era muito pequeno e meu pai encerrou a carreira dele quando minha mãe quebrou o bandolim dele numa crise de ciúmes porque ele bebia quando tocava.

Aí eu vim rever a Helena em Santo André, então para mim foi uma felicidade enorme por que eu sonhava na minha adolescência, na minha juventude eu sonhava e lamentava muito o fato de eu ter perdido a possibilidade de eu ter conhecido essa tia, ter convivido mais, com essa tia, assim desde que eu passei a compreender as coisas porque eu era músico também, eu sempre fui músico, meus irmãos sempre foram músicos, então nós somos de uma família de músicos que vem desde lá de trás, muito longe, mas aí eu fiz o trabalho com ela que você já sabe, o trabalho artístico e nosso relacionamento assim, ela era uma pessoa difícil, não era fácil a personalidade dela era muito difícil, ela era muito turrone e eu não diria ignorante porque é muito pesado essa palavra, mas ela não entendia as vezes o que a gente fazia, ela não gostava de ser mandada e ela às vezes, tanto que a Helena tinha problema com os maridos, homens com que ela conviveu porque ela era uma mulher que não conseguia ser mandada por homem não. E às vezes ela entendia pelo fato de eu ser produtor, não como um sobrinho dileto dela, sei que ela gostava muito de mim tentando orientar a vida dela tentando trazer alguma coisa boa pra ela, mas como um homem sim como um homem tentando dizer pra ela o que fazer.

Você sabe que em produção artística você tem que dizer pro artista o que fazer, como se comportar às vezes não querendo mudar a personalidade, mas sim de acordo com o roteiro profissional que vai te levar a maneira das pessoas te verem, o público vê o artista, entendeu? Você não pode falar tudo o que tiver na cabeça a qualquer hora e a Helena tinha isso, ela não gostava mandasse ela... Ela era muito autêntica e mesmo nos shows era um problema, a gente não conseguia trabalhar com o roteiro, nada disso e eu tinha que ser o ancora dos shows todos que nós fizemos no período com ela porque eu jogava iscas para ela como o ancora do show porque senão ela sentava e ficava tocando direto 30 músicas uma atrás da outra e show não pode ser isso, o público quer alguma coisa a mais, então eu conversava com ela e puxava um assunto que levava a uma música e coisa assim, mas sempre foi uma relação de muito carinho e alguns esquentamentos porque na vida profissional tem muito isso também, né? Às vezes eu perdia um pouco a paciência porque eu batalhava muito para as coisas funcionarem, e não só ela, mas os outros também da banda as vezes não entendam nada e eu sou muito profissional e foi graças a isso que meu trabalho com ela deu certo também.

2 - O prêmio Spotlight veio primeiro ou foi o CD pela Eldorado?

(Áudio PTT-20200722-WA0039)

Primeiro foi o Spotlight, nós vínhamos atuando desde 1991 mais ou menos ou até mesmo 1990, a gente tocava em alguns lugares muito simples e as vezes sem ganhar nada, tocava num restaurante e tocava algumas músicas lá, não fazíamos shows não porque o pessoal em muitos lugares eles não davam nem bola, não tinha um interesse e não entendiam o que a gente tava fazendo, não sabiam quais músicas eram aquelas e o fato de ser música do Mato Grosso do Sul, ser rasqueado, ser do pantanal não davam a mínima.

Em 1991, nós passamos a fazer alguns programas de televisão, programas menores, rádio e televisão, porém eram programas que muita gente já via e algumas pessoas começaram nos ver pela televisão e começaram a dar mais valor, entendeu? Que realmente mídia faz isso, o público venera, endeusa, mitifica o artista pelo fato de over na televisão e quanto mais forte o canal, melhor ainda. Então quando eu fui conquistando coisas assim de mídia e eu que tive um jeito

muito especial de conseguir atenção da mídia pra Helena, isso não foi por acaso, eu disse pra você que isso foi um estratégia, eu cansei de procurar produtores que não entendiam o que eu queria fazer com a Helena, que não valorizavam a Helena, não acreditavam nela, aquela mulher humilde, idosa, eles só faltavam falar assim: “olha, ela é talentosa, mas não tem nada o que a mídia quer.” Porque ela estava assim um “caco”, a Helena ela chegou doente do interior, os dentes todos estropiados, ela tinha mascado fumo 40 anos, tava com os dentes todos estragados, assim então foi um problema aparecer na televisão assim, mas eu usei tudo isso, eu não escondi nada disso, muito pelo contrário eu usei o lado rustico da Helena e trabalhei isso textualmente e mandava isso pra mídia e eu mesmo tirei fotos hiper-realistas dela em preto e branco, fotos fortíssimas assim de uma mulher com uma cara de bicho do mato que parecia uma onça acuada olhando pra câmera com aquelas mãos de homem, ela tinha umas mãos enormes eu ainda sabia valorizar essas coisas porque eu também entendo de fotografia, eu fotografei muito na vida e gosto de fotografia então eu mandava isso pra imprensa com meus textos, eu comparava a Helena a uma figura fugida de um romance regionalista que trazia tipo Guimarães Rosa que perambulava pelo Mato Grosso do Sul e por outros lugares, tal, assim como um moleque que tocava muito e tinha representava várias coisas ao mesmo tempo e os jornalistas da imprensa cultural entenderam isso e começaram a publicar coisas sobre ela, os grandes jornais e aí o pessoal falava quando a Helena saiu na Guitar Player, que isso aconteceu na edição de novembro de 1993, eu mandei o material para a Guitar Player, assim eu escrevi um texto para uma matéria em inglês que eu escrevo em inglês, igual ou acho que melhor que eu escrevo português, falei para você já que morei na Inglaterra por duas vezes e trabalhei em vários veículos inclusive num jornal de língua inglesa em São Paulo, no Latin American Daily Post e mexo com língua estrangeira desde criança, então eu escrevi essa matéria e mandei junto com a amostra do trabalho lá para a Guitar Player e eles valorizaram tanto que publicaram e a consideraram a artista do mês, o significado da Spotlight o artista do mês, o artista em evidência na edição deste mês a gente dizia assim: “o artista lá na berlinda”, então nessa edição de 93 que ela saiu, mas antes disso ela já tinha saído no estado de São Paulo, na Folha de São Paulo, e em outros jornais, então não foi realmente a Guitar Player, a Guitar Player ajudou a alavancar muito porque o dia em que ela saiu na Guitar Player, não no dia, mas algum tempo depois foi que a mídia

se tocou que ela tinha sido premiada na sessão Spotlight, a folha de São Paulo colocou ela na capa na primeira página, uma foto da Helena na capa da Folha de São Paulo, eu quase cai de costas quando vi aquilo, assim com a seguinte legenda: “violeta pantaneira Helena Meirelles premiada pela revista Guitar Player Americana. O prêmio foi a proposta que veio da Califórnia para ela gravar um CD pelo selo XX lá da baía de São Francisco, eu estive lá e estava nos Estados Unidos nessa época, eu fui lá visitar a gravadora, o dono da gravadora, um cara chamado Chris XX e para ter saído esse CD, não saiu por causa de uns desentendimentos na banda que o pessoal não entendeu a proposta, mas acho que foi pra melhor mesmo, foi pra melhor... Porque depois no ano seguinte, aliás um ano depois que saiu o disco dela em dezembro pela gravadora Eldorado e isso se deu... Eu bati em muitas portas de gravadoras, mas o trabalho da Helena não era comercial, as gravadoras também não queriam saber, eu fui na Sony, fui na Warner, fui em todas as grandes no Rio de Janeiro levar material, mas que nada... Até que a Eldorado, aconteceu da seguinte maneira, eu criei o show dos 70 anos da Helena no Sesc Pompeia, a gente vinha tendo uma grande evidência na região, tocando aqui na região e aí íamos tocar no Paraná e vários lugares aí, menos no Mato Grosso do Sul que também não reconhecia, aí eu fiz o show dos 70 anos e o Sesc Pompéia que um grande lugar pra se fazer espetáculos, o teatro do Sesc Pompéia aqui em São Paulo é muito famoso e eles nos deram acho que quatro ou cinco noites, praticamente a semana toda incluindo os finais de semana, já foi um grande reconhecimento, quer nós já estávamos valorizados pra burro.

Esse show chamou tanto atenção que lotou o SESC em todas as noites e isso ecoou na mídia e ecoou na boca a boca da cidade de São Paulo, tipo: “pô! Não tem ingresso pro show da Helena Meirelles, não tem ingresso pro show da Helena Meirelles.” Então foi um sucesso arrasador esse show, saímos com tudo na mídia e quando terminaram a temporada, na segunda feira de manhã, eles estavam no meu escritório da minha de manhã em São Paulo quando tocou o telefone e era o diretor artístico da gravadora Eldorado, Vagner Garcia dizendo: “Mário, vocês estão sem disco ainda, né? (Ainda elogiando muito o trabalho), eu queria saber se vocês não vontade de conversar sobre a possibilidade de lançar o disco de vocês pelo selo da gente, o selo Eldorado. ” Sabe o selo Eldorado era uma das gravadoras médias mais importantes do Brasil por causa da qualidade do trabalho que eles lançavam,

dos trabalhos que eles lançavam, isso me deixou muito feliz porque eu sou muito a favor de qualidade, eu falei “legal lançar pela gravadora Eldorado” e também porque a Eldorado pertence ao grupo de mídias do estado de São Paulo, do jornal Estadão que incluía a rádio Eldorado, era uma rádio poderosa na cidade de São Paulo e eles nos trouxeram muitas coisas boas, como uma assessoria de imprensa muito boa que nos deu muita força, também o disco foi muito bem, esse disco foi eu quem produzi em estúdio a Grande Dama da Viola e o show também dos 70 anos que foi em Agosto de 1994, chamou-se Helena Meirelles a Grande Dama da Viola 70 anos. Tudo isso foi eu que inventei, foi eu quem criei, o nome do show, o próprio show dos 70 anos, o lugar conquistei o Sesc Pompéia e isso aí foi arrasador e trouxe, atraiu atenção da gravadora e aí fechamos com a gravadora e a partir daí a gente cresceu mais ainda, então foi realmente a premiação foi primeiro na Guitar Player em 1993 na edição de novembro e depois no ano seguinte, um ano depois que a gente foi gravar, a gente gravou em Setembro, mas o disco saiu em dezembro de 1994 depois do show 70 anos Helena Meirelles a Grande Dama da Viola no Sesc Pompeia em São Paulo.

3 - Fale sobre a participação da banda em programas internacionais (Áudio PTT-20200722-WA0037)

Bom, o que nós fizemos além de aparecer em publicações internacionais, a mais importante delas foi a Guitar Player e depois tivemos uma revista em Londres chamada Folk XX que era uma revista sobre World Music, música mundial, estilos de músicas bem variados, vários países tinham grandes músicos que fora de circuito comercial. Essa revista publicou uma série sobre vários artistas brasileiros: a Helena Meirelles, a Malu Miranda, o Hermeto Paschoal, eles vieram aqui e também a jornalista e produtora que publicou essa matéria a Jhowchinar (verificar ortografia), que ela é da Inglaterra, ela também fez um programa sobre a banda com a Helena Meirelles para a BBC, a rádio, era um programa de Rádio, a BBC Radio Two, porque a BBC ela é muito grande na Grã Bretanha toda e esse programa foi um sucesso, me lembro que fiquei muito feliz. M lembro também que eu tinha um amigo fazendo um doutoramento na cidade de Cardiff no País de Gales e ele ouviu o programa e mandou me avisar que ele tinha ouvido o programa e esses programas são muito

ouvidos tem muita audiência na Inglaterra, eu tenho certeza que o público próprios ingleses gostaram muito porque é diferente, aquilo era muito diferente para eles e também depois a revista AccusticGuittar, que é uma revista que tinha o peso de igual à da Guitar Player, mas só lidava com violões mesmo, eles não lidavam com guitarras elétricas. A Guitar Player lidava com uma área de Guitarras elétricas e violões, enquanto que a AccusticGuittar que o próprio nome já dizia guitarras acústicas ou violões de todos os tipos, blues, rock, mas acústicos, jazz.... Tudo.

Essa matéria quem escreveu foi eu mesmo, eu escrevi essa matéria em Inglês e eles publicaram na edição em 1996, acredito, era uma matéria de uma página toda e eu fiquei muito feliz com isso porque tive a honra de ter uma matéria minha publicada em inglês numa revista americana sobre a Helena, aliás esses textos todos vão estar expostos no museu de Bataguassu (MS), eu fiz questão de ampliar as matérias, fiz quadros de cada uma delas, tem uma área que eu espero que eles respeitem a minha ideia e façam como vou pedir chamada de: reconhecimento internacional que vai ter tanto a matéria da Guitar Player quanto da AccusticGuittar, quanto da Folk XX com tradução, então vai todo mundo poder ver a matéria original em inglês, ampliado em boa cores e tal e a matéria traduzida no caso da AccusticGuittar, no caso eu traduzindo eu mesmo, vai estar publicado lá, mas eu fiz tudo bonitinho para todo mundo poder compreender o que está lá, certo.

O programa da BBC, eu espero doar uma cópia para o museu, de rádio, para que eles possam mostrar para as pessoas que duvidarem e vai estar lá, só que vai ter que entender inglês, a Helena aparece um pouco falando português assim. A jornalista abre o programa falando obviamente inglês e a Helena começa a dar o depoimento dela e tocar, aí a Helena começa a falar como ninguém entende português ainda mais um português de Matuto Sul-mato-grossense que nem o brasileiro entende direito, eles deram um fad out, eles vão abaixando o volume da Helena e aí eu entro falando inglês e traduzindo o que a Helena estava falando, então eu tinha uma participação muito ativa porque eu falo bastante, a Helena fala bastante português e eu tinha que falar inglês.

4 - Conte sobre a descendência de Helena (pais, avós, e de onde eles vieram ex: avô paraguaio, avó minas, bisavó índia, etc.)

(Áudio PTT-20200722-WA0038)

Eu vou começar pelos avós e bisavós, o que eu tenho noção. Os mais antigos, a bisavó da Helena que eu sei que morou ali em vários lugares do leste do Mato Grosso na região da vacaria e que acabou falecendo ali em Bataguassu foi a Maria Leme, Maria Leme era um mito na nossa família, uma senhora que dizia minha avó que tinha saído de Itu (SP), onde uma grande há uma grande concentração histórica de Lemes, aliás os Lemes são conhecidos ai na região de Bataguassu porque o meu primo terceiro ou segundo (não me lembro o grau), o João Carlos Lemes foi prefeito duas vezes na cidade de Bataguassu antes dessa administração atual ele foi duas vezes prefeito da cidade.

Ele pertence à família numerosa como muitos Lemes ali na região, ali no Leste de Mato Grosso, Maria Lemes, eu tenho pesquisado isso, mas ela dizia minha avó e os antigos de minha família do Mato Grosso do Sul que ela morreu com 129 anos de idade, então eu to tentando comprovar isso e se for verdade ela é um recorde de longevidade, ela é uma super centenária porque segundo meus cálculos e minhas pesquisas, ela morreu com 123 anos e ela teria saído de Itu ou do Sul de Minas (MG) diz aí um lado da família de Bataguassu que ela saiu do Sul de Minas, pegou um lado paulista da família e os Mato Grossenses que morreram aqui em São Paulo minha avó, por exemplo, minha mãe, todos diziam que ela morreu com 129 anos e ela tinha saído de Itu.

Essa história é muito longa, a história dos Lemes que remonta, eles eram uma família vinda de Portugal através da Ilha da Madeira, mas na verdade a origem da família acredite se quiser eles eram Belgas da cidade de Brugge na Bélgica. Eu pesquisei muito isso e tem até um senso de pesquisa de sobrenome Lemes lá em uma cidade da região da Holanda onde eles publicaram um livro que faz referência a esse ramo brasileiro dos Lemes que um pessoal que chegou aqui no Brasil ainda na época que ainda tinha o Afonso Souza na época da colonização mesmo e se espalharam, incluindo os irmãos Lemes que foram descobridores do ouro de Cuiabá e tal.

Aos poucos esses povos foram se misturando, essa era a bisavó da Helena Meirelles e tem o bisavô, mas não sei, que é o marido da Maria Leme, a Maria Lemes Lélia, esta que estou falando a super centenária, ela, aliás tem vários casos de longevidade na família, o filho dela morreu com quase 110 anos de idade em

Bataguassu, tem uma rua com o nome dele em Bataguassu ou é uma praça, o Tio Ambrósio Lemes e a banda municipal com o nome: banda municipal Ambrósio Lemes. A Maria Lemes, tinha uma filha chamada Maria Lemes também que é a Minha bisavó, a Maria Lemes era minha tataravó e bisavó da Helena a Maria Lemes, a filha, era a avó da Helena e minha bisavó, mãe da minha avó Ramona.

A ramona tinha esse nome porque o pai dela era paraguaio o Marcos Meirelles, ele era da cidade de Concepción que é ali do lado de Porto Murtinho –MS ao lado do Paraguai e não sei a circunstância de que ele veio viver no Brasil, mas ele era um cara muito querido um boiadeiro e todos eles eram boiadeiros, todo esse pessoal, a Maria Leme velha, a longeva, parece que ela deve ter vindo de São Paulo ou do Sul de Minas para o Mato Grosso do Sul com a família dos Barbosa, os barbosas são uma das maiores famílias colonizadoras da região leste e da região da vacaria que incluiu aquele famoso “Gato Preto”, o domingos Barbosa e, meu tio bisavô, o Ambrósio Lemes, ali de Bataguassu trabalhou com o “Gato Preto”, então ai tem do lado da minha avó, Ramona, lado da mãe da Helena, o lado do pai da Helena o Ovídio, o pai do Ovídio era um mineiro, diziam que ele era mineiro, que ele era lá da região de Monte Alegre de Minas, mas o de Goiás (GO) de uma região que antigamente pertencia à Goiás, uma região de Minas ali, mas eles eram também de uma família Portuguesa da Ilha da Madeira e também eles se misturaram aí, mas essa família assim... Eles eram uma família poderosa, eram grandes proprietários de terras e inclusive o pai da Helena, o Ovídio, ele herdou muita coisa do pai dele na época. Eles eram de Campo Grande (MS), Ovídio era de Campo Grande, o pai da Helena, embora o registro dele diga que ele nasceu também em Rio Brilhante (MS), mas aquilo que te falei: antigamente muita coisa era Rio Brilhante, mas ele viveu em Campo Grande, a família dele era de Campo Grande, eles eram importantes em Campo Grande, o pai dele era condutor de gado, era dono de boiada e eles traziam muito gado e levavam muito gado e eles pertencem à família dos produtores de gado zebu no Mato Grosso do Sul e eles têm muitas histórias, inclusive história registrada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul. Essa aí então é o pai do pai da Helena, estou falando do Bento Pereira da Silva, que era apelidado de Bento Pereira “Brabo”, esse homem aí era poderoso e tinha uma personalidade terrível, era um homem muito severo que acabou morrendo por causa disso. Dizem que ele tinha o estereótipo bem branco, português, assim é toda a família dele, mas

o Ovídio, o meu avô, ele tinha traços indígenas, ele era filho do bento e diziam que a mãe dele era paraguaia o que eu acho é que como o bento viajava muito ele era tropeiro, e era boiadeiro, e viajava muito e você sabe como eram as coisas naquele tempo, os homens tinham mulheres em vários lugares eles iam para o Paraguai e essas bandas aí, mas dizem que a mãe do meu avô ela era na verdade de Corrientes, Corrientes pertenceu ao Paraguai, mas atualmente pertence à Argentina já a um bom tempo, acho que desde a época da guerra ou um pouco depois ou sei lá, na época da guerra com o Paraguai e agora pertence à Argentina, aquelas serras que o Paraguai perdeu, como perdeu uma parte do Pantanal, uma parte do Mato Grosso do Sul, que Paraguai perdeu para o Brasil.

5 – Mato Grosso do Sul tem uma enorme carga cultural que não podemos mensurar, pode nos dizer as influencias vindas de fora e que se estabeleceram aqui em solo Sul-mato-grossense?

(Áudio PTT-20200722-WA0033)

Eu sempre fiz de frisar que a Helena Meirelles era a ponta de um iceberg cultural Sul-mato-grossense, porque ela trazia um tesouro cultural Sul-mato-grossense através da música que traduzia a cultura popular do interior do Mato Grosso do Sul e do Brasil, do Mato Grosso, porque o rasqueado pertence ao Mato Grosso também. O iceberg ele tem uma ponta que seria a Helena ou outras pessoas, outros artistas, outros representantes da cultura regional Sul-mato-grossense, mas que a base é muito maior e não se enxerga. Infelizmente nós moramos em um país muito ingrato com a própria face cultural, por esse motivo a Helena não se tornou famosa antes, assim como outros e ela só se tornou conhecida quando eu entendi isso e traduzi isso para mídia e para o público com meu trabalho de produção textual, fotográfico e tudo. Graças a Deus eu fiz a coisa certa de colocar a Helena onde ela chegou.

Quanta gente talentosa não tem escondida aí pelo interior de Mato Grosso do Sul? Falando especificamente sobre Mato Grosso do Sul e também no Brasil, né? O Brasil é assim. Por que que recebeu uma proposta para gravar um disco em primeiro lugar por um selo americano, um selo XX da Califórnia depois de ter saído na Guitar Player e depois e o crítico da Guitar Player ter mostrado a fita que eu mandei com a amostra do trabalho da Helena para o dono desse selo XX de São

Francisco na Califórnia? Porque nos Estados Unidos os velhos Blueseiros e os músicos de interior sempre tiveram um trabalho que revelou essas pessoas e eles puderam viver dignamente da arte deles. Com a Helena isso foi acontecer quase 70 anos de idade praticamente e então tem muita coisa a ser revelada, obviamente que não pode se dizer que não há gente conhecida, claro que há! Nós temos uma série de artistas do Mato Grosso do Sul e inúmeras pessoas, nós temos aí artistas, poetas, temos aí a Aracy Balabanian que é uma grande atriz, mas que não traduzia necessariamente a coisa da raiz da cultura do Mato Grosso do Sul, há outros claro, se eu for citar aqui tem uma leva, recentemente nós temos o Manuel de Barros que se tornou um poeta reconhecido internacionalmente traduzido para vários idiomas e que trazia no bojo da arte dele simplesmente a cultura popular, as coisas da Terra do Mato Grosso do Sul, assim como a Helena na música, assim como Délio e Delinha, a Dama do Rasqueado que sempre trouxeram o rasqueado e outros, temos o Ney Mato Grosso na música popular, o Almir Sater, gente, quanta gente! A Família Espíndola todo aí, né? E muitas outras pessoas que eu acho que eu acho que são bastante representativas dessa cultura.

Como o Mato Grosso do Sul é um estado afastado dos centros de decisão do país onde tudo acontece, como São Paulo e Rio de Janeiro essas coisas assim, então ficou assim um pouco relegado ao ostracismo as vezes me perguntam: nós tivemos um movimento da literatura regionalista Brasileira que depois passou para o cinema, foi tudo filmado os trabalhos dos grandes escritores nordestinos, por exemplo, né?

Tivemos aí o Guimarães Rosa lá em Minas Gerais, e as vezes me pergunto porque o Mato Grosso do Sul tem muito pra mostrar e eu acho que através da Helena, eu consegui mostrar uma parte disso. Quando eu era criança dizia ao meu avô que um dia eu ia escrever todas as histórias que ele me contava, o Ovídio Pereria da Silva, aqui em São Paulo que ele morou aqui com a gente e morreu depois em Santo Anastácio (SP), eu era criança, ele me sentava no colo e me contava as histórias da família dele, a morte do pai dele, o Bento Pereria Brabo que morreu assassinado e ele mesmo assistiu a morte do pai, assim, conduzindo uma boiada e houve um problema lá com os cozinheiros da comitiva e ele acabou dando um sova nos cozinheiros e eles o mataram dormindo a noite na rede e meu avô assistiu a morte do próprio pai e me contava isso. Às vezes eu achava que meu avô inventava um pouco também, mas depois eu descobri que tudo isso estava narrado os livros do

Paulo Coelho Machado, o maior historiador de Campo Grande e do Mato Grosso do Sul que narrou as histórias da morte do meu bisavô no livro dele lá no Instituto histórico e geográfico do Mato Grosso do Sul. Minha família não sabia disso, essas histórias são muito bonitas, elas são violentas, mas o Mato Grosso do Sul sempre foi um estado violento onde tudo se resolvia na bala, quem podia mais chorava menos. Mas tudo isso são elementos culturais que poderiam estar, assim, refletidos na literatura, na música que em partes eles estão, mas não tanto quanto eles merecem.

Continuação:

(Audio PTT 20200722-WA0031)

A formação do estado de Mato Grosso do Sul foi em grande parte feita por paulistas, mineiros, gaúchos e outros patrícios nossos de outros estados que migraram para Mato Grosso do Sul e antes disso nós tínhamos muita influência do Paraguai que já vem de longa data mesmo antes da guerra do Paraguai muito antes, sabe quando surgiu o tratado de Tordesilhas que dividiu a América em duas partes o Oeste é a Espanha e o Leste Portugal, depois Portugal foi invadindo com os bandeirantes as entradas e conquistaram terras pro Oeste e o Brasil se tornou o que é hoje, mas muito antes dos tempos modernos, por exemplo, a cultura boiadeira Sul-mato-grossense. Mato Grosso foi o maior estado boiadeiro do país, perdeu essa posição para a soja, mas o Mato Grosso do Sul a economia do gado, a pecuária no Mato Grosso do Sul deve muito do início ao início, pelo gado que os Jesuítas deixaram na vacaria, jesuítas espanhóis, né? Isso no século XVII quando eles foram expulsos da América Latina pelo marquês de Pombal e eles já estavam criando gado na vacaria aí no leste de Mato Grosso e eles deixaram os gados aí e os gados se tornaram selvagem, se reproduziram enormemente quando um dos primeiros colonizadores chegaram, notadamente essas famílias antigas, os Barbosas, tal e encontraram os gados de graça, as terras eram devolutas, tomaram as terras dos índios e tinha gado de graça, criaram uma agricultura subsistentes que eram grandes fazendas e aí o resto da história, a história da pecuária Sul-mato-grossense e aí vieram as grandes boiadas. A música da Helena reflete isso é a música da cultura boiadeira do Mato Grosso do Sul, mas de qualquer maneira essas influências desses povos que se formaram, eles trouxeram a própria cultura musical.

O rasqueado é a base da cultura musical do Mato Grosso do Sul, porém em 1985 eu estive em uma fazenda onde morava uns primos meus no Mato Grosso do Sul aí perto de Nova Andradina e eu tava louco para ouvir rasqueados, ouvir o pessoal tocar rasqueados como o Sul-mato-grossenses tocam. Eu vivi em São Paulo, fui criado em São Paulo e eu sonhava com aquilo para saber como é que era. A Helena estava sumida nessa época, e eis que na festa da fazenda eu não ouvi um rasqueado tocaram apenas o vanerão. Quem é o vanerão? Vanerão é gaúcho, os gaúchos que trouxeram que eles desenvolveram a agricultura no mato Grosso do Sul, assim como outros povos e trouxeram, como eles são muito empreendedores, ne, os gaúchos eles trouxeram obviamente também a cultura musical deles que é o vanerão e isso tomou conta, então eu me lembro que os jovens Sul-mato-grossenses, muitos nem sabiam o que era rasqueado e não gostavam, não queriam ouvir e nisso eu tive uma participação muito importante porque quando eu comecei o meu trabalho com a Helena eu fiz questão de frisar o que a Helena representava musicalmente porque ela tocava principalmente os rasqueados e que ela era a representante da própria cultura boiadeira do Mato Grosso do Sul, do pantanal, esse tipo de coisa e que essa música era o rasqueado a crítica valorizou muito, eu tive grandes críticas, grandes jornais falando da importância do rasqueado ser ouvido pelo público das grandes metrópoles porque a Helena entrava em emissoras sofisticadas, não eram músicas caipiras para tocar em programas menores, ela tocava em lugares, nós conquistávamos espaços assim... E nós fazíamos questão de frisar isso e trazer essa cultura. Mas de qualquer maneira todos esses povos trouxeram um pouco de cultura, a própria Helena descende de mineiros, paulistas, índios e portugueses.

7 – Acredita que a Helena teria sido precursora e abriu portas para a cultura violeira de Mato Grosso do Sul?

(Áudio PTT 20200722 – WA0027)

A Helena ela foi precursora no sentido de que... Ela foi uma coisa rara, uma mulher que aprendeu a tocar desde criança no período em que ela viveu. Ela nasceu em 1924, em 1932 ela já tocava e animava bailes com os músicos adultos, ela tem

aprendido sozinha, escondida, porque o pessoal não queria que ela tocasse. Nisso ela foi precursora.

A Helena a maior parte da vida, ela deve ter tocado viola aí em Mato Grosso do Sul, mas muito pouco, talvez no interior de São Paulo porque ela morou na região da Alta Sorocabana onde a viola caipira era mais influente. A viola ela é muito popular em regiões de São Paulo e Minas e em alguns outros lugares... No Nordeste também, mas eu nunca vi a viola como um instrumento, claro que havia violeiros em Mato Grosso do Sul. A viola sempre foi muito importante para os músicos sertanejos de raiz e os antigos, desde Tonico e Tinoco e todos os outros que tocavam viola.

Quem estava fazendo sucesso quando a Helena apareceu artisticamente era o Almir Sater, ele já estava na novela pantanal e apareceu tocando viola, mas aparecer uma mulher tocando viola com o perfil da Helena que era o avesso do Almir, que era jovem, bonito e tal, aí apareceu aquela mulher com aquele perfil da Helena: cara sofrida, e tal, mas que tinha uma capacidade, um talento imensurável e que a mídia valorizava tanto, isso foi uma novidade uma mulher violeira. A Helena sempre foi violonista a maior parte da vida, mas quando ela chegou aqui em São Paulo foi uma coincidência porque nós tínhamos viola em casa e quando ela chegou na casa de minha mãe em Santo André trazida pela minha mãe, depois esse desaparecimento de 32 anos, assim que eu me encontrei com ela eu perguntei a ela: “a senhora ainda toca?”, Toco um pouco sim meu filho, disse ela. Eu tinha uma viola em casa e botei a viola nas mãos dela e quando ela começou a tocar, aquilo me pareceu que ela tinha tocado aquilo a vida inteira, tal a competência dela, ela simplesmente afinou a viola na afinação rio abaixo que era a afinação que ela mais usava pra tocar e começou a solar a músicas lindamente a ponto de eu quase chorar diante de tanto talento e foi aí que eu comecei a tocar sempre com ela e não comecei nada, nenhum trabalho de produção, nem pensei em levar aquilo pro palco, nada de início assim, mas aí eu percebi que o repertório dela estava meio adormecido na cabeça dela e comecei a trabalhar para recuperar o repertório, uma dia eu percebi que tínhamos umas quarenta músicas ensaiadas que começou a cair a ficha: “poxa! A gente pode levar isso para a televisão, vamos tentar fazer programas de rádio, televisão, vamos tocar aqui, ali e aí a ideia foi amadurecendo gradativamente e quando nos demos conta a gente já estava fazendo shows em teatro também, então ela influenciou muita gente, porque logo em seguida veio uma leva de novos

violeiros jovens porque os antigos eram o Tião Carreiro, todos os antigos violeiros do Brasil, então a leva deles aí, Zé do Rancho, Moreno e Moreninho e todo mundo mais, mas aí veio uma nova leva de jovens violeiros que começaram a ver a Helena na televisão, inclusive moças, meninas que passaram a tocar viola, como a Bruna da viola, eles começaram a aparecer na esteira da Helena, a Helena provocou isso, muita gente se tornou violeiro depois de ver a Helena tocar na televisão e de ver a mídia a falar dela.

8 – Sobre o museu criado em Bataguassu (MS), o que ele representa para você como músico e para a memória de Helena?

(Áudio PTT 20200722-WA0028)

Bom, para mim foi uma glória quando eu soube da ideia de que Bataguassu iria criar um museu e eu achava que eles iriam criar um museu histórico e que dentro desse museu teria uma sessãozinha dedicada à Helena, eis que eu vi depois, fui informado pela Regina que o Museu se chamaria Museu Helena Meirelles, o que me deixou muito mais feliz e que um terço do museu é dedicado à ela, então eu realmente fiquei muito grato porque foi um reconhecimento muito grande pelo fato dela ter vivido ali na região Porto XV de Novembro que é distrito de Bataguassu, é um lugar onde a Helena viveu coisas muito importantes da vida dela. Ela viveu principalmente ali tocando nos bordeis e ela tocava muito entre os bordéis Porto XV e de Porto Epitácio, então ela ficava atravessando a ponte, acho que aquele tempo nem tinha ponte, tinha que atravessar de barco e o movimento que tinha ali de boiadeiro, e madeireiros, e pessoal que frequentava os bordéis e também nos bailes, ela tocava em bailes, festas, bailes, coisas assim.

Para mim foi realmente muito importante porque também valoriza a história da minha família ali na região e vocês vão ver que eu estou tentando através das fotos que eu estou cedendo em como isso será valorizado. Tem as fotos da Helena, e também tem as fotos das influências e no desenvolvimento da Helena como artista e tem gente da família: o Tio Leôncio Meirelles, Tio Leôncio com quem ela tocou a primeira música, o Álvaro pereira, o irmão dela, esses dois tocavam muito e a Helena começou a tocar com eles nos bailes, eles eram um trio formidável, imagina aqueles três tocando juntos e tocavam muito, todos eram gente ali da região da boiadeira,

moravam e viveram todos na Fazenda Jararaca, ali perto de onde o córrego jararaca desagua no Rio Pardo, ali próximo de Casa Verde à 100 km de Bataguassu, eles são dali, eles não são de Bataguassu especificamente porque Bataguassu ainda não havia sido fundada no tempo em que eles viveram ali ou que eles nasceram e que eles cresceram ali.

É de extrema importância porque vi mostrar para as pessoas quem foi a Helena e tal, nós temos em Campo Grande (MS) a Concha Acústica, temos o Armazém Cultural Helena Meirelles, mas um museu é sempre uma coisa que traduz a cultura um centro de pesquisas e eu gostaria muito de colaborar bastante com o museu para que eles possam ser um centro, onde as pessoas vão se inteirar de coisas sobre a Helena e sobre cultura Sul-mato-grossense através da música regional e das histórias da Helena para pesquisas, assim como o trabalho que você está fazendo aí e que eu fiz antes de tudo isso acontecer com uma monografia sobre a Helena na época.

Continuação

(Áudio PTT – 20200722 – WA 0026)

O museu reúne a própria história, fatos, artigos e itens que traduzem a história da Helena como artista, como representante da raiz da música do Mato Grosso do Sul, do rasqueado, então isso tudo é muito importante para que as pessoas venham conhecer essa coisa concentrada ali pelo museu, uma história da cultura boiadeira Sul-mato-grossense através da música da Helena Meirelles e dos itens culturais que o museu conglomerava.

9 – No tempo de convivência com Helena houve algum fato curioso?

(Áudio PTT – 20200722-WA0029)

Bom... A Helena era uma pessoa muito simples, muito humilde, ela aqui em São Paulo era completamente perdida, simplesmente ela não sai na rua sozinha. Ela era uma mulher de interior, uma mulher de uma vida, que veio de um mundo rural de muitos anos de pantanal e ela só ia pra algum lugar quando alguém levava ela, eu

particularmente, eu sempre levava ela para lá e para cá, tudo que ela tinha que fazer eu que tinha que levar e, eu fazia com maior prazer porque eu gostava muito dela e já estávamos tocando sempre juntos e tudo isso mesmo antes da gente começar o trabalho artístico, mas como ela era muito simples as vezes ela não entendia muito bem as coisas e por isso que eu tinha que estar sempre do lado dela e mesmo nos shows eu tinha que ser o ancora do show, eu ficava do lado esquerdo dela, assim de frente pro público porque eu fazia uma ponte com ela, eu sempre jogava iscas para ela, para ela falar sobre determinado assunto e trazer uma música, era aquilo que o público queria ouvir porque ela era, apesar de ser muito simples, ela tinha o dom da oralidade do matuto de pessoa do interior, assim como todas as nossas famílias que vem de uma cultura oral quando todo mundo era analfabeto e esse tipo de coisa, coisa do sertão, da roça, das fazendas, mas ela contava histórias maravilhosas, todo mundo da minha família tem o dom da oralidade, pessoas que falam muito bem apesar da simplicidade. Eu tinha às vezes que esclarecer para as pessoas, por exemplo, nós fazíamos programas de televisão, eu tinha que estar junto, claro, que além de ser eu quem agendava os programas e conquistava os programas porque não era assim tão fácil, tinha que ter um certo tato para lidar com as produções dos programas que, nem sempre eles queriam principalmente no início, depois que você fica famoso todo mundo quer, mas no início é duro, mas aí eu tinha que estar junto porque eu sempre tinha que fala ronde nós iríamos tocar, os detalhes da banda e etc. Ela não dominava isso a gente tocou em muitos lugares que ela não sabia onde ela estava tocando às vezes ela esquecia que cidade que era, ela não decorava o nome da cidade.

Houve até eventos engraçados, nós estávamos tocando em Santos (SP) no teatro municipal de Santos e ela achava que era sei lá, Peruíbe.

Nós fomos fazer o programa do Jô Soares que foi uma grande conquista porque foi a nossa primeiríssima apresentação de São Paulo no Centro Cultural Vergueiro, famoso Centro Cultural São Paulo que eu consegui incluir a nossa banda num projeto de mulheres que tinha já artistas importantes como a Marli Miranda, tinha a Ângela Rô Rô e tal. Nós fomos tocar nesse programa e nos deram duas datas no meio da semana que são dias malditos, ne? Todo mundo quer tocar nos finais de semana que é quando o público vai nos shows, mas eles nos deram dois dias, como era a primeira vez eu agarrei, obvio, eu adorei, dois dias uma terça e outra quarta,

alguma coisa assim, mas só que eu tive a sorte de conseguir entrar com a banda no programa do Jô Soares que era aquele tempo no SBT ainda, mas era um dos programas mais assistidos porque não só o público assistia, como jornalistas, produtores, todo mundo, então se te vissem no Jô Soares e gostassem você podia ter certeza que viriam atrás de você.

O que aconteceu nós estávamos gravando a entrevista da Helena com Jô Soares e a banda estava lá no Set porque nós íamos tocar uma música, aí estava divulgando o show do centro cultural que seriam aquelas duas datas que eu falei, o que aconteceu? A Helena me esquece de falar porque ela quem estava sendo entrevistada e ela esqueceu de falar para o Jô onde a gente ia tocar, quando e tal. Eu fiquei desesperado pensando “ e agora? ” Aí eu peguei e corri e chamei a produção do Jô e falei: “olha aconteceu isso e isso, ela não falou onde a gente vai tocar, quando e tal. ” Aí eles disseram: “olha, mas agora é tarde porque o Jô não vai querer saber, ele não repete entrevista de jeito nenhum. ” Eu fiquei muito chateado, mas aí eles disseram que iam falar com ele e falaram com ele e ele disse: “Ah! Pra Helena eu faço”, aí chamou a Helena de volta, não para repetir a entrevista, mas só para ela falar a parte da informação sobre os shows do Centro Cultural São Paulo, eles fizeram na verdade um enxerto, incluíram ela falando sobre os shows, mas aí quando ela falou sobre os shows o Jô anunciou: “agora Helena Meirelles vai tocar com a sua banda. ” Mas aí a Helena olhou e não viu os músicos porque nós já tínhamos gravado a música e a banda tinha se retirado, ela não viu os músicos e disse: “Ué! Mas cadê minha banda, cadê meus músicos? ” Ela falou de um jeito tão natural, tão ingênua e tão simples que o Jô teve uma crise de risos, foi a coisa mais engraçada de todo mundo na produção e depois o pessoal veio elogiar a naturalidade dela, essas coisas todas e o Jô adorou ela e a entrevista foi bombástica porque ficaram durante muitos anos. Tem gente que até hoje lembra da violeira que foi no programa do Jô Soares, a mulher que despachava marido que ela teve três maridos e mandava todo mundo para as “cucuias”,e também, depois disso vários produtores viram a gente no programa do Jô Soares e começaram a me ligar para gravar programas com a gente e me convidar para shows e coisas assim.

Entrevista realizada no dia 29/05/2020

Horario: 14h45

Entrevistado: José Ladislau (mantive falas originais)

José Ladislau de origem simples e humilde é amigo de infância de Helena Meirelles e teve muita convivência com a violeira e família, Ladislau ainda foi atuante na fundação do município de Bataguassu e em homenagem algumas ruas e prédios municipais levam seu nome.

1 – Como o senhor conheceu a Dona Helena ?

(Audio PTT 20200819-WA0051)

Eu conheci a Helena Meirelles quando eu era criança, nois foi levar uma boiada na margem do Rio Paraná no Porto XV de Novembro, isso foi no ano de 1951 e lá eu conheci ela e a “famia” dela e ela principalmente tocando viola por causa que tinha uma companheira nossa que tocava boiada junto com a gente por nome de Emília, lá nós se encontramos, aí peguemo conhecimento e sempre que era dia de sábado, dia de folga, um dia parado que não tinha o que fazer, não tinha gado pra tocar, às vezes saia da fazenda que eu trabalhava e eu ia pro Porto XV encontra com Helena Meirelles tocando viola e para mim, ela foi a maior violeira do mundo, e até hoje ela está sendo a maior violeira do mundo dentro de meu coração porque nós se dava muito bem, nós era amigo, mas a situação nossa de tocar boiada era muito importante, mas a gente se desencontra nas aquelas horas vagas que pode conversar, que pode assistir uma música que ela toca, pode assistir um bate-papo, pode tomar um tereré e contar os causos acontecido que sempre acontecia quando a gente saia com a comitiva de boiada.

2 – Como era o convívio de criança entre vocês dois?

(Áudio – PTT 20200819 –WA0055)

Meu convívio com ela era muito importante porque, na época não tinha a crianças para brincar com uns aos outros, era meio frágil sobre criança, era muito difícil a

gente ver uma “famia” com várias criança e nós que vivia na luta não tinha como viver junto toda hora, então a gente se encontrava quando a gente puxava uma boiada que chegava para embarcar na balsa no Porto XV, margem do Rio Paraná pra Epitácio, então quando a gente se encontrava eu largava do meu serviço para assistir a nossa amiga Meirelles tocar. Aquilo para mim era maior mil maravilha, então aquilo foi indo esse com o tempo que foi passando a gente foi vivendo, foi ficando adulto e de vez em quando se encontrava lá uma hora ou outra a gente se encontrava naquela alegria, naquela amizade limpa e pura, como amiga, como uma conhecida e principalmente na hora que a gente chegava junto, para mim era Deus no céu e Helena na terra, os indivíduos, a gente que viveu aqui muitos anos, que à gente muitos procura, a gente pra fazer gravação pra fazer livros, pra fazer uma homenagem nós merecemos uma homenagem de cada um de quem faz uma gravação com nós.

3 - Como era o convívio entre Helena e a família?

(Áudio PTT – 20200819 – WA0054)

A Helena e a família era muito importante, a Helena e a “famia” era muito importante porque era uma “famia” de gente humilde e muito conformado com as coisas que acontecia, mas sempre a “famia” da Helena era uma “famia” de gente meio sistemático por causa que naquela época, na nossa época, era uma época meio dura como diz a história, não é que a gente é bravo, não é que a pessoa de caçar confusão nós vivia na paz, com amizade, com aquela alegria e chegava lá Helena já recebia com maior alegria de maior tamanho de amor e carinho, ela tinha pela gente e a gente por eles.

É uma “famia” de gente pra mim, foi a primeira “famia” muito importante na minha vida e depois de tudo isso, passado, Helena, era uma pessoa de excelência, a “famia” dela espetacular, a gente vivia junto quando se encontrava era o mesmo que ser um parente, mas a gente não era parente, a gente vivia um pouco distante dela por causa que a “famia” dela era uma, e a “famia” da gente era outra. Tinha aquele encontro de paz e amor, aquele carinho, contava piada, historias, tocar viola, dançava rasqueado e polca paraguaia que ela gostava muito. A “famia” dela era sensacional, era uma “famia” de gente muito importante principalmente para mim, e

depois eu comecei pensar minha vida porque eu não vivi o lado da “famia” de Helena Meirelles pra hoje contar um caso mais importante que essa gravação que a gente está fazendo pra você, agora eu quero que muitos tempo que vale e vai ser valido pela a gravação que você interessa gravar a vida de um peão que vivia no sertão.

Continuação

(Áudio PTT 20200819 –WA0068)

A “famia” dessa menina pra mim era muito importante, quando tava a “famia”, eu chegava lá e se tão brincando, parava a brincadeira, não sei porque não eles paravam de brincar.

A Helena tinha uma irmã por nome de Maria e depois, com o tempo, não sei se ela casou e foi pra São Paulo que perdeu ela de vista e depois ela saiu procurando a Helena, depois que o pai dela faleceu saiu procurando Helena. Ela morava em São Paulo e então procurou pela Helena e a encontrou e levou ela junto embora pra São Paulo e lá foi donde ela seguiu a carreira dela e eu nessa altura, fui servir o exército em 1959, fui servir o exército em Bela Vista, aí eu perdi a Helena Meirelles de vista, a amizade que a gente tinha com a “famia” e com ela.

Cheguei do exército, sai fora do exército e me deu na cabeça para ir pra São Paulo também, para eu ver ela tocar a viola dela nas rádios em São Paulo que nem na rádio nacional, rádio Tupi, Bandeirantes rádio Anhanguera e eu procurava ela pelas rádios pra ver se eu encontrava com Helena Meirelles, mas nunca deu certo de eu encontrar com ela e nessas altura não encontrei e voltei de São Paulo para cá, onde moro e eu comecei a tocar minha vida, conforme eu venho tocando, procurava uma coisa, procurava outra, sempre me procuravam para falar como era a convivência dessa “famia” de gente, mas a gente perdeu de vista a “famia” e aquela amizade que a gente tinha tá no coração de qualquer um e tá no coração da gente, mas só que é aquela coisa que é incrível pra gente lembrar... É tanto detalhe que passava de um para outro como era o modo de brincar, como era o modo de tratar de um para o outro, porque a gente não vivia junto dentro da casa para saber a realidade como é que eles brincavam ou qual é a brincadeira, como é que se tratava de um irmão para

o outro, sei que, eu, quando chegava lá se tavam brincando eles paravam a brincadeira, era um 'Deus' que chegava na casa deles e então isso era o que deixava eu emocionado sobre a vida dessa "famia" e foi tempo que eu fui pra São Paulo pra encontrar com Helena tocando viola nas rádios, mas nunca consegui e voltei pra minha terra natal que é Mato Grosso do Sul, Bataguassu que eu sou um dos fundador de Bataguassu de 1950 e, hoje a turma mesmo me procura pra saber como era meu sistema de vida, como que eu trabalhava, com quem eu vivia, como que eu vivia o que eu fazia ou deixava de fazer, sempre toda vida eu toquei roça e mexer com gago eu mexia, mas eu parei de mexer com gado por causa que eu fui seguir minha vida por outros modos.

Os fazendeiros também foram faltando, alguns fazendeiros foram morrendo, ficou só a "famia" e foram mudando de patrão e a gente puxava boiada pra Frederico, Zé e Chico Medeiros, esses fazendeiros ricos, então aquilo foi faltando, aquele prazer de tocar boiada o prazer foi faltando e a gente viveu em outro ramo. Foi tempo que a companhia, a viação que não podia falar, mas vou falar pra modo abrir Bataguassu, formar Bataguassu e formar a cidade que hoje é a cidade que muita gente procura, onde tem o museu de Helena Meirelles e meu nome está escrito dentro do museu como um conhecido daqui da fundação, isso para mim é muito importante quando a pessoa me procura eu fico emocionado devido aquela vida que a gente vivia de interior pra hoje a vida que nós vive é uma vida desenvolvida que a gente pode estudar, pode fazer oq eu tem vontade na vida, pode crescer, pode ser um famoso, pode ser qualquer coisa na vida e minha vida de garoto jovem, eu não tive uma carreira profunda, a carreira que eu tive foi servir ao exército, mas parei, não sou um João ninguém porque sou muito conhecido e tenho muita amizade e nada mais.

Continuidade. (Cristiane Ladislau, filha de José Ladislau)

(Áudio PTT – 20200819 – WA0066, também mantendo falas originais)

Eu também como filha de meu pai, eu conheci a Helena Meirelles só que como eu era criança eu tenho pouca, vaga lembrança sobre ela. Eu lembro de uma passagem assim: Meu pai, aqui na Nova Porto XV já, que eu andei, conheci o Porto XV velho, antigo, e aí eu conheci ela lá tocando no Baile das festas de agosto, eu fui em muitos bailes dela, as músicas dela é excepcional sim, só que eu não tive muito

contato lá, mas uma vez eu lembro que aqui na Nova Porto XV. Ela tinha uma amiga aqui e nós como amizade, meu pai como amizade e aí nós fomos na casa da Dona Emília, e nós estávamos tomando café com a Dona Emília e de repente ela chegou lá com a viola no tira colo e veio visitar essa amiga, não me lembro o que ela veio fazer, mas eu lembro que foi uma visita e aí ela chegou e dona Emília disse: “entra pra cá, Helena... Entra pra cá.” Aí ela entrou, deu um belo abraço nela, abraçou meu pai, cumprimentou meu pai conversando, deu um abraço e um beijo em mim e falou: “Uai Zé, essa que é sua filha? ” E meu pai disse: “sim, essa aqui é minha filha. ”, então ela prosseguiu: “mas que menina bonita! ” E eu já fui logo perguntando: “Dona a senhora quem é a Helena que meu pai fala tanto? ” “Sim, sou eu”, disse ela. Eu disse para que ela assim: “achei que você era diferente, você é tão simples” e ela disse: “Ah! Eu sou vaqueira, sou da lida, eu sou da roça, a gente tem que ter simplicidade na vida. ” Aí eu falei: “ Realmente”.

Quando isso aconteceu, eu tinha ali por volta de meus nove, dez, onze anos, no máximo. E aí ela falou assim: “Você gosta de música? ” E eu falei: “adoro”, aí ela perguntou: “você me conhece? ”, respondi: “conheço pelas histórias de meu pai, que meu pai senta na beira do fogão quando é dia de frio e conta, a gente tem um radinho lá em casa que toca suas músicas e eu amo suas músicas. ” Ela disse: “é mesmo? Então só porque você disse isso eu vou tocar uma moda pra você. ” Eu perguntei se era sério e ela disse que sim.

Quando ela tirou o violão das costas da cadeira que ela tinha pendurado e começou a tocar aquela moda, eu amei, me apaixonei! Aí logo ela falou: “mas eu só toco acompanhada, sozinha eu não toco, eu vou tocar viola. Emília, pega lá, Emília o acordeom, a sanfona, pega a sanfona, Emília! ” Que essa amiga toca a sanfona que é a amiga que meu pai fala na gravação aí, Jeferson. E é uma amizade de tocar, e a dona Emília pegou a sanfona, ela com a viola, e ela pediu pra mim cantar as músicas dela, mas como eu não sabia muito bem, meu pai começou eu eu ela e nós tudo fizemos como se fosse uma serenata ali naquele momento, foi bem numa hora do café da tarde, por volta de umas 15h00 da tarde na casa dessa amiga da gente. Foi muito bom, Jeferson, ela era uma pessoa que na minha memória vem assim uma pessoa de um metro e sessenta e cinco, assim por volta da minha altura que eu tenho um metro e sessenta, ela tinha minha altura mais ou menos, um chapéu preto na cabeça, lembro como se fosse agora, uns olhos de bugre, com a cor da pele dela

lisa cor de bugre, uma morena bonita, um belo par de brinco brilhoso na orelha pendurado, um cabelo bem amarradinho, um chapéu na cabeça uma blusa, uma camisa, uma calça meio azulada, um azul bem bebê, um azul bonito, um par de bota caramelo no pé, uma cinta com uma fivela de Nossa Senhora que eu lembro, se não me engano ou era Nossa Senhora ou era uma ferradura de um cavalo na cintura, mas creio eu que era Nossa senhora, não tenho muita recordação nessa fivela, eu sei que era uma fivela na cinta, um canivete do lado. É uma pessoa excepcional, uma carteira no bolso é uma pessoa excepcional, essa é a figura que eu tenho de Helena Meirelles. Grande amiga, grande parceira, de umas mãos e de uns dedos excepcional, dom de nascença que nunca perdeu e sempre tocando mais e com a família bem estruturada, porque a base dela era a família, segundo meu pai era a família que ensinou tudo que ela sabia e dom veio.

4 - Quanto às músicas dela, o que o senhor sente quando ouve?

(Áudio PTT – 20200819 – WA0067)

Hoje eu vejo as músicas pela internet, quando ligo na internet que toca a viola meu “zóios” enchem d’água de emoção de ver quem era Helena Meirelles tocando na viola que hoje a viola dela não sei com quem está, a viola de carreira dela, não sei qual é o filho ou qual é o Neto que tem essa viola que era o sonho dela tocar, então a carreira que ela tinha, que ela pegou e que a viola dela era o sonho. Até hoje eu me sinto emocionado quando eu vejo e assisto a música da violinha dela, o repicado e o chorinho que ela fazia na viola, aquilo me deixava desmontado de tanta alegria.

Entrevista realizada no dia 05/08/2020

Horario: 16h47

Entrevistado: Francisco Costa Machado

Obs: Mantendo falas originais.

Francisco Machado é filho de Helena Meirelles, participou ativamente da banda entre os de 1994 até 2002, época em que ocorreu a última apresentação da banda em Campo Grande (MS) e que originou também o último CD da instrumentista intitulado “Helena Meirelles ao Vivo”. Hoje Francisco é residente de Campo Grande e sitiante.

**1) Em que ano o senhor começou a tocar com Dona Helena?
(AUD – 20200907-WA0050)**

Olá, boa tarde, Francisco Costa Machado aqui, filho de Helena Meirelles. Eu comecei a tocar junto com Helena Meirelles aos 16 anos de idade, aí eu não queria aprender a tocar violão, ela insistiu tanto comigo que até que eu aprendi com ela, ela foi minha professora, professora de vida, além de mãe acabou sendo minha professora de música também, eu fui seguir carreira com ela, com o passar dos anos tocamos só em “bailinho, bailinho, bailinho” até que um dia fomos descobertos aí eu fui tocar com ela e segui a carreira artística com ela. Eu sempre acompanhei ela na música, mas assim, eu não tocava com meus 15 anos depois comecei a tocar junto com ela e daí pra frente minha vida e a dela foi toda essa vida artística aí.

(Continuação AUD-20200907-WA0051)

A Helena era apaixonada por instrumentos completo, tanto de arpa a baixo, sanfona, violão, violino, cavaquinho e a arpa. Eram os instrumentos que ela mais gostava, viola. Até que o pessoal fala que Helena é violeira, minha mãe nunca foi violeira, ela sempre foi violonista porque o forte de minha mãe era violão. O primeiro disco que ela gravou, primeiro CD... teve viola pelo meio, mas porque foi forçado, o forte dela era violão, mas ela também tocava violão, violino, bandolim, cavaquinho, pandeiro, gaita de boca. Todos esses instrumentos ela tocava, mas a paixão dela sempre foi instrumento de corda.

2) Como era a convivência entre vocês? Como era a participação de vocês em programas internacionais e nacionais?

Pois é! Para ser sincero para encurtar um pouco mais a conversa, de todos os programas de rádio, televisão, de apresentação, de tudo, tudo, tudo eu sempre estive com ela ao lado dela. Era em programas internacionais, era brasileiro, Brasil, impresa e tudo, mas eu sempre estava ao lado dela, nunca se “apartamo” desde quando sai do ventre dela, nunca mais tinha me “apartei” dela, eu saí do ventre dela para fora, mas do lado dela eu nunca saí, mas ela era uma pessoa que ela chegava assim... Às vezes as pessoas sempre gostava de perguntar alguma coisa pra mim e eu até pedia pra que não fosse entrevistado porque eu sou meio “caipirão”, mas a minha vida com minha mãe foi uma vida muito boa, muito maravilhosa, então, ela sempre falava assim: - “meu filho cê fica do lado da mãe que cê não vai morar debaixo de uma ponte.” Tinha dia que ela me via meio triste ela falava assim : - “meu filho o que está fazendo? Ta faltando o que pra nois?” Eu respondia: - “ta faltando trabalho, mãe. Está faltando show. ” Então se aparecesse alguma coisa sempre pela manhã ela me ligava: - “vem aqui que tem um problema para você resolver. ” Então eu quem resolvia sempre os problemas dela, o que ocorresse eu estava junto, se era médico, doença, alegria, tristeza, tudo era eu quem resolvia para ela. Então a minha convivência com minha entre gravações e entrevistas, comunicação e essa coisa toda sempre foi eu quem participei, eu sempre orientei ela e tudo do bem para o melhor. É assim que funciona a vida de um filho para com uma mãe.

(Continuação AUD-20200907-WA0053)

Pois bem! A dona Helena por ser uma pessoa muito rigorosa, uma pessoa muito direita, uma pessoa muito exigente, era um sistema que você trabalhava direito ou você desertava porque era o sistema dela. Se você estivesse tocando ao lado dela e se errasse um mínimo de uma nota ela batia o “zóí” em cima do cara que tava tocando junto com ela, ela sabia. Se falhasse uma corda ela sabia qual violão dos violões que estava acompanhando ela, ela sabia e ela já batia o “zóí” em cima daquele cara, se errasse ela já batia o “zoi” em cima e já sabia que era ele. Então, ela era uma pessoa assim que ensinava ou aprendia, ou aprendia.

A história da Helena para mim foi fácil porque eu fui filho, fui não! Sou filho dela, ela era assim. Lembro que ela falava: -“meu filho é assim, assim e assado. ” “Ta bom mãe. ” Ela era muito enjoada sabe, a coisa tinha que ser certinho.

Minha vida com ela foi sempre assim. Eu, depois que apartamo da primeira banda e saimo eu comecei a administrar as coisas dela, os negócios dela, as coisas dela, tudo o que passava tinha que passar por minha mão porque ela pedia pra mim, a única pessoa que entrava dentro do quarto dela pra fazer pagamentos pra dividir coisas, fazer contas, tudo para ela era eu. Ela era uma pessoa muito rígida, no fundo ela era a pessoa mais maravilhosa do mundo e é assim que eu reconheço minha mãe.

3) Como era a convivência da Dona Helena com a banda toda? (AUD-20200907-WA0055)

Ela não gostava que os músicos dela bebessem antes de entrar no palco, já para começar, não gostava que os músicos dela andassem mal arrumado, ela não gostava que os músicos dela ficassem sapateando em cima do palco, ela não gostava que os músicos dela ficassem querendo ultrapassar o volume do som dela, então ela era muito rigorosa com os músicos dela. Nós éramos em quatro pessoas no palco e cada um já conhecia ela, então as vezes que eu tava tocando com ela e nós não tinha ensaiado a música e as músicas saiam da banda, tava tocando em palco, show, em qualquer lugar e ela tocava de repente, então o que nós tinha que fazer, nós tinha que pegar o começo junto com ela e ir baseando no que a gente precisava, passava a primeira vez na nossa frente, mas a gente já não deixava passar na segunda porque a gente já tava bem ensaiado. Ensaiaava muito em casa nós fazia nosso churrasco em casa e colocava a caixa de som pra tocar e vamo ensaiar, vamo ensaiar. Repetiamos uma música umas quatro, cinco vezes, mas não por causa que ela queria porque ela queria passar por cima, mas que eu era exigente. Repete, repete, repete até ficar boa principalmente quando íamos gravar, na gravação nós tínhamos que entrar lá no estúdio e tinha que ficar junto com ela, ela não ficava sozinha no estúdio, então a gente tinha que entrar junto com ela como tem um sistema e que a tecnologia hoje está muito avançada, então ela tocava e nós fazíamos de conta que estávamos acompanhando ela, ela estava ouvindo nós, mas nosso som não

saia lá na frente, saía só o dela as vezes a gente erra duas vezes, três vezes aí tinha que voltar para trás e ela ficava brava, doida da cabeça que ela não queria mais. Se deixasse ela sozinha, não aceitava e os músicos dela tinha que ser corrigidos formalmente bem de boa, se de repente ela ficasse brava não ficava quieta e assim por diante.

4) O senhor acredita que a Helena influenciou o sertanejo caipira?
(AUD20200907-WA0063)

A dona Helena faz parte do álbum da música sertaneja que, o sertanejo é uma coisa, a música brasileira nossa é Sul-mato-grossense que veio do Paraguai que veio e que faz parte da nossa coletânea: é a Argentina, Paraguai e Uruguai, então o Sul-mato-grossense que é o rasqueado, a polca paraguaia essas coisas assim por diante, então ela influenciou sim porque tem bastante gente que se baseou nela e muitos se deram bem, muitos pararam porque em termos de música as da minha mãe não são músicas fáceis de tocar, pode ser simples por demais, mas não é fácil de tocar não, são músicas complicadas, as notas que ela faz não era qualquer um que faz, a afinação dela é totalmente diferente, não tem quem toque na afinação dela a afinação dela o único que sabe fazer é eu e é umas das afinação mais difícil que tem de tocar. É um destonado, é uma nota que no álbum musical não tem ela não, então é difícil, mas ela influenciou muito aqui no Mato Grosso do Sul porque ela é Sul-mato-grossense de 1924 e aprendeu de alto de data que, aos nove anos de idade já começou a tocar, então influenciou muito sim, mas ela foi descoberta muito tarde, mas os poucos que fizeram a pesquisa sobre ela, sobre a vida dela se deram muito bem, graças a Deus e como ela deixou um legado muito legal pra todo mundo é difícil de falar, se deu bem alguém, sim. Se não deu bem, mas mal também não deu.

Mas ela deixou um legado muito legal pra todo mundo prosseguir.

5) Com quais artistas a dona Helena chegou a tocar?
(AUD20200907-WA0061)

Os artista que nós chegamos a tocar junto com eles tivemos poucos, mas tivemos de grande nome e de grande conceito o primeiro deles foi o Fábio Júnior, Almir Sater, Sérgio Reis esses a nível nacional.

A nível estadual tivemos vários: Dino Rocha, Maciel Correia, Zezinho Nantes, Délio e Delinh, então foram esses artistas aí que participaram com a gente.

6) Quem eram os integrantes da banda?
(AUD-20200907-WA0060)

A nossa banda era composta por três integrantes que sou, o outro companheiro meu que está em Campo Grande (MS), o outro que em memória que o Gerson Pereira da Silva e o Ailton Torres.

Depois tivemos, depois que saímos da primeira banda, montamos um outra e depois montamos essa final que eram esses três componentes dela, mas ao todo tinha quatro no palco. Eu era violão básico, o outro que era o violão requinteiro que é o requinto e o contrabaixo que o baixista que é em memória ao Gerson, Gerson Pereira, então assim por diante nossa banda foi essa aí que nós tivemos graças à Deus e que Deus o tenha a alma dele em um bom lugar e a da minha mãe.

(Continuação AUD-20200907-WA0059IN:0'23)

A minha mãe deixou um legado muito bom na nossa cultura brasileira e nesse instante que esta essa pandemia aí não tem nem como fazer alguma coisa para ir no memorial e nem ao cemitério para ver o tumulto dela, mas ela deixou um legado muito bom na cultura brasileira e o Brasil nunca esquece dela nunca porque eu sempre vejo alguma coisa na televisão, no rádio e isso para mim é um orgulho muito grande e para o Brasil também. É uma artista que se foi, mas o nome dela fica na história pra sempre e que nunca tenha fim vai ser imortal não vai ter fim essa história dela não. Que nos vamo lembrar ela pra sempre que ela foi uma pessoa excelente como pessoa, como ser humano e como carinhosa, tudo ela deixo, então ela deixou para mim, principalmente pra mim educação, respeito e civilização.

7) A Helena Meirelles abriu portas para a cultura violeira em Mato Grosso do Sul?
(AUD-20200907-WA0058)

Sim, eu acredito que sim porque a cultura Sul-mato-grossense apoiou ela e não vou dizer 100%, mas uns 80% apoiou ela e muitas músicas aqui do Mato Grosso do Sul se basearam nela, porque o estilo dela era um estilo que era chamativo, chama atenção dos músicos principalmente os músicos jovens que tá se formando, ela levou muita gente ao reconhecimento dela, sabe e que eu conheci poucos, mas que eu conheci. Esse é um dom que ela deixou ela tinha uma coisa a pessoa chegava e perguntava “dona Helena como é isso, isso e isso?” Ela não fazia, ela não ensinava e nem nada, ela pegava o violão afinava e dizia “toma aqui me acompanha e se vira.” Então a pessoa tinha que se virar, ela não pegava a mão do aluno e ia ensinar, ela nunca deu aula, mas ela ensinava, ela dava as notas e aí por si a pessoa ia aprendendo.

Ela deixou uma boa lembrança na cultura Sul-mato-grossense, com muitos músicos, tinha muitos músicos formados aqui acordeonista, sanfoneiro, gaiteiro, violonista, guitarrista, rodeavam ela, rodeavam ela, mas não conseguiam pegar o dom dela que é muito difícil de pegar até hoje não tem quem pegasse, ela falou na vida um tempo, ela disse: - “antes de eu morrer eu quero deixar alguém para substituir eu.” E não ficou ninguém, nem eu que sou filho.

Entrevista realizada no dia 10/09/2020

Horario: 19h50

Entrevistado: Brenda Loup Rodrigues

Nome Artístico: Brenda Violeira do Pantanal (Brenda V.D.P)

Brenda é uma instrumentista nascida em Corumbá (MS), aprendeu a tocar violão aos três anos de idade tomada pelo gosto musical da viola caipira. Durante algumas pesquisas na internet se deparou com o mundo de Helena Meirelles onde a toma como inspiração e relembra seu tão cultuado modo de tocar onde quer que faça shows.

**5) Como eu descobri a música da Helena Meirelles?
(AUD – 20200911-WA0065)**

Minha história na música começou aos três anos tocando o violão e logo em seguida quando fiz quatro anos de idade eu ganhei uma viola de presente e a partir daí não parei mais de cantar. Cada ano que passava eu aprendia e me aprimorava na música, por muito tempo escutava músicas nas rádios e sempre eram músicas regionais no ritmo de chamamé, polca, guarani e vanera, sempre fui muito curiosa em relação à música, sempre pesquisava sobre os cantores e um dia resolvi me aprofundar mais na cultura musical do meu estado que é o Mato Grosso do Sul, principalmente do Pantanal e foi quando me deparei com o toque suave de um instrumental, acompanhado só de um violão e baixo, um instrumental chamado “A Volta da Guira Campana” e logo em seguida já aprendi a tocar essa música porque eu gostei muito e eu comecei a pesquisar sobre a intérprete dessa música e hoje essa interprete virou a ,minha inspiração que é a Dona Helena Meirelles e foi como eu achasse um tesouro e ela não me conquistou só pela música, mas também pela sua história de vida.

(Continuação AUD – 20200911-WA0066)

Há num documentário da dona Helena Meirelles que ela fala que quer muito que alguém continuasse a tocar o que ela toca, ela falou que queria que tivesse uma

semente, uma sementinha, então, eu fico muito honrada porque eu quero continuar tocando o que ela tocava e ela mesma quando cita no documentário eu fico muito feliz porque eu quero continuar a obra que ela fez, porque ela fala assim eu aprendi a tocar a música já todos morreram, já nem tem osso mais, ela disse. E cita também que um dos filhos dela não aprende, não aprende ninguém, mas a vontade dela é que ela queria que tivesse uma sementinha, então, eu fico muito feliz e eu quero ser essa sementinha que ela pediu para continuar tocando a obra dela, as músicas dela.

(Continuação AUD- 20200911-WA0067)

Por isso que onde eu passo, onde eu faço shows eu não deixo de tocar uma música dela, eu sei bastante música dela ouvi todos os discos dela já, que ela fez e eu aprendi música, sei muita música dela e eu não deixo de tocar sempre toco uma, duas, três, o que der eu toco no meu show e é essencial, agora toda vez que eu toco o pessoal tá pedindo agora e eu fico muito feliz porque ela deixou uma grande obra, uma grande obra mesmo.

6) De que maneira a música da Helena me toca?

(Continuação AUD-20200911-WA0068)

A música da Helena Meirelles me toca, pois toda vez que eu escuto essas músicas me faz lembrar do Pantanal, do povo pantaneiro e do povo de Mato Grosso do Sul. Com toque suave nas cordas da viola, sendo só acompanhado por um violão e baixo, ela me faz sentir como se eu estivesse navegando em uma chalana no Pantanal contemplando a grande beleza da fauna e da flora desse bioma maravilhoso.

ANEXO B
CAUSOS HELENA MEIRELLES

TRANSCRIÇÕES DAS CINCO FAIXAS DO CD LANÇADO EM 1994 “HELENA MEIRELLES A GRANDE DAMA DA VIOLA. ”

Saudades das Comitivas:

"Porque, agora, quando eu 'tô' nas fazendas do Mato Grosso, qualquer lugar, em fazenda que eu 'tô', que eu escuto um toque de berrante, me dá vontade de sair, voar num vento e cair no meio da boiadeirama, onde tem berrante, onde tem tudo que usava antigamente nas comitivas, que agora não existem mais, eles trazem boiada só de caminhão, as comitivas tinham as tropas, tinham os cargueiros, onde a boiada vinha por terra, e vinha as comitivas, comitiva era os cargueiros que carregava 'bóia' pra fazer pra comer, panela, essas coisas né? E a tropa que vinha na frente da boiada, pra boiada seguir atrás, e a peonada em volta, estralando o 'reiador', pra boiada seguir".

De Boiadeiros e Bordeis:

"Olham eu gostava de tocar em familiar também, mas eu gostava muito de tocar na zona, na casa da mulherada, porque foi o lugar mais divertido que teve na minha vida, pra mim tocar, porque foi num tempo que eu já bebia, eu comecei a beber depois de mulher adulta, eu comecei a beber e comecei a enfrentar, mais tocar na casa da mulherada da zona do que no meio de família, que lá é um lugar muito divertido, a gente toca lá, a gente vê todo mundo beber, todo mundo caindo, todo mundo pintando e virando de ponta cabeça, e dançando, e brincando e conversando com as 'lambandalheira', então aquilo pra mim era um prazer, que eu ficava num canto, sentada, tocando com meu companheiro e vendo a palhaçada deles e começava a dar risada, aquilo eu passava a noite sem sentir. A barra de lá, rapaz, quer dizer, que pra mim nunca foi pesada porque graças a Deus nunca foi judiada por ninguém, porque foi coisa que Deus nunca me deu, esse apoio de viver dos outros judiando de mim, me deu apoio sempre em felicidade, graças a Deus, porque a minha companheirada dançava, minha companheirada às vezes apanhava, às vezes nego chegava e tirava, como era no Porto XV o ponto dos peão de boiadeiro

da comitiva LS e da comitiva EP, eles chegavam lá e ficavam, às vezes quatro, cinco comitivas lá paradas, toda noite eles iam lá onde eu tocava, na casa das 'mulher', chegava lá, às vezes eles cismavam de dar um couro numa daquelas, eles davam um couro, quando eles achavam de empurrar e derrubar ali e arrastar do braço, arrastava, e com isso, eles emendavam com a galopeira, às vezes eles pegavam, arrastavam a espora, arrastavam a toalha da mesa com a espora, cutucavam a pessoa com a espora, e com isso eles iam, guaiaca e revólver, como eu vi lá no Porto, um nego arrancar o revólver da cintura e mexer a cerveja com o cano do 38. Uma vez eu 'tava' tocando na zona do Porto XV lá, e a peonada 'tava' bebendo, gastando lá com a mulherada, com a 'putada' lá, então uma paraguaia muito minha amiga, entrou por quarto com o amigo dela lá, já começaram a beber lá dentro e ele começou surrar ela com a guaiaca, a gente escutava o barulho da guaiaca, e nós saímos correndo, "Abre a porta, Lourença, sai daí, esse homem vai te matar de tanto bater aí, senão nós vamos abrir essa porta por nossa conta", ela falou assim "Não, deixa, eu gosto de apanhar", então nós falamos "Então surra mais essa 'filha da puta', que ela gosta de apanhar mesmo, que apanhe".

Parteira de Si Própria:

"Nos meus partos, eu fazia, porque teve filho meu que eu até tive na zona tomando cerveja, no baile dançando, como tive esse meu filho, que eu tive ele no meio do pasto, no meio do gado, que eu me senti mal no meio do gado então, foi onde nasceu esse meu filho, e foi quem me socorreu na hora foi meu pai que ele tinha passado por mim e tinha falado que não era pra mim estar andando daquele jeito, mas eu não 'tava' sentindo nada, quando foi na hora que eu tava andando que ele passou, que eu senti a dor do neném e foi onde o neném nasceu, ali mesmo, então ele que acolheu, como ele vinha voltando e me viu daquele jeito, ele pegou a camisa dele, enrolou no neném e levou até a casa, pra cortar o umbigo, quer dizer que parto pra mim, meu filho, é a mesma coisa de ser uma galinha quue subia no ninho, botava o ovo e ia gritando, porque eu fui mulher muito feliz, graças a Deus. No Pantanal eu fui famosa pra fazer parto, sabe, acudi muitas 'mulher' no parto e acudi muitas 'criança' também. Eu me benzi por intermédio de Deus, né, porque, tudo que o pessoal falava pra mim, eu guardava, como teve uma pessoa que me ensinou um

benzimento muito forte, e com esse benzimento eu 'tô' até hoje, e foi aprovado como eu salvei muita gente, como adulto, como criança, quando o bicho pegava, cobra, né, animal, gente, cachorro e até galinha. Graças a Deus, eu salvei com meu benzimento, na base de Deus e em nome dele".

Fazenda Jararaca:

"A fazenda Jararaca era do meu avô, Marcos Vaz de Meirelles, que era o pai da minha mãe. Ali era do meu avô, porque antigamente no Mato Grosso, cada qual que chegava, se 'arranchava', ali era dele. Então, meu avô era condutor de boi, viajava muito no estradão, nós vivemos uma vida inteira criado junto com a minha avó, e junto com a minha mãe e meu pai. A fazenda Jararaca era uma fazenda sertão ainda, porque quando começou a abrir as estradas, de Campo Grande ao Porto XV, a São Paulo, era margem de rio, era mataria, sertão, só tinha os 'miolo' que tinha as fazendas pelo meio, mas tudo era mato. Eu, desde criança tinha que, como eu falei, meu avô era paraguaio, ele sempre acolhia muito os paraguaios que vinha viajando, parava na casa dele, e todos eles eram muito tocadores, e com isso eu fui, também entrei no meio desses paraguaios, onde entrou meu tio e o meu irmão, onde aprenderam tocar muito, e eu também entrei no meio dessa paraguaiada e comecei a tocar também, e toquei como nunca, como eles mesmos, as músicas deles, que eles tocavam, esses paraguaios, faz muitos anos, eles morreram em 1932. Quando saíram da casa do meu avô, com uma semana a gente recebeu a notícia que eles tinham sido mortos, todos eles. Bom, os primeiros bailes que eu comecei a tocar, depois que eu comecei a tocar mesmo, primeiro lugar que eu toquei em festa de Santo Antônio, um lugar com nome de Taimbézinho, na boiadeira, que aí eu comecei a entrar, tocar com meu irmão e meu tio, que o pessoal começou a ver que eu tocava mesmo, daí comecei a tocar e não parei mais, nessas festas juninas, São Pedro, São João e Santo Antônio, que saía muito na beira da boiadeira, ainda era do tempo que o salão era socado com cupim, e a palha do barracão era feita de iacuri, e lampião de querosene, e cada esteio daquele colocava uma luz, e ali a gente amanhecia dançando e tocando".

De Boiadas e Boiadeiros:

"Olha, eu nasci na antiga estrada boiadeira, margem do Rio Nhandu e Rio Pardo, na boiadeira velha e antiga, e eu nasci e me criei da Fazenda Jararaca, no Porto Alegre até o Porto XV, foi onde eu me criei, no meio da boiadeirama e escutando berrante tocar, batida de polaco das madrinhas da tropa da comitiva, guizo dos cargueiros, o grito da peonada, o estalo do arreador, eu tenho saudade até hoje da minha antiga estrada boiadeira, dos meus conhecidos, da peonada que trabalhava , que me deixou muita saudade e até hoje eu me lembro, eu nunca me esquecerei da poeira da boiada do Mato Grosso, da beira boiadeira onde eu nasci e me criei".

ANEXO C

LEI ORDINÁRIA 2.647/2019 – CRIAÇÃO DO MUSEU EM BATAGUASSU - MS



Gabinete do Prefeito
Rua Dourados, 163 - Centro - Fone: (67) 3541-5100
e-mail: gabinete@bataguassu.ms.gov.br

LEI N.º 2.647/2019 DE 21 NOVEMBRO DE 2019

"DISPÕE SOBRE CRIAÇÃO DO "MUSEU MUNICIPAL HELENA MEIRELLES", NO MUNICÍPIO DE BATAGUASSU-MS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

Pedro Arlei Caravina, Prefeito do Município de Bataguassu, estado de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais e em conformidade com a Lei Orgânica Municipal,

FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE BATAGUASSU APROVOU E EU PROMULGO E SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica criado o **"MUSEU MUNICIPAL HELENA MEIRELLES"**, com finalidades, atribuições e organização prevista nesta Lei.

Parágrafo único. O Museu Municipal Helena Meirelles, funcionará no prédio histórico construído no ano de 1967, a fim de intensificar o ensino público municipal, onde abrigou pela primeira vez a Escola Municipal Marechal Rondon e está localizado na Rua Ribas do Rio Pardo, 376 – Centro deste Município.

Art. 2º O Museu apresenta os seguintes objetivos:

- I – Promover a preservação e difusão do patrimônio imaterial sob sua guarda;
- II – Promover a coleta de objetos, documentos, peças, imagens e reproduções que interessem à preservação e difusão da memória e da história da cidade de Bataguassu, desde que a preservação destes objetos, documentos, peças, imagens e reproduções estejam ameaçadas, mediante solicitações aos seus proprietários ou detentores ou por compra ou permuta, para tanto obtendo a necessária autorização;
- III – Desenvolver exposições, exhibições e ações educativas de interesse para uma grande variedade de públicos;
- IV – Oferecer ao público diversas formas de interação com o museu;
- V – Inspirar a comunidade um senso de pertencimento;
- VI – Promover educação permanente;
- VII – Promover parcerias com outras instituições;
- VIII – Promover o registro através de fotografias, filmagens ou inscrição em livro apropriado das manifestações culturais populares e incentivar a criação de condições sociais e econômicas para que estas se desenvolvam;
- IX – Tornar o museu polo na construção da identidade local e polo turístico;



PREFEITURA DE BATAGUASSU - ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
Rua Dourados, 163 - Centro - Fone: (67) 3541-5100 Fax: (67) 3541-5101 - CEP 79780-000 - CNPJ: 03.575.220/0001-96
www.bataguassu.ms.gov.br



Gabinete do Prefeito
Rua Dourados, 163 - Centro - Fone: (67) 3541-5100
e-mail: gabinete@bataguassu.ms.gov.br

X – Promover o turismo e ações que revertam em possibilidade de geração de renda e emprego para os agentes envolvidos.

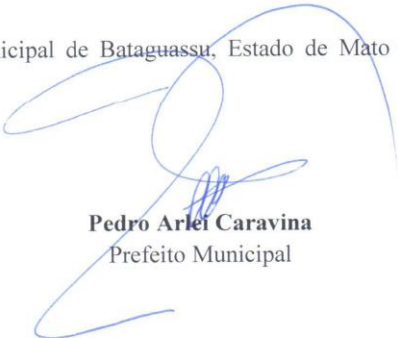
Art. 3º O "**MUSEU MUNICIPAL HELENA MEIRELLES**", será dirigido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por uma Comissão de Apoio ao Museu, ou uma nomeação junto ao Conselho Municipal de Políticas Culturais, que reflita a comunidade onde está inserido e possa auxiliar a instituição através do acompanhamento de projetos, sugestões, divulgação, análise de relatórios, de parcerias e de movimentações do acervo (aquisições e eventuais transferências) e ainda os recursos materiais e financeiros disponíveis e necessários e sua adequação.

Art. 4º O quadro de funcionários do Museu será composto por funcionários realocados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Bataguassu-MS, que farão parte do quadro funcional permanente, com suas competências técnicas definidas de acordo com a necessidade da instituição e desse plano.

Art. 5º Para a execução desta Lei Fica o prefeito municipal autorizado a abrir os créditos necessários e a fazer operações de crédito indicadas.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Bataguassu, Estado de Mato Grosso do Sul, em 21 de Novembro de 2019.



Pedro Arlei Caravina
Prefeito Municipal

Registre-se e Publique-se.



José Carlos Zanardo
Secretário de Administração e Fazenda



PREFEITURA DE BATAGUASSU - ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
Rua Dourados, 163 - Centro - Fone: (67) 3541-5100 Fax: (67) 3541-5101 - CEP 79780-000 - CNPJ 03.576.220/0001-56
www.bataguassu.ms.gov.br

ANEXO D

ENTREVISTA DE HELENA MEIRELLES PARA REVISTA MARIE CLAIRE

Helena Meirelles

Marie Claire/Lucy Dias - Alguma vez você imaginou que sua vida fosse dar essa virada?

Helena Meirelles - Não, porque fui criada que nem bicho selvagem no Mato Grosso. Quando nasci e me tornei menina-moça e de moça mulher, lá era sertão bruto, só existia bicho bravo, perigoso, e a gente tinha que viver se escondendo. Nós crescemos assim, via gente, tinha medo; se via um automóvel, nós pensava que era bicho e se escondia até debaixo da cama. *(Estamos mantendo sua fala original.)*

MC - Quem eram seus pais?

HM - Meu pai se chamava Ovídio Pereira da Silva e minha mãe, Ramona Vaz Meirelles. Ela nasceu no Mato Grosso, num lugar de nome Catiqués; ele nasceu no Paraguai, mas veio criança pra cá. Os paraguaios com os mato-grossenses são irmãos, falam a mesma língua, é a divisa, né?

MC - E ainda tem uma coisa de índio...

HM - A mãe de minha bisavó era índia pegada a laço nas matas do Paraguai.

MC - Do que viviam?

HM - Meu pai trabalhava de boiadeiro tomando conta de fazenda, viajando no estradão, o meu avô também, minha família era tudo boiadeiro.

MC - Quando descobriram que você tocava?

HM - Eu tinha uns nove anos. Meu tio tava viajando e parou com a comitiva. Aí mandou eu buscar o violão dele, afinou e começou a tocar. Eu olhei, olhei e falei: "Tio, eu queria tocar uma moda com o senhor". Ele olhou espantado: "Tocar violão?" Expliquei: "É, eu já toco um pouquinho". Ele disse: "Vai buscar o violão lá, sua merda, se você não tocar eu vou te dar uma surra". Fui mais que depressa. Na hora de afinar, ele disse: "Dá aqui que eu afino". Eu disse: "Pode deixar que eu sei". Ele ficou com os olhos arregalados vendo eu afinar. Depois eu falei pra ele solar que eu ia acompanhar. Aí arrematei: "Agora o senhor me acompanha que eu vou solar". "Mas quem te ensinou?", ele me perguntou. "Eu aprendi sozinha vendo o senhor e o Aldo (o irmão) tocar." Daí em diante ele já foi lascar para todo mundo e falando que tinha uma sobrinha que tocava e tocava muito bem. Dali se alastrou para o Mato Grosso.

MC - Seus pais proibiam você de tocar e ameaçavam cortar seus dedos?

HM - Eu dizia: "Corta, que eu toco com os tocos". Eu era capetinha desde criança. Minha mãe não pôde comigo, ninguém me segurou.

MC - No seu tempo, mulher não podia uma porção de coisas.

HM - Era muito atrasado o pessoal do sertão, mas era porque eles eram muito respeitoso mesmo. O vestido da mulherada era do colarinho cá em cima, o punho lá embaixo, a saia arrastando o chão. Do corpo só mostrava os dedos da mão e do pé. Moça que mostrasse um

pedaço do corpo era posta pra fora, rua. Não entrava mais em casa de família. Eu já era moça e a minha mãe falava de mulher da vida. Eu não entendia, "que qualidade de mulher é essa?" Mas naquele tempo não explicavam. A gente ficava lutando com os pensamentos. Eu já era mulher velha no Mato Grosso quando falavam "homem viado" eu falava "mas o que será homem viado? Será que o homem viado também fica de quatro pés, pastando lá no mato?" Depois que fui indagando o que era, teve um que falou: "A senhora não sabe o que é homem viado? É o homem que dá o cu". Eu falei: "Nossa senhora, e esse cara não morre?"

MC - Você sabia como nasciam as crianças?

HM - A minha avó, que era a parteira da minha mãe, falava que trazia o nenê na saia, lá do rio, e nós acreditava. Até que eu disse para uma prima que andava viajando pelo mundo, "ah, hoje a vó vai trazer pra nós um maninho lá do rio, na saia". Ela falou: "Larga de ser boba, é lá do rio nada. A tua mãe tá no trabalho de parto". Aí eu fiquei desesperada: "Ai, meu Deus, a minha mãe vai morrer agora. Mas é pelo nariz?" "Não é." "É pelos olhos?" "Não." "Racha a cabeça da minha mãe?" "Não. É por lá." Viu como a gente era burro? A moça casava antigamente e não aceitava o marido, não. Tinha medo do homem e o homem tinha medo da mulher. Hoje em dia, não, já cerca na rua, aí mesmo em qualquer lugar. Eu fico boba com isso.

MC - Qual foi a barra mais pesada que você já enfrentou na vida?

HM - Foi com meu pai. Ele me perseguia muito desde criança, mas com a idade de mocinha ele começou a me perseguir mais e uma vez ele se enroscou em mim. Aí eu fui pra luta e falei pra ele: "Você pode fazer comigo o que quiser, mas só depois que pular por cima do meu defunto três vezes. Do contrário você não faz."

MC - Você teve coragem de contar para sua mãe?

HM - Conte pra minha mãe, contei pro meu irmão. Mas a minha mãe não fazia nada. E foi por causa disso que eu fugi de casa.

MC - Quantos anos você tinha?

HM - Eu tinha uns 15 anos. Ele falava assim: "A terra cria, a terra come, eu também faço e também como". Eu diz pra ele: "Mas eu, o senhor não me come não".

MC - Você se casou com 17 anos?

HM - Com 17 eu tive o primeiro filho. A minha irmã casou e eu fui embora com ela. Lá apareceu o primo do meu cunhado e gostou de mim. O pai dele arrumou um padre que fez o nosso casamento.

MC - Como foi sua primeira vez?

HM - Eu achava um absurdo, eu não conhecia aquilo e ele também não sabia o que era mulher. Ele era mais velho, mas era bem jacu, bem caipira.

MC - Mas vocês conseguiram porque depois de um ano nasceu o primeiro filho...

HM - Eu tive três filhos com ele e ficamos oito anos junto.

MC - Foi bom?

HM - Sabe que uma pessoa pobre com uma pessoa mais ou menos só toma na cara, né? Ele era bem de vida e eu era pobre. Então enjoei daquela vida de viver agüentando, e eu não nasci pra isso, nasci pra vaidade, pra tocar e dançar. Então fui embora pra casa de minha mãe, passou uns tempos, apareceu um paraguaio, começamos a tocar junto, ele gostou de mim e me convidou pra ir embora.

MC - E os filhos?

HM - Foram comigo. Aí fiquei uns tempos com ele, tive mais três filhos. Nós dois amanhecia cantando e tocando, ele era muito trabalhador e gostava de mim. Mas depois ele trouxe uma outra cara e eu não gostei. Pensei: "Mas que diabo, eu não tive sorte com o primeiro, brigava, e agora pego esse que fica querendo me passar pra trás! Eu não nasci palhaça de homem. Quer saber o que eu vou fazer? Eu vou pra zona".

MC - Você sabia o que era zona?

HM - Não sabia, mas ouvia falar, né? Avisei: "Mãe, eu não tive sorte com o primeiro, não tive sorte com o segundo...agora vou ficar feito prostituta por aí. Se não der certo, não interessa. O que eu tinha mais de valor era a minha honra e eu já perdi mesmo. Então que se lasque".

MC - E se mandou.

HM - Peguei um ônibus e fui pra Dracena (oeste de São Paulo), cheguei na rodoviária e falei pro taxista: "Você me leva na zona?" O homem me levou na melhor que tinha em Dracena, na casa de uma tal de Dolores. E como eu era nova e bonita, quem não queria me catar? Falei pra ela: "Eu nunca fiz esse serviço, como é que a gente faz isso? Eu não conheço dinheiro e também não sei beber". Ela me explicou: "Olha Helena, quando chegar um homem e convidar você pra beber cerveja, você fala assim: "Eu bebo, mas quero um guaraná". Aí você mistura metade cerveja e metade guaraná, bebe de golinho em golinho até você viciar em beber. E quando entrar no quarto com o homem e transar, eu recebo pra você e depois explico quanto você ganha". Eu fui fazendo assim e você sabe que depois eu virei uma pinguça, uma cachaceira...aí, sim, fui conhecendo dinheiro.

MC - E você fazia sucesso com os homens?

HM - Fazia, eu era procurada demais, vinha gente de longe me procurar.

MC - Nessa época você parou de tocar?

HM - Aqui no interior de São Paulo eu não tocava. Toquei em casa de mulherada em Piquerobi (SP). Aí apareceu um cara que gostou de mim e falou que eu não ia ficar lá, me arrumou um hotel, mas a minha mente não era de ficar com homem, era zoar mesmo, e beber e tocar e bagunçar. Fui pra zona em Porto Epitácio (SP) e zoei, zoei, zoei; aí fui pra zona no Porto 15 (divisa com Mato Grosso) e lá zoei no meio da mulherada, no meio da boiaderama. Aí apareceu esse rapaz (o atual marido). Ele me tirou da zona do Porto 15 em 1959. Tá com 35 anos que eu estou com ele.

MC - Ele se apaixonou por você?

HM - Apaixonou e eu também gostei muito e gosto até hoje. É um coitado, meio atrasadão, mas não tem importância - Eu firmo ele e firmo eu.

MC - Quanto tempo você ficou na zona?

HM - Mais ou menos três anos.

MC - E você gostava dos homens que iam lá?

HM - Eu escolhia os homens que eu gostava, não ia com qualquer um, qualquer coisa, não. Eu era muito sistemática sobre esse negócio e não ficava na zona a troco de ter relação com homem, certo? A minha vontade era tocar e beber pra ver as companheiras zoar e quebrar o pau e dançar e gritar e ficar pelada...

MC - Quando você fala zoar...

HM - É farra. É farra em cima de farra. Era um salão imenso, cheio de mesa, e toda mesa cheia de mulher e cheia de homem. E bebe e dança e fica pelada e briga e puxa uma pelo cabelo e vira um bagunça danada. Mas eu sempre ficava no meu cantinho tocando só pra ver a farra delas.

MC - E você não se apaixonou por nenhum homem nesse período da sua vida?

HM - Não. Eu só fui me apaixonar por um homem...Um rapaz quando eu ainda estava na casa de meu pai.

MC - Quem era ele?

HM - Era um paraguaio de nome Lucio Rodrigues Fernandez. Eu amava aquele homem, mas o meu pai e a minha mãe não quis que eu casasse com ele.

MC - Por que?

HM - Porque a irmã de minha mãe casou com um paraguaio contra a vontade do meu avô e sabe o que aconteceu? Depois dela ter dois filhos, ele deu dois tiros de 38 nela. Então meu pai dizia: "Esse paraguaio está jurando você antes de casar, ele vai acabar te matando". Mas com isso tudo eu queria morrer nas mãos dele.

MC - Antes de casar ele dizia que ia te matar?

HM - Ele jurava de me matar porque era demais ciumento. Era paraguaio puro mesmo.

MC - Foi o homem que você mais amou...

HM - Eu gostei e até hoje sonho com ele. Deito na cama e fico lembrando, oh, meu Deus... O dia que falei que eu não queria mais o casamento, ele montou no burro e foi embora. Nunca mais eu vi. Depois que virei mulher da zona, procurei ele até em buraco de tatu. Se tivesse achado, sei lá, viu... [Continua na Parte 2](#)

revista: Marie Claire

jornalista Lucy Dias,

edição de junho de 1994

número 39 , pág. 40 à 44.

Marie Claire/Lucy Dias - Você teve onze filhos, e fez, sozinha, o parto de todos?

Helena Meirelles - Eu mesma é quem fiz, abaixo de Deus, porque eu fui mulher de bastante coragem. Eu não tinha um pinga de medo.

MC - Nunca teve complicação?

HM - Não. Quando eu sentia que já ia estourar mesmo eu subia na cama e tinha o meu filho deitada, sem segurar em nada nem em ninguém.

MC - E cortava o cordão?

HM - Deixava tudo pertinho, a tesoura, o iodo, tudo no jeito. Eu cortava o umbigo, media um dedo e amarrava; media mais um dedo e cortava.

MC - Você aprendeu sozinha?

HM - Foi tudo da minha cabeça porque a minha avó era parteira, mas nunca vi a vó cortar umbigo. Ouvia ela falar: "Mede um dedo e amarra; mede outro, corta".

MC - Se foi fácil parir, criar foi mais complicado: você deu quase todos os filhos, não?

HM - Sabe por quê? Eles eram pequenos, mas já sabiam limpar a bunda. Porque filho só precisa da mãe enquanto tem que limpar a bunda deles.

MC - Não dava para ficar com eles?

HM - O João eu dei porque eu tava nessa vida, né? Foi relação rápida. A menina também. Os outros dois do paraguaio eu entreguei pro pai. Sabe o que ele fez? Arrumou uma mulher e abandonou os meninos.

MC - Você tem notícias deles?

HM - Tenho, mas eles me detestam. Só o que mora em Mauá gosta de mim, e o Barbino, que mora comigo e tem 28 anos, com tudo que ele é débil mental, ele gosta de mim uma coisa bárbara.

MC - Você não se arrepende de ter abandonado seus filhos?

HM - Eu já pedi perdão a Deus porque eu entrei numa estrada suja, mas pedi pra sair e estou feliz.

MC - Você tem religião?

HM - Eu fui criada na Igreja católica, só que não vou na igreja. A minha corrente já vai direto aonde está o nosso Pai. Quando bebia pinga e bagunçava e pintava e bordava, eu tinha esses dois meninos, esse que é doente mental e o que está em Mauá, os meus caçulas, e um dia acordei cedo e sentei na minha cama, bem de ressaca. E vi os meninos fuçando no fogão a lenha, com a cara cheia de carvão. De certo eles tavam querendo comer, com fome, e eu lá

dormindo. Olhei bem assim e falei: "Mas que barbaridade. Ô meu Deus, ô meu Jesus, ilumina meus passos, me mostra uma estrada de luz, eu tô na escuridão, eu tô no espinho. Chega de sofrer com os meus filhos". Daquele dia em diante - até me arrepiar - não bebi mais e detesto gente com bebida. Fui trabalhar de empregada e nunca mais deixei faltar o pão de cada dia, nem um pedacinho de carne.

MC - Quais eram seus maiores vícios?

HM - Foi só beber, mascar fumo e tocar na zona.

MC - Quanto tempo você mascou fumo?

HM - Masquei 40 anos. Enquanto eu mascava, meus dentes estavam perfeitos. Parei de mascar, foi de fio a pavio, rápido.

MC - E a *marvada* pinga?

HM - Comecei a tomar pinga eu tinha uns 25 anos, quando comecei na zona. Bebia pinga e cerveja, não tomava álcool. A mulherada bebia, né? Bebia perfume, desodorante... No meu quarto tinha sempre três, quatro garrafas de pinga. Cheguei a beber mais de uma garrafa por dia.

MC - E o que você acha desse mundo cheio de Aids?

HM - Falo pra meu velho que graças a Deus eu tô longe disso porque eu não uso ele e ele não me usa mais. Nós estamos livres desse tal de Aids. Eu nunca vi essa tal de droga também.

MC - Sexo então acabou mesmo, você nem pensa mais nisso?

HM - Tem noite que eu sonho que estou transando e gozo até dormindo. Fui até no médico pra ver se ele me dava um remédio pra cortar, mas ele disse que não pode, é da natureza...

MC - É mentira então que a gente perde o tesão com a idade?

HM - Eu falo pras mulher até hoje: "Tem dia que sonho que tô subindo nas parede..."

MC - Como é que você se alivia?

HM - Eu gozo no sonho é a coisa mais gostosa do mundo.

MC - Essa coisa dos homens só gostarem de mulher mais nova te deixa aborrecida?

HM - Não, não me deixa porque o meu talento já é suficiente pra eu viver alegre e contente. Pode me chamar de feia que eu aceito, pode me chamar de coscorenta que eu aceito. Não é nem comigo, não ligo. Já vi gente debochando, falando que eu era feia, e eu falei: "Quero ver uma bonita chegar onde eu cheguei. Não chega". Tem muita bonita que não vai na televisão, não faz show, os jornalistas não chegam perto e é bonita dos pés à cabeça.

MC - Você é vaidosa?

HM - Quando eu era mais nova, e até há pouco tempo eu era, gostava de andar arrumadinha, usava muita pintura.

MC - E quando os cabelos começaram a cair?

HM - Faz uns oito anos. O doutor falou que em todos os velhos o cabelo tem de cair mesmo, ainda mais com tanto antibiótico e injeção perigosa que tomei.

MC - Alguém já falou que você era sapatão?

HM - O Clodovil perguntou se eu era mulher macho ou fêmea. Ninguém nunca disse sapatão, se falar vai se dar mal comigo porque é coisa que nunca aceitei, nem quando eu estava na zona. Deus deu o nosso normal, papai-e-mamãe, a parte que deixou pra nós usar. Agora a mulherada faz pra todo lado, até na boca e é na bunda, vira aquela bagunça. O que é isso?

MC - Mas na zona as mulheres não eram bastante liberadas?

HM - Eu tinha uma colega que me falou: "Helena, a minha parte da frente é virgem, eu nunca dei, eu só dou atrás". Eu fui mulher da vida, mas nunca aceitei. Eu falava: "Sou mulher família, sim, isso é um pecado mortal".

MC - Por que você acha que homem procura prostituta?

HM - Porque eles acham a mulher deles muito ruim de rabo. Tem homem que fala: "Minha mulher não sabe dá, não sabe mexer, não sabe fazer nada. A gente tem de procurar uma que faz carinho". Claro, e você acha que eu vou andar com homem que não faz carinho em mim?

MC - Mas carinho não é o que de melhor a puta sabe fazer.

HM - Sabe, sabe...Tem mulher muito carinhosa, como eu mesma. O que os meus homens sempre falavam é: "Você tem um carinho fora de série, sabe carinhar um homem". Não é só fuc, fuc, fuc, que não é galo, sobe e desce. O que é isso? Não é assim.

MC - Tem muito homem que quer fazer com a puta o que não tem coragem de fazer com a mulher dele.

HM - Eu falo: "Se o teu marido procura outra é porque você não presta. O meu marido não procura outra mulher porque eu sou suficiente pra ele". Quando amiguei com esse aí, tinha vez que eu fazia oito vezes na noite e tinha dias que ele ia pra roça e me subia aquele tesão...eu ficava doida, subia nas paredes, dava vontade de buscar ele no mato. Tinha vez que nós ia pro mato de dia.

MC - Mas tem uma história que puta não goza em serviço...

HM - Goza, goza, sim, porque eu, nossa! Era só começar a triscar, eu nem esperava o homem.

MC - Muita gente diz que em roda de viola o diabo anda por perto. É por isso que você sempre fez suas palhetas de chifre de boi em noite de Sexta-Feira Santa?

HM - Diz que tudo que toca tem parte com o capeta, menos o violino, que é em forma de cruz. Então a gente tinha que levar o violão com acordoamento novo embaixo de pé de figueira na Sexta-Feira da Paixão, da meia-noite pro dia. E depois fazer as palhetas de chifre antes do sol nascer.

MC - Se não...

HM - É muito perigoso. Tem nego que fica despeitado, dá tiro, pode até matar a gente.

MC - Você viu muito tiroteio?

HM - Já vi demais. Por exemplo, eu tava tocando lá em Barracão do Jacuí, no Mato Grosso, e de repente nego arranca o revólver 38 e dava seis tiros embaixo do banco onde estava sentada.

MC - Por que?

HM - É o *chaime* (charme) do Mato Grosso. Lá todo mundo tinha revólver 38, 22...Tudo armado. Até mulher. Eu tinha a minha faca e o meu revólver também.

MC - E aquela história do cara que furou sua viola a tiro?

HM - Isso foi no Porto (Epitácio). Eu tocava violão num bar e o cara chegou, arrancou do revólver e falou para mim: "Eu vou atirar na boca do seu violão. Levanta que eu vou atirar dentro". Levantei e ele atirou, quebrou todinho o violão. Isso não é por parte do demônio?

MC - Ele queria brigar?

HM - Não queria. É despeito. É um chaime do Mato Grosso, eles não são muito flor de se cheirar, mas são muito bons, a questão é o chaime, é o tiro. No Pantanal, tocando lá num baile tinha nego que chegava arrancando o revólver e parava de frente e atirava perto da cabeça da gente. Vinha outro dançando, parava e tornava a atirar. Então a gente ficava enxergando tudo o céu por causa dos buracos das balas nos tetos dos barracão.

MC - Depois que você saiu da zona, você desapareceu: foram 32 anos de sumiço total. Sua família dava você como morta.

HM - Não dei notícia pra ninguém. Sumi mesmo, desde 59, quando amiguei com o Constantino (e atual marido). Só apareci agora. (Foi graças a essa reaparição que sua descoberta foi possível: seu sobrinho Mário Araujo, que também é músico, resolveu investir na ovelha negra da família, mandando uma fitinha com três músicas e uma carta para o editor da *Guitar Player*. Dois meses depois, soube que Helena foi eleita a artista do mês de novembro de 1993).

MC - Por onde você andou por todo esse tempo?

HM - Fiquei por esse mundão velho trabalhando, fui pro Pantanal, andei por lá tudo. Trabalhava de empregada, lavadeira, cozinheira pros peão. Meu marido no estábulo. E toda fazenda que ele ia, eu ia também.

MC - Tem alguma coisa da qual se arrependa?

HM - Nunca me arrependi de nada.

MC - Se pudesse começar de novo...

HM - Eu tinha coragem de tocar uma zona por minha conta. E se me convidarem, eu vou. Vai eu e o meu velho também.

jornalista: Lucy Dias

Junho de 1994 , número 39

página 40 à 44.





SOBRE O AUTOR

Hoje, sábado, dia 5 de setembro de 2020, enquanto escrevia essa nota, ao mesmo tempo eu escrevia um novo capítulo da minha vida. Às vezes o aniversário não é só o peso de mais um número, mas a fluência de uma vida bem vivida.

Para chegar até aqui, escolhas significaram sacrifícios, que significaram algumas perdas, mas que no final a

gente sempre recupera de novo pois, como diz o ditado, "é necessário perder ou saber perder para que coisas melhores venha". É verdade.

Minha saga começou aos dois anos e cinco meses de idade, lá atrás, quando perdi meu pai vítima de um infarto. Lembra que disse lá em cima que quando se perde uma coisa a gente ganha outra? Pois bem, minha mãe assumiu os dois papéis, de uma maneira leve, didática (às vezes enérgica), mas sempre com muita maestria. A rigidez e preocupação na minha educação por parte dela, hoje entendo que era para eu não me perder, não ser mais um em meio à multidão, deu certo? Acredito que sim, aos trancos quando me encontro perdido (pensando em desistir) eu acabo me lembrando do caminho que trilhei, e só isso já é o bastante para que eu me coloque dentro dos eixos novamente.

Um pouco acima dos sofridos 15 anos, adolescência é um quadrilátero que quando pensamos estar numa ponta, já estamos em outra (muito oscilante), confesso que achei uma das fases mais complicadas e emburradas, porém mais uma vez minha mãe entra em cena para mostrar qual caminho seria o mais vertente de se seguir.

Aos 18 eu já sabia trilhar tudo (com alguns escorregões), mas andava até bem. A fase da adolescência tinha se acalmado, e o raciocínio que sempre esteve em cena, ganhou um espaço dedicado (época de finalização do colegial e muitas loucuras), em 2013, o ápice do terceiro e último colegial, bagunças boas, saudáveis,

novas amizades que perduram até hoje e que as vezes me pego entre uma coisa e outra, viajando o túnel do tempo e revisitando tudo o que foi de bom naquela época.

Encerramento de terceiro ano...

E agora? O que fazer? Sei que você que está lendo também se fez essa pergunta! E é normal.

No começo atingindo a maturidade dos 20 anos, a gente sempre quer mudar o mundo, né? Sei que é! Comigo não foi diferente. Iniciei em 2015 uma faculdade de Direito, mas ali permaneci até o primeiro semestre de 2016, difícil? Não! Mas achei que não era hora ainda.

2017, entrada para o curso de comunicação...

As velas do meu barco, os ventos fizeram questão de mudar, cai no curso da Unoeste como se eu estivesse fazendo *parkour* (esporte radical).

Primeiro termo tive a honra de conhecer pessoas e professores privilegiados de saber e encanto para ensinar, e eu? Tentado me disfarçar dentro de um universo totalmente novo, na verdade eu estava com vergonha.

Segundo termo já um pouco melhor adaptado, cheguei a explicar para uma professora que eu não tinha a mesma facilidade de verbalizar, quanto eu tinha para escrever. Diagnóstico: trauma e bloqueio, fiquei na mesma hora tentando lembrar quais traumas seriam esses, com uns 20 minutos eu me lembrei, me lembrei da época da quarta série, quando a professora botava os alunos para responder contas na lousa, mas de um em específico ela ria e justo esse ficava com muita vergonha, aquele garotinho do passado, bem... Ele era eu.

Relatei a ela o que aconteceu, e ela disse que eu não deveria deixar a "magia" e luz interna se apagar por causa de um evento, que já passou, ela se comprometeu a ajudar, simplesmente! E assim à passos largos comecei a ficar mais "falador", a vezes em apresentação eu engasgo, mas é normal.

Lembra da magia citada um pouquinho mais acima? Pois é a magia dela me fez encontrar aquela luz no fim do túnel, sabe o nome da minha salva vidas? É mais que uma amiga: Lêda Márcia Litholdo.

Quinto termo...

Mais da metade de um tempo percorrido, telejornalismo chegando, minha preocupação era se eu daria conta de tudo, mesmo com a minha timidez que eu não conseguia driblar, às vezes a gente tem que vestir carapuça de outras pessoas, ou seja, nos imaginar como a pessoa que nos faz bem e fingir ser ela para conseguirmos seguir a diante, foi o que fiz.

Oitavo termo chegou, me pego perguntando como cheguei até aqui, depois que a gente olha para trás e vê que a gente passou por tanta dificuldade, às vezes nos separamos com uma ou outra matéria difícil ou as adversidades que vida nos impõe, talvez até com as rasteiras que levamos, mas quando caímos cabe a nós mesmo decidir se nos levantaremos e chacoalharmos a poeira ou ficaremos no chão lamentando o leite derramado.

Lição de vida...

Se você chegou até aqui, e se senti como eu me senti lá no início deste texto, quero deixar o meu recado para ti.

Sabe quando a gente tropeça na quina da calçada, mas sorrindo dizemos "opa" ou o famoso "ai que mico?" A vida é exatamente assim, ventos que nos levam para inúmeras direções, os obstáculos são como aquela quina da calçada, pequena demais para fazer com que a gente caia e deixe de seguir nos sonhos.

Um abraço a você!